UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

LUCAS FLÁVIO BATALHA DE LIMA

Ensaio sobre os sonhos diurnos: reflexões a partir de Freud

São Paulo

2015

Lucas Flávio Batalha de Lima

Ensaio sobre os sonhos diurnos: reflexões a partir de Freud

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia

Área de concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano

Orientadora: Prof.^a Associada Ana Maria Loffredo

São Paulo

2015

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Lima, Lucas Flávio Batalha de.

Ensaio sobre os sonhos diurnos: reflexões a partir de Freud / Lucas Flávio Batalha de Lima; orientadora Ana Maria Loffredo. -- São Paulo, 2015.

123f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Freud, Sigmund (1856-1939) 2. Psicanálise 3. Sonho diurno 4. Devaneio 5. Figuração
I. Título.

RC506

Nome: Lima, Lucas Flávio Batalha de

Título: Ensaio sobre os sonhos diurnos: reflexões a partir de Freud

Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo, para
obtenção do título de Mestre em Psicologia

Aprovado em: __/__/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Para Aline,

Para meu pai Lúcio e minha mãe Lêda,

Para meu irmão Álvaro e minha irmã Laís,

Para minha avó Melice,

Para meu primo Mateus,

E em especial para Ana Maria Loffredo

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao CNPQ, cuja bolsa concedida tornou possível a dedicação a esta pesquisa.

Agradeço aos meus pais, que me ensinam do amor e do sentido da vida.

Agradeço aos meus irmãos, por quem busco construir um mundo melhor.

Agradeço à minha companheira, Aline, que com amor, cuidado e paciência torna o meu caminho claro e ameno.

Agradeço aos meus professores, que me ensinaram a pensar, a sentir, a respeitar e a existir.

Agradeço aos meus amigos Ruy, Marcelo e Victor, pelas lembranças e pela amizade duradoura.

Agradeço à Mariana e à Michelle, pela amizade e por me ensinarem do humor.

Agradeço à Juliana, que faz com que eu tenha esperança nas pessoas.

Agradeço ao Lucas e à Iara, amigos tão importantes e saudosos.

Agradeço aos professores João Frayze-Pereira e Érico Vianna Campos pelas contribuições em meu exame de qualificação.

Agradeço à todos que tornaram esse trabalho possível.

Agradeço ao André de Martini, por me acompanhar aos lugares mais longínquos.

E agradeço em especial à Ana Maria Loffredo, que me acolheu e ensinou a ler.

“Nós somos do tecido de que são feitos os sonhos.”

Shakespeare

RESUMO

Lima, L. F. B. Ensaio sobre os sonhos diurnos: reflexões a partir de Freud. 2015. 123f. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

O presente trabalho prima pela descrição de um estado psíquico especial, o estado de "sonho diurno", bem como pela sua fundamentação teórica a partir do pensamento de Freud. Nosso método consistiu em empreender uma pesquisa teórica e, para tanto, abordamos um período de publicação da obra do autor, até o ano de 1900. Vasculhamos textos em busca de subsídios que tornassem possível uma reflexão sobre a natureza do "sonho diurno". Trabalhamos, assim, em especial, três obras do autor compreendidas no período referido, dedicando um capítulo de nosso trabalho para cada. A primeira foi "A interpretação das Afasias" (1891/2003), de onde extraímos considerações fundamentais sobre a concepção de "representação". A segunda obra considerada foi "Estudos sobre a histeria" de Breuer e Freud (1893-1895/2006), onde desenvolvemos considerações acerca da etiologia da histeria e buscamos mostrar uma evolução na postura clínica de Freud, que o teria levado a uma posição diferente em relação à "tendência ao devaneio", realizando um emprego da atividade imaginativa como dispositivo de pesquisa psíquica. A terceira obra que trabalhamos foi "A interpretação dos sonhos", em cujo capítulo de nosso trabalho realizamos uma análise dos conceitos de "sonho diurno" e de "figurabilidade". Ademais, trabalhamos junto a tradutores da obra de Freud para verificar questões de tradução de termos importantes, como "figuração" (*Vorstellung*). A leitura dos textos nos possibilitou a colhida de uma série de considerações de Freud, a partir das quais tecemos diversas discussões orientadas pelo nosso objeto "sonho diurno".

Palavras chave: Freud, Sigmund (1856-1939); Psicanálise; Sonho diurno; Devaneio; Figuração.

ABSTRACT

Lima, L. F. B. An essay on daydreaming: reflections on Freud's thoughts. 2015. 123p. Dissertação (Master Degree). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

The present work aims to describe the “daydreaming” psychic state, and to provide it some theoretical background, supported by Freud's thoughts. Our method of work consisted on carrying a theoretical research, and in order to perform it, we approached the author's published works until the year 1900. We focused, specifically, on three of Freud's works. The first one was “On aphasia: a critical study (1891)” where we took some considerations on the notion of “idea” (representation). The second work we analyzed was “Studies on Hysteria” (Breuer & Freud, 1893-1895), in which we worked the etiology of hysteria and where we tried to show an evolution on Freud's clinical approach, which may have led him to a different position concerning the consideration of “a tendency to daydream”. We believe Freud employed imaginative action as a research tool for the psyche. The third work we analyzed was “The Interpretation of Dreams” (1900), where we worked the notions of “daydream” and “representability”. Furthermore, we worked on the publishings of some of Freud's translators as to verify matters of translations, such as the present in notions as “presentation”. Our study provided us with many of Freud's discussions and ideas, which guided our own considerations of the “daydreams”.

Keywords: Freud, Sigmund (1856-1939); Psychoanalysis; Daydream; Reverie; Presentation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Esquema psicológico da representação da palavra	59
Figura 2 – Esquema anatômico do campo associativo da linguagem	62

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
1. A história do desenvolvimento do interesse pelo tema	12
2. Diário da Pesquisa	21
 1. DO OBJETO DA PESQUISA: “OS SONHOS DIURNOS”	30
 2. MÉTODO E OBJETIVOS	37
2.1 Método	37
2.2 Objetivos	39
 3. UMA LEITURA DE “A INTERPRETAÇÃO DAS AFASIAS”	44
3.1 Do interesse por “A interpretação das Afasias”	44
3.2 Do “paralelismo” entre psicológico e somático	47
3.3 Memória na concepção freudiana de 1891	52
3.4 Da inseparabilidade entre “representação” e associação	54
3.5 Uma visão de “linguagem” para Freud	57
3.6 A “palavra” e suas relações com os objetos	59
 4. CONSIDERAÇÕES SOBRE “ESTUDOS SOBRE A HISTERIA”	65
4.1 Por que escolher os “Estudos sobre a Histeria”?	65
4.2 Reflexões a partir das notas preliminares do editor inglês James Strachey	66
4.3 Investigação de uma divergência teórica entre Breuer e Freud: os “estados hipnóides” ...	71
4.4 A etiologia da histeria para Freud	78
4.4.1 Freud e o método da sugestão hipnótica	79
4.4.2 As dificuldades inerentes ao uso da hipnose no método catártico	80
4.4.3 “Resistência” e “defesa”	85
4.5 Considerações parciais	89

5. PECULIARIDADES DA CONCEPÇÃO DE “FIGURAÇÃO” EM “A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS”	91
5.1 “Sonho diurno” em Laplanche e Pontalis	91
5.2 A consideração freudiana pelos sonhos diurnos em “A Interpretação dos Sonhos”	92
5.3 Sobre um estado de atenção especial necessário para a auto-observação	96
5.4 A consideração pela figurabilidade	99
6. A QUESTÃO DA TRADUÇÃO DE <i>DARSTELLEN</i> POR “FIGURAÇÃO”	102
6.1 “Figurabilidade” ou “representabilidade” em Laplanche e Pontalis	103
6.2 As considerações de Luiz Hanns	105
6.3 Figuração ou representação: diferenças fundamentais	108
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
8. REFERÊNCIAS	119

APRESENTAÇÃO

A razão de tua queixa, segundo me parece, se encontra na coação que o teu entendimento impõe à tua imaginação. Neste ponto, preciso esboçar um pensamento e lhe dar uma forma sensível por meio de uma imagem. Não parece bom, além de desvantajoso para as obras criativas da alma, quando o entendimento examina com demasiada severidade, já nos portões, por assim dizer, as ideias que chegam. Considerada isoladamente, uma ideia pode ser muito insignificante e muito excêntrica, mas talvez ela se torne importante por meio de outra que venha depois dela; talvez, numa certa ligação com outras ideias que talvez pareçam igualmente insípidas, ela possa resultar num elo bastante útil: o entendimento não pode julgar tudo isso se não conservá-la pelo tempo suficiente para vê-la em ligação com essas outras. Em compensação, numa cabeça criativa, me parece, o entendimento suspende a vigilância dos portões, as ideias entram de maneira desordenada e só então ele observa e avalia a multidão. Vocês, senhores críticos, ou seja lá como for que se chamem, têm medo ou vergonha da loucura momentânea e passageira que se encontra em todos os criadores típicos e cuja maior ou menor duração distingue o artista que pensa do homem que sonha. Daí as queixas de esterilidade, pois vocês rejeitam cedo demais e separam com rigor excessivo (Carta de Schiller à queixa de seu amigo sobre sua escassa produtividade, citado por Freud, 1900-1901/2013, p. 124)

1. A história do desenvolvimento do interesse pelo tema

A inspiração para a presente pesquisa passou a despontar em mim, alguns anos atrás, quando me deleitava com a contemplação de algumas obras plásticas visuais. Primeiro, lendo histórias em quadrinhos, percebi que estava tomado por uma calma e por uma sensação de acolhimento muito confortantes. Não pude compreender do que se tratava no momento. Tentei estabelecer relações entre meus sentimentos e o enredo desenvolvido na história, mas o único fato que consegui circunscrever para tentar justificar meus sentimentos emergentes era o de que quadros de rostos eram os que me rendiam mais prazer, na forma do que posso tentar apelidar de sensações de serenidade, leveza e despreocupação. O que eu sabia é que passava por um momento muito atribulado e triste em minha vida, e estava bastante esgotado. Não vislumbrava muitas alternativas de ação, e meu modo de pensar estava bastante saturado. Sentia-me e me observava quase incapaz de dar cabo das tormentas que enfrentava. Em sequência, passei vários dias sem nenhuma deliberação, na verdade, explorando aqueles quadros (quadrinhos) e o universo de rostos que aquele artista me proporcionava. Entretinha-me, e foi apenas após o

terceiro dia bastante recluso e imerso que me dei conta de quanto tempo havia passado desde que eu começara minha leitura da estória. O tempo havia passado e me surpreendi com o quão envolvido eu havia estado. O que era mais notável era uma gama de sentimentos que eu percebia estarem no cerne daquela experiência para mim. A exposição àquele trabalho plástico me rendia uma sensação muito específica. Primeiro, e mais importante, era como se todas as dificuldades com as quais eu me atribulava haviam simplesmente sido relegadas a um segundo plano em meu pensamento, eu havia praticamente me esquecido das mesmas. Em seu lugar, eu sentia as benditas sensações que tento descrever como sensações de calma e ordenamento interno. Foi justamente este fato que me deixou bastante aturdido. Ocorreu-me uma ideia muito estranha para tentar justificar como eu havia trocado tão facilmente o meu mundo de problemas por outro, sem que, em minha consciência, pudesse me recordar de ao menos desejar fazê-lo. Pensei que era como se uma energia fluísse dos quadros diretamente para dentro de mim, originando os afetos que eu experimentava. Estes afetos tinham um grande poder, pois haviam, no correr daqueles dias, se tornado hegemônicos em sua presença dentro de mim, ao passo que também me rendiam sensações de estrutura interna, de tranquilidade e de regozijo. Eu posso dizer que naqueles dias eu senti menos dor, ou ao menos dei menos atenção à dor que me perturbava. No lugar daquela sentia deleite pelos quadros, por seu enredo, e inconfundivelmente sentia como se minhas energias tivessem se restaurado e como se eu estivesse bastante mais organizado. Devo retratar que, neste mesmo período, eu passava por uma situação pessoal complicada, e que eu estava em processo de saída de uma análise. No próximo mês eu partiria de viagem para o exterior, aonde passaria uma temporada. Eu estava um pouco receoso, e como já disse anteriormente, sentia-me bastante restrito em minha capacidade de compreender minha situação, seus fatores determinantes, e lidar com a mesma. O descanso advindo do contato com os quadros foi bem-vindo, e marcou para mim, talvez de forma inédita e passível de recordação, a sensação de que eu, meu pensamento e minha capacidade de compreensão não podíamos abarcar intelectualmente o que estava a se desdobrar dentro de mim. Não sabia se poderia atribuir minha experiência a uma parte estranha minha, ou se de fato devia contabilizar aqueles efeitos aos quadros a que me expunha.

As dúvidas que surgiram deste episódio, por fim, eram simples. Podemos resumi-las em questões. Primeiramente, o que havia acontecido com os sentimentos de dor e as angústias anteriores? Qual foi seu destino no período referido? Em segundo lugar, o que originara os afetos específicos que observei se desvelarem em mim enquanto contemplava os quadros?

Aquelas sensações poderiam ser consideradas um recurso do meu psiquismo que visava a lidar imediatamente com a situação de sofrimento em que eu me encontrava?

Estas questões denunciaram uma tendência de pensamento que logo pude identificar em minhas reflexões. Eu estava bastante tentado a assumir que uma parte do meu psiquismo havia oportunamente cuidado por lançar um desejo em mim que me prendeu ao mundo daqueles quadros, o meu interesse haveria sido gerido para ligar-se aos mesmos. Neste sentido, talvez os afetos daquele dia estivessem operando como uma defesa que buscava me afastar de uma situação interna penosa perigosamente próxima, despertada por minhas experiências anteriores. O encanto pelo quadro poderia ser assim, de fato, uma espécie de distração. O elemento central que fomentava estas considerações era uma ideia de que havia um intuito direcionado dentro de mim, uma espécie de tentativa de apaziguamento da dor e de reestruturação. Eu precisava me haver com o fato de que, conscientemente, não tinha nenhuma compreensão do que era aquele movimento “protetor”, autônomo, e nem de sua origem.

Após o incidente, fiquei tomado por questões que buscavam entender como eu havia me “perdido” daquela forma sem ao menos perceber, e que, ao mesmo tempo, tentava compreender de onde havia surgido aquele “auxílio afetivo”, pois o sentimento de descanso e organização interna foi bastante oportuno naquele momento. Fiquei tão impressionado com o fato que persisti a refletir. Não compreendia o ocorrido. Era ininteligível para mim a forma como a minha mente havia se relacionado com as imagens observadas nos quadros. Indagava ingenuamente se os sentimentos haviam se originado de mim, ou se decorriam de minha exposição aos mesmos. Tentava realizar uma consideração sobre a relação entre ambos, na esperança de que a mesma pudesse ser mais frutífera na busca por respostas. Minha compreensão era demasiadamente rústica e insipiente.

Este tipo de consideração logo me soou muito perigosa e pouco rigorosa. Parecia-me simplista e romântico demais supor que uma “força” havia me lançando em uma experiência intensa e afetiva, fortuitamente lançada durante a aproximação a uma história em quadrinhos. Para mim, isso significaria praticamente admitir que uma parte minha havia buscado uma espécie de cura para as minhas mazelas, e me guiado até uma imersão em um mundo de imagens e sentimentos despertados pelos quadros. Minhas reflexões não me permitiam considerar que eu havia imergido naquele universo paralelo da arte por força de um impulso meu. Que sentido faria eu pensar que, em um momento árduo, o meu próprio psiquismo havia engendrado uma série de sentimentos, uma espécie de estado refratário, no qual indolentemente eu havia

embarcado para uma espécie de “férias” em mim mesmo? Seria estranho demais supor que um trabalho psíquico poderia tão pungentemente afastar a consciência de alguns focos, mover um interesse para a percepção de imagens de arte para, finalmente, permitir que a mesma consciência pudesse retornar aos seus pensamentos e formas normais, percebendo que havia sido vítima de uma “baliza” que, para completar, “havia posto ordem na casa” e restaurado muito de minha energia. Eu não descartei esta hipótese.

No entanto, em contrapartida, uma outra hipótese necessitou ser aventada. Talvez, aquela experiência de breve regozijo não se devesse a um movimento “intencional” (no sentido de dirigido, com uma meta) inconsciente de minha psique. Talvez eu não precisasse supor nenhum “instinto de auto cura” mirabolante para justificar minha vivência. O fato de alguns quadros em especial me chamarem a atenção, principalmente o de rostos que eu percebia como tristes, levou-me a pensar que aquele “estado” adveio factualmente de algo que emanava do próprio universo daquela obra de arte. Era mais simples pensar que o mundo que eu visitara, de imagens ricas em sentimentos benfazejos e destoantes dos da minha vida cotidiana, fosse um efeito de minha exposição aos quadros.

Novamente me vi tomado por um pensamento que buscava encerrar uma explicação sobre o que vivera. Esta também me desagradava por seu tom extraordinário e pela própria estranheza que a ideia gerou em mim. Considerei que o quadro havia me inflado com uma espécie de energia que havia me limpado de minhas mazelas, havia posto minhas feridas em suspensão e no momento quando esta energia sanou de fluir continuamente por mim, eu finalmente me percebi distante de seu efeito “hipnótico”. Supus ser esta energia, oriunda diretamente dos quadros, que como um “tônico”, havia me mantido estruturado e em estado de deleite. Eu havia sucumbido, talvez pela primeira vez com essa intensidade, aos efeitos de uma obra de arte, a um ponto em que se tornava difícil discernir o que acontecia em minha subjetividade, visto que o limite entre o que era meu anteriormente à exposição e o que advinha da recepção da obra se tornara tênue e inseparável. Esta ideia foi de fato a mais sedutora para mim, e deixei-me habitar pela mesma e suas possibilidades por um longo tempo, tentando não desmantelá-la.

Deste ponto, uma outra série de dúvidas passaram a despontar em mim. Dentre elas, por exemplo, eu buscava entender a razão pela qual eu havia sentido aqueles sentimentos de “paz e descanso” em específico. Em segundo lugar, eu buscava identificar novamente qual era a relação entre meus sentimentos penosos anteriores e os sentimentos supostamente advindos da

fruição daqueles quadros. Por que eles haviam se sucedido e se alternado, e não se superposto? Seria coerente pensar que eu poderia ler os quadrinhos enquanto me sentisse ligeiramente triste, ainda me aturdindo com a minha situação passada, incapaz de fugir da mesma. No entanto, eu sentia como se o estado de “fruição das imagens” fosse um produto ou condição psíquica especial, que de fato havia sido conjugado em sua função naquele momento particular. Ele entrara no lugar de meu sofrimento, me acalentara, para enfim me liberar restaurado. Era exatamente isso que me parecia tão difícil negar: o estado parecia ter tido uma função restauradora muito específica e momentânea dentro de mim.

Viajei pouco depois e vivi um momento muito feliz em minha vida. O retorno à casa também foi ameno, e sentia novidades em meu trato comigo mesmo. Não pensei mais sobre o tema diretamente, até que algo me fez lembrar das sensações experimentadas.

No período entre setembro e outubro é muito proveitoso estar na Cidade Universitária da USP, em São Paulo. As árvores de Ipê amarelo estão carregadas e, em poucos dias, as flores são lançadas ao ar, onde gravitam e habitam o ar por meros momentos, depositando-se por fim sobre todas as superfícies. Temos nesses dias flores pelo ar e um tapete amarelo no chão, aonde quer que pisemos. O fenômeno dura poucos dias, mas é sempre memorável. Em um desses dias, tive a sorte de passar uma tarde livre na USP, a céu aberto. Em uma praça, sentei-me em um banco e observei as flores, de forma prazerosa e de início atenta às mesmas. No entanto, minha atenção foi se reduzindo, fui ficando relaxado e embarquei em uma espécie de sonolência lúcida. Observava o ar, observava a copa das árvores, observava as flores mortas, mas tão vivas, a cobrir o chão. Quando me dei conta, percebi que havia passado muito tempo, e que eu havia me distraído quase por completo. Eu não havia cochilado. Parecia estar hipnotizado. Lembrava de estar pensando e visualizando imagens dentro de mim. A sensação era muito amistosa. Lembrei-me dos quadros...

Em um certo dia, caminhando para a minha casa, percebi que estava muito distraído. Andava e pensava bastante, sem com isso atentar exatamente ao que refletia em minha mente. Quando dei-me conta, eu havia parado e estava a olhar a região montanhosa perto de minha casa. Mais especificamente, eu observava como a grama nascia de forma desafiadoramente próxima ao asfalto. Havia um verdadeiro matagal ali. Percebi que, ao olhar o chão, ele parecia me mostrar mais detalhes sobre si. Quanto mais próximo eu olhava, mais seu desenho se tornava complexo e infinito. Tomei um susto ao perceber que novamente eu havia “embarcado” em

mim mesmo, que estava pensando coisas distantes e que embora eu estivesse observando o chão, de fato minha mente considerava outras coisas, quase como em sonho.

Com o passar de alguns anos, e sempre testando o mesmo tipo de contemplação - e isto significa não fazer nada de específico e focado e se deixar levar em devaneios - ainda não havia atingido nenhum pensamento que formulasse suficientemente, que me fornecesse uma súmula do que se tratava este tipo de experiência. Assim, em um dia novamente caminhando até minha casa, adveio-me a ideia de que eu captava nesse estado uma espécie de sentido, comunicado exclusivamente através das imagens e sentimentos que floresciam em mim. A linguagem e meu pensamento não compreendiam imediatamente o que eu vivia nestes momentos, pois eles se davam essencialmente através de uma sucessão de imagens, e era difícil e mesmo indesejado tentar travar qualquer espécie de raciocínio muito focado e lógico. Era exatamente esta a essência do que eu vinha vivendo. Finalmente, surgiu a ideia de que as imagens podiam comunicar algo que antecipava mesmo a compreensão consciente, normalmente feita com linguagem.

A partir daquele momento passei a me atentar e desenvolver esta habilidade estranha. Passei a ser ligeiramente apto a acessar este estado subjetivo voluntariamente. Consigo me distrair facilmente. Gosto de observar as coisas em seu detalhe, bem proximamente. O chão é sempre um objeto fascinante. Repleto de ranhuras, desenhos esculpidos em sua superfície, há um infinito de detalhes, em cada pequena área. Os tampos de mesas também são assim, e no fundo todos os objetos são assim, infinitos em suas marcas sensíveis. Se paro para observá-los, e o faço despretensiosamente, eles me ajudam a sonhar acordado, realmente me fornecem uma sensação de calma. Contudo, se paro e tento extrair-lhes todos os detalhes, sinto-me extremamente angustiado, pois percebo que estes são infinitos e nunca poderia fazê-lo.

Por fim, após minha experiência com os quadrinhos e com as flores da USP, bem como minhas aventuras com o chão, eu ainda viria a ter outro tipo de vivência de imersão a um universo interno de imagens e sentimentos. Só dei-me conta do quanto ela era fundamental para mim, e do quanto eu já a vinha experimentando com frequência algum tempo depois. Após o regresso de minha viagem, busquei um novo analista com quem viria a me consultar. Nossos encontros me ajudaram a ter um rol de vivências que aprofundaram meu conhecimento prático e pessoal sobre a minha situação com a sensação de distração e minha imersão em um “mundo de imagens”. O analista em questão é bastante receptivo, e em minhas sessões, com frequência entro em uma espécie de “estado hipnoide”, emprestando a expressão de Breuer e Freud, em

“Estudos sobre a histeria” (1892-1895a/2006), texto sobre o qual uma sessão posterior deste trabalho visará a esmiuçar. Uma parte de minha consciência cotidiana parece dar lugar a outra forma de consciência, mais atenta a um “sonho desperto”, uma sucessão de imagens e sentimentos. Aproveito-me das sessões para explorar ao máximo a minha chance de vagar pelas imagens que fecundam em minha consciência e buscar outros elementos a estas associadas. Afinal, isto me lembra demais a “regra de ouro” para os pacientes da psicanálise, postulada por Freud, a livre associação dos conteúdos mentais.

As sessões de análise constituíram um ótimo laboratório de amostra para que eu travasse um conhecimento do meu dito “estado distraído”. A diferença fundamental entre este estado e aquele ocasionado pela contemplação de obras de arte ou por objetos naturais parecia bastante simples: a presença de meu analista. Por muitas vezes, em minhas sessões, surge em minha mente alguma imagem, acompanhada de diversas sensações e sentimentos. A elas, complemento com imagens que parecem surgir ativamente em minha mente, e assim acabo por criar modelos imagéticos, algumas alegorias, algumas metáforas, que tento transmitir por meio de linguagem ao meu analista. A sessão transcorre como uma espécie de teatro interno, no qual tento fazer meu analista ser a audiência. Sempre achei muito curiosa a oscilação entre imagens que parecem simplesmente brotar na consciência e aquelas para as quais de fato eu necessito realizar certo esforço para constituir e complementar meus recursos comunicativos. Às vezes há ainda os sonhos, que revividos em memória, também se manifestam através de imagens. Assim, em análise, o tempo vaga, e ao fim de uma sessão, sinto quase como um despertar. Necessito me reordenar e preparar para enfrentar as vizinhanças da rua que me aguardam ao deixar o consultório.

Para além de minhas sessões como paciente, a leitura dos textos de Freud colaborou com a formação de algumas ideias a este respeito. O estado que descrevi anteriormente, de absorção entre as figuras dos quadros, ou ainda, de um devaneio distraído no meio de flores, de uma atenção desatenta, desfocada, mas ainda assim vívida e ativa, lembra bastante o par de conceitos clínicos de livre-associação e seu contraponto no analista, a atenção-flutuante. Com relação à associação de ideias, teremos oportunidades de refleti-la em nosso trabalho, pensando na rede de representações que parece percorrer. A atenção-flutuante, por se tratar de um conceito referido à clínica, serve-nos como exemplo bastante paradigmático de uma atividade de formulação, em parte imagética, talvez até fantasiosa, sobre o que é transmitido pelo paciente. A “regra de ouro” da psicanálise clama pela atividade mental distraída, descentrada,

mas que na verdade é responsável por captar e tornar tangível conteúdos que eram disformes, refratários: conteúdos do inconsciente. Ressalto que esta atividade requer uma grande dose de “imaginação”, e é interessante remarcar os tipos de imaginação: um espontâneo, para o qual não possuímos controle, que faz surgir imagens estranhas à mente; e outro mais controlado, que parece sujeito à vontade, que organiza, rememora o passado para construir ideias estruturadas.

Ainda em relação à análise, pretendo apontar uma característica da experiência interna de imagens que me pareceu de fundamental importância para esta pesquisa. Em análise, com certa frequência, em momentos diversos, em dias mais calmos ou penosos, as imagens se constelam em meu pensamento e de certo orientam a criação da forma do que eventualmente consigo comunicar ao meu analista. O que é bastante peculiar e deveras estranho são as situações em que imagens muito estranhas aparecem associadas a conteúdos que à primeira vista, pouco têm em comum com os tópicos discutidos na sessão. Por vezes, o surgimento destas imagens requer sessões inteiras de tentativa de expressão, de transformação em linguagem verbal e, em outros momentos, como resposta a diversas experiências, tudo o que surge em mim são imagens. Ora, isto nos importa, pois busco retratar a aparente possibilidade das imagens carregarem sentidos que podem ser eventualmente comunicados. Sugere-se que as imagens contêm um potencial formativo e comunicativo, e que, em si, podem comunicar, como uma espécie de linguagem. Revelamos assim uma das suposições que esta pesquisa visa a trabalhar e refletir. Imagens comunicam.

Considerando este interesse principal pelas imagens espontâneas, que em um estado psíquico especial não tardam a surgir, eu passei a sentir a necessidade de transformar essas sensações tão particulares em uma pesquisa. Esbarrei em grandes dificuldades ao me dar conta de que eu aparentemente não conseguia definir um objeto de pesquisa inicial. Não sabia se se tratava das imagens em si, de seu conteúdo, do estado mental que era condição de seu surgimento ou da forma como este estado se relacionava com o mundo externo. Parecia que me faltava muito para delimitar rigorosamente meu objeto, que para se tornar pesquisa necessitaria deixar de ser um “ensimesmamento prazeroso” para se tornar um alvo de observações criteriosas, ordenadas e lógicas. O desafio passava a ser exatamente o de constituir uma forma de investigação, um método que permitisse travar conhecimento sobre tais imagens. Surgia assim a dificuldade que me acompanharia por toda a extensão deste trabalho, em que se teve de propor um método quase na expectativa de que esse ajudasse a circunscrever e fundamentar seu objeto de consideração.

Assim, em minhas tentativas de delimitar meu objeto de pesquisa, passei a tentar intencionalmente desenvolver algum nexos entre minhas experiências, na esperança de que providenciassem um ponto de partida sólido, a partir do qual o resto se organizaria. Assim, por exemplo, recorde-me de haver aproximado minha experiência de imersão no mundo dos quadrinhos ao “devaneio” ocasionado pelas flores. O fundamento de tal conexão entre os dois tipos de experiência passou a figurar como o fato de as experiências parecerem ser “facilitadas” pela exposição às imagens. No caso da exposição aos trabalhos de arte, a percepção daqueles ocasionava uma representação interna, na qual a imagem visual me parecia o principal elemento. Já a percepção da natureza (ou de qualquer objeto natural, mesmo manufaturado pelo homem), também se fazia presente através de uma representação, que, em si, continha uma imagem. Neste sentido, arte e natureza ocasionavam imagens que, quando observadas com certa distração, acabavam por me levar a um estado distraído.

Estas foram algumas das experiências, questões e reflexões que marcaram a gênese deste trabalho. É também ainda tentando compreender o que ali ocorria que me motivo a realizá-lo. Estes relatos são de fatos que ocorreram há aproximadamente 6 anos. Outras experiências se acumularam e me ajudaram a pensar e esclarecer alguns aspectos de minhas experiências. Hoje é evidente para mim que possuo certa tendência a me distrair com certa facilidade. E quando me distraio, não tarda o início do fluxo de imagens em minha mente. Este estado lembra demasiadamente o estado em que adentro em muitas sessões de análise. Atualmente, minha mente “se solta e voa” quando dirijo sozinho. Resido um pouco longe de São Paulo, então tenho tempo para me dedicar a este estado. Hoje sei e aceito que este estado é de maior importância para a minha sobrevivência e saúde psíquica.

Se para o leitor deste trabalho a descrição deste percurso parecer confusa e suas ideias e formulações precárias, justifico que quis tornar este relato o mais próximo da forma como vivi e refleti tais experiências. Muitas outras experiências se acumularam e me ensinaram mais sobre o “imaginar”, mas o próprio tempo e o amadurecimento me ajudaram a me aproximar de forma mais objetiva de meu interesse. Não poderemos retratar integralmente a história do desenvolvimento de nosso interesse. Optamos por retratar mais detalhadamente apenas a origem do interesse pelo tema que viria a resultar na confecção deste trabalho.

2. Diário da pesquisa

A presente seção se encarrega de buscar retratar a forma como a pesquisa se formulou, quais foram as primeiras perguntas que a nortearam, quais os problemas que a reformularam, e como busquei superá-los. Visamos a mostrar essencialmente como a pesquisa se reformulou, pois ela se reformulou demasiadas vezes, e como, quase ao final do mestrado, consegui finalmente compreender o que parecia ser o objeto da pesquisa que me interessava.

Encontrava-me no penúltimo ano de minha graduação, quando pela primeira vez pude ler o texto de Freud com mais cautela e com a tutela de uma boa professora. Senti-me prontamente interessado, pois a professora em questão realizava uma leitura cuidadosa e próxima dos textos, e as aulas eram ancoradas nestas leituras acessíveis. O tema do curso era metapsicologia freudiana, e nós tivemos a chance de analisar alguns dos mais antigos textos de Freud relativos à psicanálise. A chance de poder estudar a evolução da teoria freudiana desde seus primórdios auxiliou a compreensão de textos extremamente elaborados e densos, que sem este galgar inicial, seriam de difícil compreensão e absorção. De certa forma, a leitura dos textos de Freud clama pela leitura sistemática de sua obra. Este encontro com os textos de Freud foi fundamental para esta pesquisa.

Com a vasta carga de ideias que afluíam da leitura de tais textos, procurava retomar em minha mente o episódio dos dias ensimesmado e imerso nos quadrinhos refletidos dentro de mim. Não queria perder de vista a fonte de meu interesse primário pela pesquisa. Com a consideração dos quadrinhos como a obra de um artista, passei a considerar que talvez meu interesse estivesse situado no campo da psicologia da arte. Este tipo de pesquisa deveria ser voltada à investigação de efeitos da exposição às obras de arte, e neste caso, era de se esperar que cada indivíduo apresentasse uma espécie de reação singular à obra. Isto exigiria uma espécie de pesquisa qualitativa, voltada para uma obra, e para a qual eu teria que de alguma forma buscar material para analisar e fundamentar minhas considerações. Intuí a dificuldade de se elaborar uma pesquisa deste tipo, pois temia que os resultados pudessem ser genéricos e inconclusivos.

Mantendo as dificuldades em mente, tentei considerar que o principal efeito de exposição aos quadros poderia se dever a algum aspecto formal dos mesmos. Suspeitava que se tratava de algum fator da composição dos quadros, alguma de suas características sensíveis que poderiam ocasionar efeitos afetivos sobre a psique que os acolhia. Meu primeiro passo foi focar para o aspecto dos quadros que mais havia despertado minha atenção: os rostos dos personagens. Mirei isolar possíveis relações entre as faces desenhadas nos quadrinhos, os sentimentos que talvez buscassem expressar e minhas próprias reações ao me expor a tais histórias. Por esta via de raciocínio minhas tentativas não revelaram nenhum caminho a ser seguido, e minhas perspectivas para este tipo de pesquisa se obscureciam. Em verdade, o tipo de análise que eu gostaria de fazer divergia desta que situa na obra de arte justamente aquilo que foi projetado por quem a observa. No fundo, se eu fizesse meu trabalho desta forma, eu acabaria apenas por concluir que as obras de arte são relevantes para seus receptores por serem passíveis de projeção. Não me interessava de forma alguma por isso. Eu não pretendia realizar simplesmente uma aplicação das teorias da psicanálise à temática dos quadros em questão.

Um tanto desolado em minha busca, retornei a meu ponto inicial. Reconsiderei então a estranha forma como aproximei as experiências de “distração” ocasionadas pelas flores da USP ao episódio dos dias dos quadrinhos. Eu carecia de uma ideia que explicasse simultaneamente os dois tipos de experiência, um relativo à contemplação da “arte”, e o outro à contemplação da natureza.

Percebi então um elemento comum fundamental a ambas. Parecia-me que nos dois casos era uma questão da forma de olhar que permitia o “voo mental distraído”. Os quadros por si só já são representações pictóricas criadas pelo projeto executado de um artista. No caso de um pedaço de chão ou de flores esvoaçantes, não podemos supor a existência de um artista (humano), mas o próprio olhar parece fornecer uma espécie de enquadramento que captura uma imagem percebida como em uma moldura. Se a visão se vale do mesmo mecanismo perceptivo para elementos da natureza e obras de arte, em ambos os casos, as representações mentais que gerarão podem ser pensadas, a priori, como sendo captadas pelo mesmo dispositivo perceptivo psicológico.

Esta hipótese que atribui um mesmo estatuto a obras de arte e objetos da natureza foi o recurso epistemológico a que tive de recorrer para poder continuar refletindo o tema. Em meu ponto de vista, enquanto a arte pode ter um enquadramento estipulado pelo próprio artista, principalmente nas obras plásticas visuais como as pinturas, um enquadramento de outra ordem

pode ser realizado através da simples observação. O enquadre seria dado assim pelo próprio olhar. A imagem percebida seria uma imagem enquadrada. Perturbava-me notar essas considerações como extremamente problemáticas e carentes de fundamentação.

Posteriormente, outra ideia me socorreu. Podia abdicar da problemática consideração que aproximava a arte de objetos da natureza, tornando-os praticamente um mesmo substrato a ser percebido. Além disso, o problema de considerar o olhar como moldura da imagem também seria dispensável. Eu me aproximei de minha ideia inicial de que, no fundo, o que me interessava era uma mobilização afetiva ocasionada por imagens. As imagens assim eram meu principal foco naquele momento e assim abandonei minha prerrogativa para pesquisar a psicologia da arte.

O que de fato fazia meu interesse tilintar era a possibilidade de que a obra de arte em si pudesse fornecer recursos afetivos que mobilizassem e energizassem seus receptores; ou, alternativamente, de que eram imagens internas que viabilizavam interessantes efeitos naqueles que se fiavam por elas. Como eu havia falhado em meu raciocínio que buscava fundamentar uma pesquisa no campo das artes, a simples ideia de considerar os efeitos despertados pela contemplação de imagens no psiquismo me parecia mais promissora. Eu transferi o meu interesse de “fora para dentro”. Se a recepção da obra de arte se fazia a partir da percepção das obras, que poderiam ser representadas internamente, as próprias imagens internas poderiam constituir um objeto de pesquisa. Se eu destacasse alguns fenômenos que têm em sua composição imagens, como sonhos, pensamentos e devaneios, eu poderia dispor de um campo de investigação primário.

A bem da verdade, eu buscava apenas uma espécie de porta de entrada que viabilizasse alguma investigação. Seguindo o dito popular “a cavalo dado não se olha os dentes”, eu perseguia algum objeto de pesquisa que me permitisse obter alguma bibliografia de apoio básica pela qual eu pudesse me orientar e talvez formatar de forma mais elaborada o conceito de “imagem”. Obviamente, as limitações para tais buscas advinham da própria precariedade de meu conhecimento. Eu mal havia começado a ler os textos de Freud, não estava a par das discussões pertinentes ao campo e esta pesquisa deveria ajudar em minha formação. Logo, eu deveria pesquisar algo onde pudesse aprender ao passo que investigava.

Recordei-me do método de leitura próxima e gradual das aulas de metapsicologia e o quanto esta havia me auxiliado na compreensão do texto freudiano. Uma pesquisa teórica em

psicanálise passava a se configurar como uma excelente e adequada escolha para a investigação. Além disso, a minha experiência clínica como paciente, e como terapeuta nos estágios de graduação, intensificavam meu antigo interesse pelo campo. A professora de metapsicologia me aceitou como seu orientando.

Cronologicamente, eu estava próximo de me graduar. Pensei em pesquisar a “imaginação”, já que esta é uma faculdade psicológica mais fácil de se referir na literatura da psicologia, mas percebia que meu objeto diferia das acepções normalmente atribuídas ao termo. Uma denominação de “ação imaginativa” se reportava melhor a meus interesses. Passei a pensar em pesquisar a relação entre a percepção e as representações mentais, remontando às origens das imagens no psiquismo. Novamente, não era particularmente este o interesse. A questão se aproximava ao conceito de uma imagem interna que emergia e era preta de sentido, que comunicava praticamente como uma linguagem. Esta imagem revelaria ao sujeito seu inconsciente e suas necessidades, de certa forma ordenando sua vida psíquica.

Ao ler “O eu e o id” (Freud, 1923-1925/2011), deparei-me com uma asserção de Freud na qual afirma que o pensamento com imagens é mais pobre e menos sofisticado do que seu equivalente realizado com linguagem:

Mas não podemos, em nome da simplificação, esquecer a importância dos resíduos mnemônicos óticos – das coisas – ou negar que é possível, e em muitas pessoas parece ser privilegiado, que os processos de pensamento se tornem conscientes mediante o retorno aos resíduos visuais. O estudo dos sonhos e das fantasias pré-conscientes, conforme as observações de J. Varendonck, pode nos dar uma ideia de natureza específica deste pensamento visual. Vemos que nele, em geral, apenas o material concreto do pensamento se torna consciente, mas não pode ser dada expressão visual às relações que caracterizam particularmente o pensamento. Pensar em imagens é, portanto, uma forma bastante incompleta de tornar-se consciente. De algum modo, também se acha mais próximo dos processos inconscientes do que pensar em palavras, e é sem dúvida mais antigo, ontogenética e filogeneticamente. (pp. 25-26)

Esta sentença me alertou para o fato de que meu interesse de pesquisa era justamente sugerir algo um tanto diverso do exposto nesta asserção. O “pensamento com imagens”, dentro do que eu vinha refletindo, possuía um grande potencial de construção de sentidos que, em alguns níveis, talvez fosse tão potente ou mais do que mesmo a linguagem verbal. A afirmação de Freud não é exatamente estranha pois de fato podemos compreender a complexidade abstrata empreendida em pensamentos fiados por linguagem. No entanto, é uma assertiva de aparência paradoxal, pois vale questionar que pensamento linguístico se faz sem imagens que orientam a criação da mesma. Ademais, é difícil se estipular o quanto uma “potencialidade de sentidos” de um pensamento se deve às imagens que o fazem.

Resolvi estudar as publicações de Freud que antecederam “A interpretação dos sonhos” (Freud, 1900/2013), pois estas me seriam mais benéficas em seu auxílio ao meu aprendizado teórico. Decidi prestar a prova de mestrado, e determinei que uma investigação que mirasse justamente as imagens e seus efeitos era meu principal interesse.

Ao me deter sobre: “Estudos sobre a histeria” (Breuer e Freud, 1893-1895a/2006) situei nesta obra o primeiro texto que centralizava muitas questões que poderiam me auxiliar em minha compreensão da natureza das imagens no psiquismo. Nela se encontravam muitos exemplos de memórias, em parte compostas por imagens, como um eixo investigativo para a psicoterapia em investigação e aprimoramento na referida época. Os casos ali descritos apresentavam material e conclusões clínicas que se faziam através das tentativas de rememoração de memórias e afetos suprimidos, ao que se atribuía parte da etiologia da histeria. Chamou-me muita atenção o caso de Anna O., conduzido por Breuer, em cujas considerações teóricas finais se propõe uma pré-disposição à histeria devido à tendência constante da paciente em entrar em estados de devaneios, de criar “teatros particulares” em sua mente. Há ali um ensejo de afirmar a potência patológica da atividade mental do devaneio e da fantasia, mas é justamente um tipo de estado de devaneio que se buscava ao hipnotizar os pacientes, pois através deste parecia se poder acessar substratos de memória anteriormente inacessíveis. Ora, tanto o conselho à parcimônia do devaneio, quanto a sua exploração terapêutica através dos estados hipnóticos demonstrava a enorme influência das representações e de sua relação com os afetos para a vida mental normal e patológica. Assim, prossegui um tanto mais convencido da importância que as imagens poderiam desempenhar na dinâmica psíquica normal e patológica.

A sequência de meus estudos se fez pela leitura de textos de períodos distintos da obra de Freud. O foco teórico se instalou em “Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos” (Freud, 1915c/2010), com atenção aos textos “O Inconsciente” (p. 99) e “Os instintos e seus destinos” (p. 51) - que apresentam um apanhado condensado de formulações teóricas de Freud. Contudo, por serem escritos “avançados”, que já contavam com vários anos de prática clínica e reflexiva do autor, são de difícil acesso ao aprendiz de psicanálise. Forneceram, contudo, várias ideias e auxiliaram a realização paulatina de uma reorganização de meu tema.

Assim, foi de grande valia o retorno às publicações “pré-psicanalíticas” e, conjuntamente outros textos do período houvessem me ajudado na formulação de várias questões relativas ao conceito de “imagem mental”, um foi especialmente elucidativo.

A leitura de “A interpretação das afasias” (1891/2003) acarretou uma série de relevantes considerações para esta pesquisa. Encontramos nesta obra considerações de Freud fundamentais sobre o conceito básico de “representação”. “A interpretação das afasias” (1891/2003) reordenou todo o trabalho, e providenciou um eixo de investigação, bem como possibilitou que nosso método de leitura e interpretação se firmasse, talvez definitivamente.

Estávamos focados e rentes à teorização de Freud sobre “representação”, e visávamos a abordar as obras que tematizam teoricamente tal conceito. Neste ponto, realizamos nosso exame de qualificação. A nossa ideia de “imagem” mental estava emparelhada à ideia de “representação” no trabalho, e as sugestões da banca foram decisivas para a continuação da nossa pesquisa. Em primeiro lugar, um dos professor nos mostrou como poderíamos ter prosseguido se desejássemos ter realizado uma pesquisa no campo da psicologia da arte. Lembramos do longínquo início de nossa pesquisa com alento. Era possível ter trilhado aquele caminho e verificar a especificidade da obra dos quadrinhos em questão. Em segundo lugar, a leitura atenta de outro professor foi um divisor de águas em nossa pesquisa. Havíamos abordado em nosso trabalho as questões de tradução do conceito de “representação” (*vorstellung*). Entre nossas considerações, abordamos o conceito de “figuração”, diferenciando-o do conceito de “representação”, este professor notou que nosso interesse se destinava massivamente para a ideia expressa pelo conceito de “figurabilidade”, e sugeriu que partíssemos em busca deste conceito na obra de Freud. Assim, abandonamos nosso eixo de pesquisa orientado pelo conceito de “representação”, pois “figuração” realmente se reportava mais precisamente ao processo em que imagens psíquicas surgiam, de fato “figurando” sentidos psíquicos diversos.

Pesquisei continuamente este conceito e, no correr de alguns meses, aproximei-me muito do que gostaria que fosse o objeto de pesquisa. No entanto, ainda não me sentia confortável e satisfeito. Minha pesquisa seria uma pesquisa que abordaria o trabalho psíquico da “figuração”? Eu realizaria esta pesquisa teórica apenas em Freud? Neste momento, eu vim a conhecer as obras “A Figura na Clínica Psicanalítica” (Leite, 2001) e “*La Figurabilité Psychique*” (C. Botella e S. Botella, 2001) que desenvolveram de forma muito interessante a noção de “figurabilidade”, tanto na clínica como na teoria. Não havia mais tempo para inserir mais autores em minha pesquisa, e perto do fim do período desta pesquisa, devo admitir que

meu objeto de pesquisa ainda não parecia claro, muito pelo contrário, parecia-me nebuloso e indefinido. Eu estava próximo, contudo.

Um dia, durante uma sessão de estudos em uma biblioteca que muito me agrada, eu estava relendo “A interpretação dos sonhos” (1900/2013), selecionando o material que eu usaria no capítulo que destinei da obra neste trabalho. Eu não estava cansado, estava bem disposto para o estudo, mas estava um pouco preocupado com a indefinição do meu tema. Percebi que eu estava me distraindo e perdendo o foco com muita facilidade. Isto me irritou. O tempo era precioso ali. No entanto, por me conhecer um pouco, sei que quando embarco num dos meus “voos de pensamento distraído”, na “volta”, consigo manter o foco e trabalhar sem muitas pausas. A necessidade de me distrair e embarcar em um “estado de sonho” acordado frequentemente está associada em mim à existência de muitas ideias em minha mente, acumuladas. Quando entro no estado de “distração” do mundo ao meu redor, começo a ter muitos pensamentos estranhos, novos, concluo muitas ideias e pondero sobre assuntos. É um estado muito produtivo no sentido de criação e desenvolvimento de ideias. A par disto tudo, resolvi me deixar “distrair”.

Em meio à uma torrente de devaneios, um pensamento se destacou e me fez abandonar imediatamente o estado de “sonho”. Eu pensei que gostava de me distrair, que era algo muito prazeroso para mim. A palavra “distração” pairou bem à minha frente, eu a via como que escrita no ar. Um estalo ocorreu em minha mente, e eu praticamente não conseguia acompanhar as minhas próprias ideias. Dei-me conta de imediato, que após tanta labuta e esforço, eu havia encontrado o objeto de pesquisa que há tanto me fascinava (e assombrava, recentemente). Era algo expresso na ideia de “distração”. O fundamental na pesquisa era a “distração” que caracterizava o estado mental que era a condição para o surgimento das imagens na forma como descrevi. Era essa distração que diferenciava este tipo de pensamento do pensamento que se tem quando se está demasiadamente lúcido, focado, consciente. A distração parecia o berço das imagens que surgiam. Arrisco dizer que é a condição *sine qua non* para o seu surgimento.

Percebi que minha missão era buscar descrever o estado “distraindo” e que minha pesquisa de certa forma deveria se prestar a esta proposta. Eu já estava buscando na obra de Freud passagens que retratassem o “estado distraído”, embora nunca tivesse me dado conta de que era esse o meu objeto de pesquisa desejado. Era uma questão de perspectiva, de “figura e fundo”. Eu já sabia também que gostaria de pensar a “figuração” como o trabalho psíquico por

trás desta “ação imaginativa distraída”. Sabia que encontraria subsídios para o que buscava nas obras que eu já vinha trabalhando.

Percebi que o estado psíquico distraído em muito se assemelha ao que é popularmente conhecido como “sonho diurno”. Inicialmente, em nosso primeiro capítulo, procederemos a uma descrição destes sonhos orientada pela experiência pessoal dos mesmos, sem nos aportar no referencial psicanalítico, que aborda tais fenômenos mentais. Ademais, vim a considerar que a noção de “devaneio” também se aproximava bastante deste sentido, sendo praticamente um sinônimo para “sonho diurno”. Em curto tempo reordenamos todo o nosso trabalho para a proposta de apresentar os sonhos diurnos como um objeto de pesquisa, e para levantar subsídios na obra de Freud que viabilizassem uma reflexão preliminar sobre os mesmos.

Acreditamos verdadeiramente que, muito fortuitamente, por obra do destino ou da psique, encontramos nosso objeto a tempo. “Demos nomes aos bois”, e embora o tempo para a confecção deste trabalho tenha sido curto, dado que esta ideia nos ocorreu há poucos meses, buscamos confeccionar um texto que deixasse claro o (longo e tortuoso) percurso em busca deste peculiar objeto. E, portanto, com este objetivo em mente, foi necessário retratar a forma como vivenciei e acompanhei o surgimento do estado mental em questão em minha subjetividade. As diferentes experiências do mesmo me apontavam para o objeto desta pesquisa e, eventualmente, permitiram-me, finalmente, recortá-lo. Justifico assim a razão pela qual resolvi relatar meu percurso, pois, a rigor, a vivência do estado distraído compõe parte do método de investigação deste trabalho. Supomos que a importância deste método deriva de sua proximidade, em alguma medida, com as regras básicas que dão sustentação ao método psicanalítico, a associação livre e a atenção flutuante.

As reviravoltas, mudanças de tema e a incerteza presentes em todas as etapas do trabalho nos asseveram à dificuldade de simplesmente compreendermos o que é que buscávamos. A definição do objeto, “pontapé” inicial da maior parte das pesquisas, foi a última etapa a ser lograda em nosso caso. Esta talvez seja uma pesquisa que prima fundamentalmente por constituir um objeto, um campo de pesquisa, a partir de uma inquietação pessoal.

A fundamentação sobre o objeto dos sonhos diurnos deverá fornecer bases para avanços e desenvolvimentos futuros. Desejamos compreender e poder demonstrar eventualmente a importância clínica e terapêutica que estes “devaneios” possuem.

A partir do exposto até este ponto, o trabalho se organizará da seguinte forma: o capítulo 1 apresentará nosso objeto de pesquisa; no capítulo 2 discorreremos sobre nosso método e objetivos; o capítulo 3, primeiro capítulo teórico, será destinado à leitura e comentários da obra “A interpretação das afasias” (1891/2003); o capítulo 4 analisará o “Estudos sobre a Histeria” (1893-1895a/2006); no capítulo 5 teceremos considerações a partir de “A interpretação dos sonhos” (1900/2013); o capítulo 6 aludirá à questão do tradução de *darstellen* (“figuração”); o capítulo 7 se ocupará da consideração final de nossa pesquisa. Em nosso capítulo de método forneceremos detalhamentos adicionais sobre cada um dos capítulos mencionados.

1. DO OBJETO DA PESQUISA: “OS SONHOS DIURNOS”

Este capítulo se presta a definir nosso objeto de pesquisa. Aqui se encontrará uma descrição fomentada essencialmente pela experiência, por uma visão particular e pela experiência subjetiva do mesmo. Em um primeiro momento, realizaremos a apresentação de nosso objeto ao leitor sem o auxílio do aporte referencial psicanalítico, tarefa que postergaremos ao nosso capítulo quinto.

Faremos uso do senso comum e de uma linguagem popular para preliminarmente informar alguns aspectos da natureza de tal objeto. Trata-se de um estado psíquico especial. O nosso idioma oferta diversos termos que descrevem, parcialmente, o que buscamos. Relacionando algumas características destas expressões, apontaremos as principais características de nosso objeto.

Poderíamos dizer que é um infortúnio não dispormos de um vocábulo que traduz de forma exata no nosso idioma a expressão inglesa *daydream*. Esta palavra parece coincidir em sua definição com o que apontamos como nosso objeto de interesse. O dicionário da língua inglesa Farlex (<http://www.thefreedictionary.com/>, tradução nossa) fornece as seguintes definições para a mesma:

1. Uma reflexão ou fantasia próxima de um sonho durante a vigília, especialmente sobre a realização de desejos ou esperanças.
2. Ter fantasias ou contemplações enquanto desperto.

Já o dicionário Thesaurus (<http://www.thefreedictionary.com/>, tradução nossa) define o *daydream* como:

1. Um sonho distraído, absorto, com a mente “ausente”, enquanto desperto.
2. Pensamentos imaginativos fruídos enquanto em vigília, como no sentido de: “Ele vive em um sonho que não tem nada a ver com a realidade”.
3. A condição de se estar tão perdido em um pensamento solitário a ponto de se estar inconsciente do mundo, do ambiente circundante.

Primeiramente, vale ressaltar que a expressão *daydream* pode ser traduzida simplesmente por “sonho diurno”, e é o que faremos. Esclarecemos que o adjetivo “diurno” de forma alguma visa a denotar um sonho que se dá à luz do dia. Na verdade, quer dizer um sonhar enquanto desperto, enquanto no estado de vigília mental. A diferença entre o sonho diurno e os sonhos

que temos enquanto dormimos não reside no período do dia em que se dão, mas sim no estado psíquico do sonhador, desperto ou adormecido, quando os experimenta.

Secundariamente, assim como a acepção do dicionário Thesaurus, entendemos o sonho diurno como uma “condição” de um sujeito absorto em um estado profundo de pensamento. Preferiremos chamar essa condição de “estado”, pois geralmente ocupa um período limitado de tempo, sendo passageiro e usualmente dando lugar aos pensamentos usuais da vigília.

Retornando às definições do dicionário, prosseguimos. Algumas características destacam-se nas acepções. A primeira é a “distração”, que busca retratar a expressão inglesa *absentmindedness*, típica deste estado. É difícil imaginarmos algo como uma mente ausente (*absent mind*), mas isso se torna mais tangível quando percebemos que se refere a um estado de desfoque mental, de certo abandono da atividade perceptiva normal, e da consciência derivada da mesma. A mente fica “à deriva”. Uma certa distração é condição frequente dos estados de sonho diurno. Em um jogo com as raízes da palavra “dis-tração”, temos *dis*, que pode expressar “movimento para todos os lados”, somado à *tração*, do latim *tráhere*, *tractio-onis* que equivale a ação, ato ou efeito de “puxar”, “arrastar”, “movimentar” (Portella, 1983, p.109). A mente distraída estaria sendo “arrastada para todos os lados”, em um movimento errante que não permite uma detenção sobre algo com delonga, um foco contínuo, tão característico da atividade mental consciente. Com um espírito brincalhão, podemos nos permitir uma digressão. O prefixo *dis* também pode indicar “dificuldade” ou “privação” e, se tomarmos o termo “tração” no sentido popular, de “pneus tracionados no asfalto”, equivalente à expressão inglesa “grip”, temos que o sujeito distraído perde o “contato” (*grip*) com o chão, “destraciona” da realidade imediata que o cerca.

Se podemos atribuir os sonhos diurnos aos mais distraídos, somos obrigados a lembrar que a atividade de sonhar também sem dúvidas envolve um foco. De acordo com o dicionário Farlex, acima citado, a distração do *daydream* está relacionada (e talvez estruturada), a partir da absorção em um pensamento solitário, que priva o sujeito da realidade mundana. Ora, se falamos que o sujeito está ensimesmado em seus próprios pensamentos, é apenas lógico que ele esteja a pensar. E se pensa, devemos considerar que este pensamento tem um objeto, representa algo, figura uma cena, um conceito. O sujeito distraído, assolado pelo sonho diurno, de forma alguma é vazio, é sem tensão, está em paz. Ele está atento às mazelas e vizinhanças de seu próprio mundo interior, mesmo quando o último está totalmente ancorado no mundo externo. O mundo interno é muito rico, vasto, interessante, e para o conhecer e experimentar é

necessário, indubitavelmente, de atenção. Atenção e foco, faculdades psíquicas tão comumente associadas à percepção da realidade, às atividades concretas, também são a chave para a propriocepção. É possível que a natureza destes tipos de foco e atenção difiram, mas este não é o caso a ser questionado aqui. O que nos importa é que no sonho diurno, sem nenhum conflito, distração e foco convivem e atuam concomitantemente. Distraímos-nos para perder a atenção sobre o mundo cotidiano, mas recobramos a mesma quando estamos dentro de nós. É necessário estar atento, desperto, ciente, para que o sonho diurno não se torne apenas sonho. No entanto, é muito surpreendente quando ocasionalmente, antes do adormecer vislumbramos o surgimento de uma série de imagens tão diversas, e logo em sequência adormecemos, e sonhamos exatamente com aquilo que ocupava nossa mente enquanto ainda estávamos ligeiramente despertos. Isto é fácil de se constatar quando, por algum motivo, acordamos abruptamente logo após adormecer, lembramos sobre o que estávamos sonhando e percebemos que era com aquilo que estávamos a pensar. O sonho diurno parece realmente fazer valer seu nome, dado que conserva tantas características dos sonhos que temos enquanto dormimos e parece uma continuidade dos mesmos na mente da vigília.

Em uma de suas mais marcantes diferenças para o sonho noturno, o *daydream* permite a quem sonha ter certo controle e manter um registro consciente da experiência do que se observa interiormente. Freud (1900/2013) nos fornece a distinção de pensamentos voluntários e pensamentos involuntários para alumiar este ponto. Conforme adormecemos, cotidianamente, nossa psique se desgarrar do mundo que nos rodeia. Neste momento, os estímulos advindos da percepção parecem não desempenhar sua influência sobre a psique com a mesma intensidade que o fazem durante a vigília. O controle que temos sobre a nossa motilidade dá lugar ao relaxamento do corpo, ao descanso, à vulnerabilidade do sono. E não é só o controle sobre o movimento do corpo que deixamos de possuir. As nossas representações mentais, cujo controle, censura e estímulo nos enchem de confiança e de um senso de autodomínio, também cede lugar para o surpreendente, para o estranho, para o selvagem que nos habita. O pensamento que controlamos aparentemente se esgota em sua magnificência, e nosso psiquismo se torna palco para a emergência invasora de toda sorte de imagens. Quando sonhamos, não somos mais tão senhores de nós mesmos, pois somos surpreendidos a cada vez que somos embarcados pela fantasmagoria e pela fantasia de nosso onirismo. É algo fundamentalmente diferente pensar e representar, quando se está desperto, da experiência de sonhar. Quando pensamos em vigília, sabemos que estamos pensando e imaginando. Quando sonhamos, na esmagadora maioria das vezes, um sonho é uma experiência tal qual qualquer outra que vivemos durante o dia. Não

sabemos que estamos sonhando e, enquanto estamos envolvidos pelo sonho, o encaramos como realidade. O que distingue a realidade do sonho? O nosso despertar cotidiano sempre nos subtrai desta famigerada questão.

Os sonhos diurnos, por sua vez, parecem funcionar de forma híbrida entre a vigília e o sono. Por um lado, uma certa soltura, “destração”, um esvaziamento da mente do que é premente e imediato, do que é pautado pelo concreto é fundamental para se adentrar tal estado. As representações voluntárias, as que temos sob nosso controle, precisam dar lugar para as representações involuntárias, tal qual no sonho. No entanto, diferentemente de quando não estamos acordados, algum controle nosso é mantido. Isto é possível e executável de várias formas, que vão desde evitar representações muito aflitivas ou desprazerosas, até a possibilidade de se sustentar certo nível de atenção sobre os conteúdos que surgem, analisá-los de forma mais fria, pensá-los, interpretá-los. Por isso, o foco mental presente no sonho diurno constitui uma de suas mais interessantes características. Não fosse por esse foco, o sonho diurno poderia ser equivalente ao sonho que se sonha ao dormir, e sua natureza não constituiria um desafio tão grande e interessante de pesquisa. Em suma, o sonho diurno nos permite sonhar ao passo que conservamos grande parte de nossas faculdades psíquicas de vigília, o que permite uma experiência crítica do “sonho” completamente diversa daquela que se tem sobre o sonho que se “vive” durante a noite. Voltaremos a este assunto em nosso capítulo sobre os sonhos.

Vale ainda levantar outra questão, ou melhor, uma condição fundamental para o *daydreaming*. Será que todos possuem igual predisposição e capacidade de embarcar em sonhos diurnos? Frequentemente pessoas distraídas são menosprezadas e atacadas no cotidiano. A distração é tida praticamente como uma desvirtude, que acomete alguns sujeitos viciosos! Esquecem-se, somente, de questionar se o conteúdo da imaginação destes sujeitos possui alguma valia (não considero necessário haver alguma valia), senão para os mesmos, para o mundo em si. Quantas das mais brilhantes ideias e concepções não surgiram de uma mente distraída? Os distraídos são um tipo relativamente comum em nossa sociedade e a distração parece uma característica que sempre se fez presente. Conta certa piada que Tales, filósofo grego, sempre atento e encantado pelas estrelas, ponderando, mirando os céus, não viu o imenso buraco à sua frente, enquanto caminhava, e se espatifou. Vale ressaltar que não estamos tentando fazer coincidir a ação de se sonhar acordado e o estado de distração. É possível, e bem provável, que muito mais pessoas se distraiam do que entrem em estados de *daydreaming*. No entanto, existe esta relação notável em que aqueles que sonham acordados normalmente estão distraídos. É praticamente impossível se conceber alguém que entre em algum estado de

absorção e fantasia e que não esteja distraído. Não faz sentido, não parece possível, dado que é necessário se desligar das cercanias, e até de partes de si mesmo, para se experimentar um sonho diurno. Por fim, a respeito da condição de se poder embarcar em um sonho diurno, provavelmente o desfeto que os distraídos sofrem daqueles que os flagram em sua absorção é originado da incompreensão acerca daqueles que vivem a sonhar. Não seria demais, então, supor que a capacidade de se sonhar desperto é de certa forma restrita a alguns poucos.

Há ainda em nosso idioma uma outra palavra que também se assemelha marcadamente com o nosso objeto de pesquisa. Aqueles afeitos aos “devaneios” se surpreendem com frequência com a espécie de imagens que podem atestar dentro de si. É algo que já desponta na própria raiz etimológica da palavra. De acordo com o dicionário Houaiss (Houaiss e Villar, 2001) “Devanear” (p. 1025) se origina de uma palavra espanhola do século XIII, cuja acepção original conotava “divagar, conceber na imaginação”. O radical “vao” aproxima-se do nosso “vão”, no sentido de “fútil”, ou “à toa”. Já o radical diminuto antigo “van(i)” (p. 2827) teria por sinônimo, os verbos “borboletear”, “divagar”, “entressonhar”, “fantasiar”, “imaginar”, “sonhar”, “vaguear”.

Nas acepções contemporâneas, encontramos para “devaneio” e “devanear”, de acordo com o dicionário Houaiss:

1. ato ou efeito de devanear
2. produto da fantasia, da utopia; sonho, quimera
3. falta de tino; desvario, delírio.
4. conceber na imaginação, sonhar.
5. divagar com o pensamento; perder-se em cogitações.

O nosso devaneio nos leva a um “borboletear em vão”, típico dos sonhos diurnos daqueles que durante o dia muito imaginam. O devaneio possui essa característica de ser um pensamento que acaba por divagar, podendo até mesmo atingir um imaginar fantástico que esbarra em um contrassenso, um delírio, um acesso fantasioso, que pouco parece relacionado à realidade externa. Aquele que devaneia demais pode acabar por se perder em sonhos distantes, e talvez daí derive a ideia judiciosa de apelidar o devaneio como um “voo em vão”, um verdadeiro desperdício.

Os juízos que condenam e menosprezam a atividade imaginativa, quer a apelidemos de “sonho diurno”, “devaneio”, “divagação” ou outra palavra que possua uma conotação semelhante, parecem ir de encontro à acolhida que Freud providenciou a estes fenômenos mentais. A bem da verdade, a psicanálise se interessou e se dobrou sobre estes fenômenos, deles extraindo algumas de suas mais importantes descobertas. Sabe-se que a prática de ser um paciente de psicanálise nos exige um tanto que nos entreguemos a um tipo de sonhar em sessão, esforçando-nos por narrar a nossos analistas tudo que provém deste estado de “deriva” mental, desfocado e errático. Alvo de interesse do analista, o inconsciente parece despontar justamente nestas atividades que requerem um imaginar tão ativo.

Aproximamo-nos assim do conceito freudiano de “associação-livre”, o qual remete e providencia o emprego clínico do ato fantasioso. Nas orientações fundamentais de início de análise, Freud, no texto “Recomendações ao médico que pratica a psicanálise” (1912/2010) recomenda que o paciente exprima tudo que lhe vier à mente, sem censura ou seleção de conteúdo, dando especial atenção aos detalhes que possam surgir em suas representações mentais. Tomamos como hipótese básica deste trabalho que a associação-livre dos *settings* analíticos encerra em sua natureza muitos elementos comuns com os sonhos diurnos. Assim, lançamos mão da seguinte questão: o sonho diurno é uma espécie de associação-livre que se dá exteriormente à situação de análise formal constituída? Se sim, o sonho diurno, experimentado pelos pacientes, possui algum valor para a análise? Qual uso pode ser dado a tais sonhos?

Antes de responder tais perguntas, que são o coração do interesse de nossa pesquisa, enunciaremos uma súmula do que se buscou expressar até este ponto do capítulo. Nosso objeto de pesquisa pode atender pelo nome de “sonho diurno”, compreendendo esta expressão como uma tradução apropriada para o termo inglês *daydream*. Destacamos também, que os sonhos diurnos possuem semelhanças semânticas e parecem traduzir, em alguma medida, o mesmo que se encontra na expressão “devaneio”. Existiriam outras expressões que poderiam embutir uma ideia próxima, mas basta-nos essas expressões para denotar nosso objeto de pesquisa. As principais características dos sonhos diurnos são que estes se manifestam pelo surgimento de imagens internas no psiquismo. São uma espécie de fantasia, de devaneio que se realiza enquanto em vigília. Exigem uma atividade imaginativa intensa. Os conteúdos de tais sonhos podem surpreender muito, pois distanciam-se das representações que normalmente controlamos e evocamos em nossos estados de consciência mais cotidianos. Tratam-se de representações involuntárias, que se assemelham muito ao tipo de imagem que surge quando de fato dormimos

e sonhamos. Também é digno de nota o desprendimento característico da realidade externa, da percepção do mundo, que cede lugar para uma atenção apenas às imagens, por vezes fugazes, que passam a ocupar a mente. É por isso que um certo estado de distração parece condição para o acesso a este tipo de registro psíquico.

Neste momento, destacamos que a base do ponto de vista experiencial e descritivo inspiram esta investigação, e este termo, “sonhos diurnos”, é utilizado no senso comum, apesar de sua conotação conceitual na referência psicanalítica. A par destas características e nomenclaturas, será explicitado a seguir o método pelo qual foi escolhido abordar os “sonhos diurnos”.

2. MÉTODO E OBJETIVOS

2.1 Método

Tendo em vista nosso objeto de pesquisa, “os sonhos diurnos”, a espécie de devaneio que se dá para alguns daqueles que se desligam temporariamente de suas percepções e de suas representações mais habituais, apresentaremos a forma como abordamos tal objeto. Nossa pesquisa opta principalmente por realizar uma leitura bibliográfica intratextual e intertextual em alguns textos de Freud, haja vista que o autor dispôs de um grande acervo de produção teórica, que lida, em grande parte, com questões relativas ao surgimento das representações no âmbito consciente da psique. Atemo-nos às obras lançadas até o ano de 1900, e optamos por este recorte dada a importância fundamental deste período de publicação para a constituição do corpo teórico da Psicanálise. Buscamos realizar uma leitura rente ao texto, focada em detalhes e na forma como o autor postulou suas ideias, apresentando as citações da obra original seguidas de nossos próprios comentários. O recurso à leitura de comentadores da obra de Freud também foi realizado visando ao aprofundamento e enriquecimento de nossa interpretação dos textos referenciados. Como não lemos o idioma alemão, e ficamos restritos às traduções dos textos freudianos, buscamos auxílio junto aos tradutores da obra de Freud, que prestam esclarecimento e problematizam a forma como o mesmo utilizava algumas acepções em alemão e como este uso foi traduzido para o nosso idioma.

A respeito da organização de nosso trabalho, este se perfaz orientado pelos seguintes eixos:

1. Apresentar parte da história do conceito de “representação” em Freud, através da obra “A Interpretação das Afasias” (1891), focando a descrição e caracterização fundamental que Freud realizou do conceito de “representação”. A apresentação imagética dos sonhos diurnos que ocorre em nós pode sem dúvidas ser pensada a partir das representações que a ele estão ligadas e o vitalizam. Assim, a investigação sobre a origem do conceito de “representação” na obra de Freud pode ajudar a agregar

conhecimentos e informações, ou ao menos nos ajudar a indagar mais adequadamente a respeito dos sonhos diurnos.

2. Demonstrar historicamente o desenvolvimento da técnica clínica no atendimento das histerias por Freud, passando pela utilização da hipnose, como principal veículo de obtenção de material inconsciente, até o gradual abandono da técnica de sugestão catártica e a aproximação ao que se conhece como “associação-livre”. Realizamos esta etapa a partir da leitura da obra “Estudos sobre a histeria” (Breuer e Freud, 1893-1895a/2006).

Justificamos nossa escolha por essa obra pois acreditamos que ela aponta e mostra o surgimento de uma técnica clínica que faz uso de um estado de espírito “relaxado e concentrado”, talvez a precursora mais imediata da “associação-livre”. Vemos na operação da “associação-livre” uma grande semelhança com o que chamamos de “sonho diurno”, e partimos da hipótese de que os estados de devaneios, vividos para além dos settings de análise, são muito aparentados ao estado em que os analisandos necessitam “embarcar” para livre-associar frente aos seus analistas. Desta forma, pesquisar a “origem” da ideia e da técnica de “associação-livre”, tão caras e fundamentais à prática psicanalítica, significaria também investigar algo da natureza dos “sonhos diurnos” e sua relação com o inconsciente.

3. Recortar da extensa teoria dos sonhos, em “A Interpretação dos Sonhos” (1900/2006), a teoria específica sobre o conceito de “figurabilidade”, uma vez que este conceito reporta justamente à condição e à capacidade de se figurar imagens a partir de sentidos inconscientes. Do mesmo livro, extrairemos algumas passagens que possibilitem uma discussão acerca da forma como a psique parece criar os sonhos e as discutiremos à luz de nosso interesse.

Acreditamos que esta obra é de central importância para nosso trabalho não somente por Freud abordar a própria questão dos sonhos diurnos em um segmento da publicação, mas também por descrever os mecanismos do trabalho psíquico de elaboração onírica, dentre os quais o que podemos chamar de “figuração”. A par destas informações, podemos adentrar e indagar a natureza e a dinâmica dos sonhos diurnos, bem como algumas de suas principais peculiaridades.

4. Examinar o uso da língua alemã por parte de Freud em suas acepções originais e a forma como as traduções para a língua portuguesa das obras do autor foram realizadas. Seguindo de Hanns (1996) como comentador, trataremos em especial da tradução para o português do termo alemão “figurabilidade”, haja vista que a expressão alemã

Darstellung, por si só, encerra interessantíssimos sentidos que muito podem esclarecer a respeito da natureza dos sonhos diurnos.

A partir da passagem por tais eixos, esperamos acumular um saber que nos ajude a construir algumas reflexões básicas sobre os sonhos diurnos. Nosso principal objetivo pode ser considerado pouco pretensioso, mas é fundamental para nossos trabalhos futuros e para nossa formação como psicanalistas. Almejamos, a partir da leitura de alguns textos privilegiados de Freud, esboçar e realizar uma reflexão sobre diversos aspectos da natureza dos sonhos diurnos. Nosso objetivo tem um caráter de levantamento e indagação acerca da possibilidade de construção de um saber psicanalítico e clínico sobre os sonhos diurnos. Para alcançá-lo, apoiamo-nos largamente na ampla pesquisa de Freud, recortando-a para destacarmos ideias que nos auxiliem na consideração dos sonhos diurnos, sob diversos pontos de vista. Assim, a partir da leitura de alguns textos fundamentais de Freud, visamos a extrair informações e ideias que nos possibilitem uma reflexão pautada na forma de pensar psicanalítica, bem como nos achados oriundos da pesquisa realizada através desta.

Nosso real interesse é fundamentar uma base para um estudo posterior mais detalhado acerca da estranha capacidade de devanear e se distrair. Esperamos que a reflexão a ser construída sobre os sonhos diurnos, a partir dos textos e elucubrações de Freud, nos permita eventualmente a criação de um dispositivo clínico que faça uso privilegiado dos sonhos diurnos. Para tanto, como uma etapa inicial de nosso trabalho, nos debruçamos agora em um período da obra de Freud, buscando na leitura do mesmo orientações que nos ajudem em nossa empreita e nos ensine acerca de nosso próprio sonhar.

2.2 Objetivos

Em nosso objetivo mais geral, almejamos valorizar e resgatar a importância da criatividade presente nos atos de “sonhar” acordado, de devanear. Nossa hipótese é de que o ato de se perder em meio a pensamentos distantes, divagar, pode ser de grande valia para os sujeitos que se entregam a esta prática. Aqueles que já se submeteram a uma análise estão

cientes do esforço necessário para se realizar a “associação- livre”. Frente aos nossos analistas, debulhamos o interior de nossa vida psíquica e nos deparamos com toda sorte de ideias estranhas. Sabemos das dificuldades de alcançar os materiais que necessitamos para ter um *insight* que revele nossa condição. Deparamo-nos com obstáculos de várias naturezas: amnésias, vergonhas, cansaços, dores, aflições, sentimentos diversos pela figura do analista etc. Com o passar de algum tempo (às vezes períodos mais longos do que gostaríamos de admitir), dominamos um pouco melhor o estado de espírito de “relaxamento”, a condição de não se autocensurar, necessários para que aprendamos e possamos nos observar mais objetivamente e aceitar o que vem em nós. A capacidade de auto-observação mais neutra e atenta talvez seja uma das principais e maiores conquistas que quem se submete a uma análise pode adquirir. E é a partir desta possibilidade de auto-observação que visamos a valorizar e reconhecer a importância dos sonhos diurnos. Aqueles que conseguem se entregar à livre-associação em análise e sabem utilizá-la para dela extrair informações e autoconhecimento poderiam, em ideia, estender o mesmo tipo de “exercício” para o estado de sonho diurno. Uma vez que este estado oferta uma certa abundância de material representativo ao “sonhador”, este material também poderia (e deveria, acreditamos) ser utilizado dentro e/ou fora das análises.

A título de explicação, os sonhos diurnos poderiam em análise ser trabalhados no campo transferencial, como qualquer outro conteúdo de análise. Para além da situação analítica e do campo transferencial, o sonhador poderia se entregar à atividade associativa iniciada a partir de seu sonho e, ocasionalmente, até mesmo fornecer uma autointerpretação. Lembremos a asserção de Freud (1912/2010), presente em “Recomendações ao médico que pratica a psicanálise”, segundo a qual o analista só deveria fornecer a interpretação ao paciente quando este mesmo estivesse a apenas um passo de dá-la a si mesmo. Tomamos esta asserção como uma autorização de Freud para que seus pacientes realizassem suas próprias pesquisas internas, em certos casos sendo capazes de auto fornecer suas próprias interpretações.

Em geral, faz-se análise algumas poucas vezes por semana e, mesmo aqueles que fazem análise com maior frequência, têm de admitir que passam a absoluta maior parte de seu tempo longe de seus respectivos analistas, fora dos consultórios. Enquanto estamos acompanhados de nossos analistas, podemos relaxar e nos concentrar para trazer à tona e dar forma àquilo que passa em nosso inconsciente. Aliados à nossa própria capacidade de auto-observação, reflexão e interpretação, estão lá a serviço as faculdades e recursos do próprio analista. Por vezes, o término de uma sessão implica no desligamento de um registro psíquico (de associação, investigação, figuração) que é muito benéfico para a análise e, é claro, para o analisando. Trata-

se de um estado em que o inconsciente parece aflorar com maior facilidade, sob formas e facetas diversas, muitas vezes alimentado pela associação-livre exercida pelo paciente. Assim, é que se ocorre de o sujeito aprender a se auto-observar e interpretar bem, muitas vezes o trabalho do analista se torna muito menos interventivo, como já explicitado acima pela máxima de Freud que diz que o analista só deveria fornecer a interpretação ao paciente quando este mesmo estivesse a apenas um passo de dá-la a si mesmo. Aberto este cenário, em que o próprio analisando pode ofertar sua interpretação, trazer à luz seus registros inconscientes, os longos períodos além do consultório podem configurar uma grande possibilidade de investigação e descoberta continuada.

Qual seria a forma de se realizar uma espécie de autoanálise, fora das sessões rotineiras? Seria possível a associação-livre fora do *setting*, para além da presença do analista? Não pretendemos responder estas indagações, assim, simplesmente. Antes, pretendemos auferir a possível semelhança entre o ato de “sonhar acordado” e a atividade do livre-associar. Quando nos deixamos levar, acordados, por sonhos, não embarcamos também em uma espécie de estado de relaxamento, mas ainda assim mantendo certo foco sobre a atividade representativa que ocorre em nossas mentes? O material que surge não é bastante semelhante, ou melhor, contínuo ao material encontrado na livre-associação, ou ainda, nos sonhos “normais”, que tão frequentemente relatamos aos nossos analistas? Se se supõe que os sonhos diurnos, os devaneios, são produzidos pelo psiquismo à semelhança dos outros fatos mentais, como os sonhos, os chistes, as ideias obsessivas, então o acesso que se tem a eles deve também ser privilegiado na exploração do inconsciente. Ao considerarmos os sonhos diurnos uma atividade paralela à associação-livre dos consultórios, podemos fazer uso da grande abundância de material que surge da imersão nestes estados. E se o paciente em questão dispõe de recursos internos e de boa capacidade de auto-observação, crítica e interpretação, então ele se torna apto a se autopesquisar e até a intervir sobre seu psiquismo, tal qual um analista poderia ajudá-lo a fazer.

Não visamos de modo algum a suplantar, de forma ingênua e narcísica, o primordial papel do analista em uma análise. Pelo contrário, almeja-se suplementar a atividade de análise, ofertando-lhe a possibilidade de se beneficiar, por exemplo, do surgimento de importante material extra advindo dos “devaneios” do paciente. Também não miramos a criação de uma orientação técnica que indicasse (e forçasse, de certa forma) o emprego sistemático dos devaneios e dos sonhos diurnos dentro das análises. Estes parecem surgir a partir exatamente de um relaxamento psíquico, e talvez fosse altamente infrutífero buscar causar ou forçar estes

estados artificialmente. Muito simplesmente, a meta deste trabalho é indicar o aproveitamento possível do material surgido no ato de se sonhar desperto, caso o sonhador prestasse suficiente atenção ao que surge em si, bem como o faz normalmente em suas sessões de psicanálise. Para o analisando-auto-observador treinado, a perspectiva de seu próprio material surgir com maior frequência do que quando restrito a poucos momentos no consultório, acaba sendo muito bem-vinda. E, a bem da verdade, a prática de submeter-se a uma análise naturalmente amplia a capacidade de auto-observação, bem como a frequência e os vários momentos em que esta passa a ser realizada.

Devemos apontar, também, o que parece ser o grande ganho utilitário dos sonhos diurnos. Como a psique encontra-se em um estado diferente daquele em que nos encontramos quando adormecemos - talvez valha dizer, encontre-se em um estado intermediário entre sono e vigília – o acesso aos sonhos, bem como sua rememoração, representação, é extremamente facilitado. Provavelmente, a maior parte do material onírico com que nos defrontamos em nossos sonhos é perdida através do “esquecimento”, material este que poderia ser aproveitado em análise. Com os sonhos que se tem desperto, esta dificuldade deixa de constituir um obstáculo, pois se torna muito mais simples rememorar algo que se presenciou e experimentou enquanto desperto, algo que pode ser refletido e inserido em nossos grupos de representação mais acessíveis.

Assim, nosso objetivo maior é mostrar que os “de-van-eios” têm pouco de “-vani-”, de vão; muito pelo contrário, podem acarretar grandes descobertas e benefícios para os que fazem bom uso do que surge em si. Os sonhos diurnos são uma porta para aqueles que podem alcançá-lo e uma importante vantagem quando seu interesse é o autoconhecimento e a libertação de nossas sofríveis mazelas, que a Psicanálise busca providenciar.

Justificamos assim nosso interesse pelos “sonhos diurnos” e indicamos a forma como pensamos relacioná-lo com a prática e teoria psicanalítica. Para simplificar e resumir, nosso objetivo maior é examinar dentro de um período da obra de Freud, escritos que nos auxiliem a compreender parte da natureza dos sonhos diurnos, com a aspiração de vitalizar e valorizar a importância que estes fenômenos mentais possuem para a psique.

Adicionamos que reconhecemos que seria um tanto absurdo pressupor possível a extração de uma teoria de Freud sobre os sonhos diurnos de textos do autor que não tomassem estes como objeto imediato de investigação. O próprio autor aborda os devaneios mais diretamente em algumas de suas obras. No entanto, empreendemos nossos esforços de leitura e

interpretação neste mestrado como parte de um estudo mais abrangente da obra de Freud. Decidimos começar pelo começo. Assim, no tempo que dispusemos para este mestrado, optamos por realizar uma investigação do tema dos sonhos diurnos na obra de Freud nas publicações até a “Interpretação dos Sonhos” (1900). Uma investigação feliz, dada a grande afinidade e alegria que descobri sentir todas as vezes que me deixo “perder” e levar, ao sabor dos ventos e oceanos que sopram dentro de mim.

3. UMA LEITURA DE “A INTERPRETAÇÃO DAS AFASIAS”

À semelhança de outros capítulos posteriores deste trabalho, este capítulo se faz a partir da seleção de excertos “privilegiados”, com os quais dialogaremos e apontaremos as ideias mais fundamentais à nossa pesquisa. Dividiremos a discussão dos pontos levantados em seções, que correspondem às ideias que foram levantadas a partir do texto. Neste capítulo, ao final de cada seção, realizaremos uma discussão, referindo as ideias do texto aos nossos interesses de pesquisa.

3.1 Do interesse por “A interpretação das Afasias”

No início de nosso debruçamento sobre o texto freudiano, escolhemos a longa “A interpretação das afasias”¹ (Freud, 1891/2003) [sabe-se que a obra não pôde integrar o conjunto das obras completas de Freud a pedido do próprio autor] como ponto de partida. Historicamente, esta decisão causou uma espécie de isolamento desta importante publicação. Em apêndice (Strachey, 1969) para “O inconsciente” (Freud, 1915b/2006), na Standard Edition, Strachey incluiu alguns dos principais trechos de “A interpretação das Afasias”, por considerar que este antigo texto de Freud era a base das ideias lançadas na última sessão do referido ensaio metapsicológico. Nas palavras do editor inglês:

A seção final do artigo de Freud sobre “O inconsciente” parece ter raízes em sua antiga monografia sobre afasias (1891b). Por conseguinte, talvez seja do interesse reproduzir aqui um trecho daquele trabalho, que, embora não particularmente fácil de acompanhar, lança luz sobre as suposições subjacentes a alguns

---

¹ Para o presente capítulo foi utilizada uma versão portuguesa do texto “A interpretação das Afasias”, publicada pela editora Edições 70, em 2003

dos conceitos ulteriores de Freud.... A passagem... conduziu Freud a um esquema hipotético a respeito do funcionamento neurológico por ele descrito como o “aparelho da fala”. (Freud, 1915b/2006, p. 217)

Por conta do maior afastamento e desconhecimento acerca de “A interpretação das Afasias”, sentimo-nos inclinados a justificar sua presença como conceitual eixo fundamental deste trabalho. Para tanto, apoiamo-nos fundamentalmente em Loffredo (2004), que ressalta e resgata o valor deste primevo texto: “Este texto, é sem dúvida, uma referência capital em qualquer estudo voltado aos fundamentos da concepção freudiana sobre a linguagem” (p. 308). Em seu argumento, Monzani (1989) afirma que a obra fora “injustamente esquecida” (p. 133). Já Rizzuto, que apresentou um dos poucos estudos voltados especificamente a este livro em periódicos da área, comentou:

Freud, entretanto, insistiu em separá-lo de seu trabalho posterior – ele o mencionou apenas duas vezes em seus primeiros escritos – e, em 1939, não permitiu que Kris o incluísse na edição alemã de suas obras completas. Tal recusa permanece um dos mistérios sobre a relação de Freud com seu próprio trabalho, desde que muitos dos conceitos apresentados na monografia estão por toda parte nos escritos posteriores de Freud. (Rizzuto apud Loffredo, 2004, p. 309)

Em uma carta a Fliess datada de 2 de maio de 1891, o próprio Freud escreveu (Masson, 1887-1904/1986, p. 28): “Dentro de poucas semanas, darei a mim mesmo o prazer de enviar-lhe um pequeno livro sobre a afasia, pelo qual eu próprio nutro um sentimento caloroso... aliás, o artigo é mais sugestivo do que conclusivo.”. No dia 21 de maio de 1894, comenta com o amigo em outra carta:

Há algo curioso na incongruência entre o apreço que se dá ao próprio trabalho intelectual e o valor que os outros lhe atribuem... das coisas realmente boas como a Afasia, as “Idéias Obsessivas” e a futura “Etiologia e Teoria das Neuroses”, nada posso esperar além de um respeitável fracasso.” (Masson, 1887-1904/1986, p. 74).

Percebe-se aqui facilmente o apreço e importância que Freud atribuía a “Afiasias”.

Já no que diz respeito às influências filosóficas que permearam o pensamento freudiano, temos que em “A interpretação das Afasias” (1891/2003) Freud revela explicitamente seu partidarismo à filosofia “associacionista” de John Stuart Mill. Em nota de rodapé, Freud reconhece o filósofo e cita as obras do mesmo nas quais se baseia.

Para considerar mais amplamente a relevante influência filosófica de Mill sobre Freud, escreve Loffredo (2004):

Neste trabalho, Freud critica de forma contundente as concepções de respeitáveis figuras da neurologia da época – Wernicke, Lichtein, Grasley e Meynert, não só propondo um circuito de linguagem em relativa autonomia da anatomia do sistema nervoso, como se contrapondo ao estudo dos processos cerebrais à luz de um associacionismo atomista, a partir de uma abordagem mais holista ou “estrutural”. É importante

situar, sob este ponto de vista, o lugar na obra onde aparece a referência a Mill, de particular interesse neste projeto de trabalho. Freud se reporta ao filósofo, justamente quando são descritos os modos de formação das associações linguísticas, de tal forma que a análise psicológica deve ser fundada numa concepção dos fenômenos enquanto “compostos”. (pp. 309-310)

A própria terminologia de “análise”, presente em “psicanálise” reporta-se ao processo químico de “análise”, de fragmentação e quebra de estruturas compostas em elementos mais simples. Encontramos em “A interpretação das Afasias” a apropriação de Freud da ideia de que os fenômenos psíquicos podem ser reduzidos à estrutura mais simples, advinda do procedimento filosófico de Mill. Em seu “John Stuart Mill: o Psicologismo e a fundamentação da lógica”, Gianotti (apud Loffredo, 2004), esclarece acerca deste procedimento:

...em vez de descrever os fatos mentais à procura dos mais primitivos, deve-se proceder ao exame de seus modos de formação composto cujos trâmites de produção foram perdidos. Portanto, todo fenômeno redutível a elementos mais simples, por estes modos de produção já estabelecidos, não será tomado como simples, ainda que a intuição assim não-lo apresente. (p. 311)

O mesmo autor complementa:

Investigando-se o processo de formação dos fenômenos, temos acesso a suas características e é desta forma que o patológico oferece uma condição privilegiada para tal, desde que, nele, esse composto se mostre justamente por estar decomposto. Deve ser assinalado que este modo de investigar estará subjacente a todo o percurso freudiano posterior. Assim, uma das características de seu trabalho com sonhos é fragmentá-los, de tal modo que o trabalho da interpretação, como afirmará em 1900, deve ser feito em detalhe, não em massa, pois o sonho é um material composto, “um conglomerado de formações psíquicas. (p. 311)

Loffredo (2004) também ressalta a postura diferenciada de Freud com relação ao esforço localizacionista vigente na produção científica da neurologia:

Na abordagem introduzida em *Afasias*, não se trata de buscar uma articulação entre uma função, por mais elementar que seja, e um ponto correspondente na área neuroanatômica. Inspirando-se no conceito de *processo*, introduzido por Jackson, Freud instaura um modo inovador para tratar a questão da linguagem. (p.312)

Finalmente, a autora se reporta a Monzani sobre a importância da forma de pensar presente em “Afias”:

A ideia que se articula aqui é a de um conjunto de processos que têm lugar no sujeito, que no entanto, não participa em nada deles com relação ao ponto de vista psicológico. O que está em questão não é a natureza do processo, mas sim as leis e as regras que o regulam e que o fazem produzir determinados efeitos.... Freud introduz uma noção (a grande noção original deste texto) que é a de um *aparelho* ou *aparelho* da linguagem que seria o responsável por esse processo de integração das diferentes funções parciais. (Monzani apud Loffredo, 2004, p. 311)

De modo que: “É assim que o discurso freudiano começa a tratar de um *lugar*, sem que seja necessário localizá-lo. Daí a importância da noção de *aparelho psíquico*, que estará

presente em todo o trajeto freudiano” (Loffredo, 2004, p.312). Talvez já possamos situar em “Afasias” um dos embriões do raciocínio tópico, tão fundamental à metapsicologia freudiana.

Buscamos, até este ponto, dimensionar, mesmo que brevemente, a importância que “Afasias” (1891/2003) possui em relação ao restante da produção freudiana que viria a se realizar. Berço de noções metapsicológicas básicas, da forma de operar buscando a “decomposição de fenômenos complexos”, da noção do patológico como uma amostra e porta de acesso ao “normal”, ou ainda por remeter o pensamento de Freud a suas raízes filosóficas, “Afasias” se configura como uma produção rica e importantíssima do autor, embora afastada do conjunto das obras completas de Freud, carece de maior leitura e averiguação.

Nosso interesse, no entanto, é mais focado. Dentre as tantas publicações de Freud, pode-se considerar este texto o berço do conceito de “representação” (*Vorstellung*). Tendo uma importância central na obra freudiana, analisaremos as asserções de Freud a respeito deste conceito, em função das características que forem destacadas pelo autor. Analisaremos principalmente os componentes elencados relativos à “representação” que retratem seu caráter imagético, eminentemente visual. Assim buscaremos na pré-história do conceito de “representação” também uma base teórica para começar a pensar, desde esse ponto, e dentro da obra de Freud, uma fundamentação teórica para os sonhos diurnos.

3.2 Do “paralelismo” entre psicológico e somático

Em nosso primeiro trecho selecionado, Freud (1891/2003) se posiciona de maneira decisiva em um debate, talvez ainda atual. Trata-se da separação, ou ainda, da hipotética continuidade que haveria entre o corpo e a mente, entre somático e psíquico. No trecho, Freud se opõe à tendência da medicina de sua época de buscar localizar faculdades psíquicas no seu todo, tal como as delimita a terminologia psicológica, em determinadas regiões do encéfalo:

Justificar-se-á imergir no psíquico a terminação de uma fibra nervosa, que em todo o seu percurso foi uma formação puramente fisiológica, sujeita a modificações puramente fisiológicas, e guarnecer essa terminação com uma representação ou uma imagem mnésica? (p. 30)

A palavra “imergir” adotada na edição consultada nos traz uma interessante imagem de que uma fibra nervosa, em sua materialidade, ao fim de seu percurso até o sistema nervoso, acabaria por ocasionar algo psicológico (uma “imagem mnésica” ou uma “representação”). Poderíamos pensar, a partir desta oração, que a “representação”, como um todo psíquico é, está ou surge na terminação central de um nervo. Haveria uma formulação corrente a respeito de uma espécie de ponto de fusão, de uma barreira de contato, de conversão entre somático e psicológico, em uma tentativa clara de “situar” organicamente uma faculdade psíquica. A representação, ou o que chamou de “imagem mnésica”, estaria conectada à estimulação nervosa, aconteceria na “ponta” desta. Freud, em sua indagação, parece se opor a esta visão “localizacionista”, o que revela a cautela que autor exercia ao indagar acerca da natureza do psíquico, evitando-a reduzir ao seu aspecto biológico.

Na sequência, Freud aprofunda a discussão sobre os limites e diferenças entre psíquico e somático. Mostra como aos conceitos básicos da psicologia se correspondem extensos e complexos processos orgânicos:

Se a “vontade”, a “inteligência” e assim por diante, são reconhecidas como palavras artificiais da psicologia, a que correspondem relações muito complexas no mundo fisiológico, a propósito da “simples representação sensorial” saber-se-á acaso com maior certeza que é algo de diverso de um tal artifício? (p. 30).

A questão levantada por Freud é bastante interessante. Parece visar a desafiar o ímpeto da neurologia da época que buscava reduzir e localizar a psicologia aos elementos “biológicos” da mente. Trata-se de um raciocínio simples e pungente. Se até para os conceitos mais elementares da psicologia se equivalem uma série de processos complexos fisiológicos, o paralelismo ou a redução do psicológico ao somático não se daria de forma tão simples como se desejaria supor na época. Para ilustrar, cita as “palavras artificiais” e elementares da psicologia: “inteligência” e “vontade”. O que se encontraria na face biológica do ato psicológico de “inteligência” ou “vontade”, se um paralelo entre psicológico e somático fosse possível, não seria nada elementar e simples. Muito pelo contrário, a estas palavras, se equivaleria neurologicamente uma grande cadeia de processos orgânicos complexos e intrincados, que utilizariam inúmeros órgãos e estruturas para se perfazer. Freud conduz então o mesmo raciocínio a outra concepção básica da psicologia, a “representação sensorial”. A representação de um estímulo simples, oriunda da estimulação de um dos órgãos dos sentidos, se apresenta

como algo simples, elementar e unitário para a psicologia. No entanto, para a fisiologia neurológica, para a ocorrência de uma “representação sensorial”, provavelmente também seria necessário se admitir uma série de processos fisiológicos que se desenrolariam e encadeariam para permitir tal ocorrência psicológica. Portanto, Freud torna complexa a relação entre somático e psíquico que redundava nas “representações”, por mais simples que sejam, como as “representações sensoriais”. Percebemos já, desde aqui, o grande ímpeto de Freud em salvaguardar o estatuto psicológico das representações mentais, garantindo-lhe autonomia frente aos raciocínios mais redutivos e simplistas, presentes no bojo da discussão neurológica da época. Assim, o autor prossegue em sua arguição:

Verosimilmente, a cadeia dos processos fisiológicos no sistema nervoso não está em relação de causalidade com os processos psíquicos. Os processos fisiológicos não cessam mal se iniciam os psíquicos, pelo contrário, a cadeia fisiológica prossegue, só que, a partir de um certo momento, a cada seu elemento (ou a cada um dos elementos isoladamente) corresponde um fenômeno psíquico. O psíquico é assim um processo paralelo ao fisiológico (*a dependent concomitant*). (1891/2003p. 30)

Neste ponto, encontramos uma formulação de grande esclarecimento e valor epistemológico para a psicanálise. Freud declara, explicitamente sua posição em consideração à relação entre o psíquico e o fisiológico, entre psicologia e biologia: “O psíquico é assim um processo paralelo ao fisiológico”. No pensamento do autor, a relação entre psíquico e somático seria da ordem de um paralelismo, no qual a expressão latina empregada nos aponta algumas das principais características: dependência e concomitância. Haveria na influência entre os domínios psicológico e biológico relações causais temporalmente necessárias, embora não se possa revelar estas relações ponto a ponto. A influência entre a fisiologia do corpo e a psicologia da mente pode vir a ser descrita conforme estas duas características, concomitância e dependência, embora as mesmas não possam prover o nível de previsibilidade e controle que o saber da neurologia normalmente requer. Freud novamente parece cauteloso ao buscar estabelecer os nexos e as leis que regem a psicologia.

A correspondência entre os domínios responderia a um princípio que, embora não-esclarecido, explicaria a ordem de uma causação não-imediata, não-linear e não exatamente reprodutível. Ao desencadear de uma série de fenômenos fisiológicos, nem sempre corresponderia linearmente uma representação mental e ao surgir uma representação no psiquismo, por mais elementar e básica que possa ser, nem sempre seria possível se remontar aos variados processos biológicos envolvidos. O paralelismo entre mente e corpo seria de uma complexidade ímpar. A título de exemplo, a percepção de um simples fecho de luz, ao terminar seu longo percurso de estimulação sensorial periférica, seria transmitida ao sistema nervoso

central, onde poderia ocasionar “paralelamente” o surgimento de uma representação que, por si só, a despeito de todos os processos fisiológicos envolvidos, pode ser percebida como algo simples e elementar, pelo escopo da psicologia. O trecho pode ser interpretado também de uma forma simples e quantitativa, que a nós parece ser o que Freud buscava indicar, justamente, para desencorajar o estabelecimento de relações muito imediatas e simplistas entre psique e corpo: um número x de processos fisiológicos não desencadearia um número x de processos psicológicos. Pelo contrário, uma cadeia de fenômenos fisiológicos parece corresponder a um número muito pequeno de fenômenos e manifestações psíquicas, elementares.

A especulação acerca da natureza da relação entre o somático e o psíquico, ocupará papel fundamental nas formulações futuras de Freud. A natureza da correspondência, e também da não-correspondência, entre fisiológico e psíquico, lança valor à pesquisa psicológica autônoma, mais desvencilhada da pesquisa biológica. Desta forma, “Em *Afásias*, Freud (1891/2003) abalou de forma radical a concepção localizacionista das afásias, criticando um ponto de vista mecanicista do psiquismo que o enquadrava como uma espécie de epifenômeno do funcionamento nervoso.” (Loffredo, 1999). Há pontos de contato entre o somático e o psíquico, embora sua estrutura não fique clara, muito menos previsível. Não se dissocia corpo e mente, mas se complexifica a relação “paralela” existente entre os dois âmbitos.

A sequência do texto enriquece ainda mais a ideia do tipo de “paralelismo” entre corpo e psique:

...a modificação (que é do campo da fisiologia) das fibras nervosas pela excitação sensorial produz uma outra modificação na célula nervosa central, que se torna portanto o correspondente fisiológico da “representação”.... dado saberem dizer muito mais da representação que das desconhecidas modificações ainda não caracterizadas fisiologicamente, servem-se da expressão elíptica: na célula nervosa está localizada uma representação. Esta substituição, é, porém, suficiente para levar imediatamente a uma troca das duas coisas que não têm necessariamente uma semelhança entre si. (Freud. 1891/2003, p. 31)

O autor novamente alerta sobre a tentativa questionável de estabelecer um nexos imediato entre célula nervosa central (e suas transformações), e as representações psíquicas. Freud se vale do termo “correspondente” para descrever esta relação. Entre a célula nervosa e a representação haveria uma correspondência, embora as leis que regessem estas não fossem claras. Adicionalmente, adverte acerca das descrições mais “elípticas”, que situam na célula nervosa, imediata e materialmente, a representação. Este tipo de raciocínio levaria a uma consideração problemática da representação que não necessariamente teria pertinência científica.

A nós, no entanto, atentos aos prospectos da teoria freudiana, vale ressaltar que aqui Freud já parece avesso a este tipo de raciocínio “localizacionista”. Recusa-se a tomar a representação tão imprudentemente como um ponto da terminação nervosa fisiológica. Saber que as fibras nervosas são conduzidas a um centro onde sua informação se converte em outro tipo de informação neurológica, e que isto redundaria no evento de representações no nível psíquico, não é prova suficiente de que as representações se situem na terminação nervosa, mas que apenas um processo fisiológico se dispara de lá.

Por fim, o autor arremata:

Na psicologia, a simples representação é algo de elementar que podemos distinguir nitidamente de suas ligações com outras representações. Chegamos assim à hipótese de que também o seu correspondente fisiológico, a modificação, que parte da excitação da fibra nervosa que termina no centro, seja alguma coisa de simples que se pode localizar num ponto. Uma tal versão é de todo injustificada; as propriedades desta modificação devem ser determinadas *de per se*, ou seja, independentemente do seu correspondente psicológico. (Freud, 1891/2003p. 31)

O autor parece preocupado com a tendência irracional que pode surgir do desejo de se aplicar uma analogia do raciocínio da psicologia relativo à representação à pesquisa médica. Afirmar que o conceito de “representação” para a psicologia é algo de elementar. Seria simples o discernimento entre várias representações, como se fossem elementares, unitárias, básicas em si. É curioso notar que as asserções de Freud, logo em sequência, no entanto, virão a desmembrar a “representação” em elementos ainda mais simples. O raciocínio que assenta o surgimento da representação na transformação da terminação da célula nervosa pressupõe que tal transformação se dê em um ponto delimitável. Ressalte-se novamente que as advertências de Freud parecem advir de sua preocupação com a aplicação de uma analogia perniciosa do raciocínio psicológico com o raciocínio médico da época. O risco incorreria exatamente em tomar psicologia e neurologia como campos de saber análogos e exiguamente correspondentes:

O que é pois o correspondente fisiológico da simples representação ou daquela que se apresenta em seu lugar? Evidentemente, nada de quiescente, mas algo da natureza de um processo. Esse processo traz justamente a localização; parte de uma área particular do córtex encefálico e a partir daí difunde-se por todo o córtex encefálico ou ao longo de vias particulares. (Freud, 1891/2003, p. 31)

Atentemo-nos a este modelo espacial fisiológico. O correspondente fisiológico da representação é algo da ordem de um processo e isto implica que para a ocorrência de uma representação no plano psicológico, há a ocorrência de ações e etapas sucessivas no plano dos processos biológicos. Freud leva a fundo sua concepção de “paralelismo”.

Neste ponto, gostaríamos de fazer um primeiro comentário. Embora “A interpretação das Afasias” não seja considerada parte das obras completas de Freud, este texto fornece uma rica e variada demonstração das teses e posicionamentos do autor com relação à psicologia. Neste primeiro momento, gostaríamos de reiterar o quanto Freud se fez contrário à uma extrapolação do psíquico ao fisiológico, ou melhor, a uma redução do primeiro ao último. Embora tenha ligado as manifestações psíquicas invariavelmente ao seu “correspondente fisiológico”, pelo princípio de concomitância e dependência, o autor de certa forma nos auxilia a nos posicionarmos ao buscar uma abordagem para estudar os fenômenos mentais. No caso desta pesquisa, isto significa, até este ponto do texto que, a partir ponto de vista freudiano, justifica-se uma postura que considera e contempla os sonhos diurnos, em toda a sua manifestação imagética, a partir de um prisma psicológico. A análise do conteúdo de tais sonhos, já que não pode ser descrita e explicada em termos exclusivamente fisiológicos, e já que conserva e apresenta seu caráter eminentemente imagético, deve ser considerada a partir de um ponto de vista psicológico, independente do ponto de vista neurológico ou médico. Isto pode soar excessivamente simples, mas arriscamos dizer que o raciocínio de Freud presente até esta etapa do texto resguarda a autonomia e a necessidade da pesquisa psicológica, com o que a mesma traz de específico.

3.3 Memória na concepção freudiana de 1891

Encontramos na sequência do texto uma importante passagem esclarecedora acerca da concepção freudiana de memória:

Uma vez passado, este processo deixa no córtex encefálico que investiu uma modificação: a possibilidade de recordação. É extremamente duvidoso que a esta modificação corresponda também algo de psíquico; a nossa consciência não apresenta nada que possa justificar do lado psíquico o nome de “imagem mnésica latente”. Mas de cada vez que é novamente excitado este estado do córtex, o psíquico apresenta-se de novo como imagem mnésica. (Freud, 1891/2003, p. 32)

E logo após, Freud (1891/2003) admite que “É certo que não temos a mais pálida ideia de como a substância animal esteja em condições de passar por tão múltiplas modificações mantendo-as distintas” (p. 32).

A memória adviria de uma modificação causada por um processo neurofisiológico. Freud refere-se aqui à possibilidade de “recordação”. Primariamente, talvez a palavra recordação remeta à ideia de se poder reativar uma memória deliberadamente, uma memória prontamente acessível. O interessante é notar que desta modificação que pode ocasionar a “possibilidade de recordação” não se faça surgir necessariamente algo “do lado do psíquico”. A consulta à consciência não permitiria que se tenha qualquer percepção de uma modificação em nossa memória, de uma “imagem mnésica latente”. Simplesmente não parece ser possível se perceber quando algo se registra em nossa memória, mas esse algo pode ressurgir deste registro, e ser perceptível tão logo haja uma “excitação” adequada deste “estado do córtex”. Não existe nada na consciência que se justifique chamar “latente”, mas tão logo a estimulação se repete, lá surge a dita representação que estava “latente” novamente. Neste excerto, Freud parece tentar fundamentar uma memória fisiológica que justificasse tal fato. De toda forma, trabalha-se aqui uma concepção de memória que não se faz prontamente acessível à consciência, embora lá permaneça latente. Esta formulação lembra sobremaneira o que Freud viria a caracterizar, poucos anos depois, por exemplo em “Estudos sobre a histeria” (1893-1895a/2006), como uma prova da existência do registro “inconsciente”. Além disso, Freud parece relegar à memória a função de “ponte de conversão” entre fisiológico e psíquico, uma vez que é da excitação de uma “rota” previamente excitada que o autor situa o surgimento de uma representação específica. É curioso notar, finalmente, que embora Freud não situe nas terminações nervosas o “lugar” da representação, este parece ser feito no “lugar da memória”, já que esta, de certa forma, se daria a partir de uma “transformação no córtex”, que pode ser entendida do ponto de vista material.

Das breves asserções sobre a memória, gostaríamos de refletir sobre este caráter “reprodutivo” que o aparelho da memória parece possuir neste ponto da teoria de Freud. Uma modificação no córtex, realizada por um processo, faria surgir em um primeiro momento uma representação. Este processo deixaria uma marca perene no córtex, uma “imagem mnésica”, ao qual nada parece corresponder no ponto de vista psicológico. Mas, se o córtex fosse novamente excitado de maneira similar, logo, tal imagem mnésica seria novamente evocada na consciência, do ponto de vista do nosso objeto de investigação apresenta-se uma questão interessante!

Somos levados, a partir dessa teoria da memória – que como já expressamos, parece-nos um dos pontos de inflexão e convergência entre somático e psicológico – a refletir se, quando entramos em estado de devaneio e quando as imagens que não controlamos passam a visitar nossa mente, se a mente não estaria reproduzindo um determinado estado de excitação de córtex já vivenciado anteriormente. Não precisamos nos fiar pela teoria neurológica de Freud, o que seria atualmente desprovido de qualquer sentido, mas a questão que propomos é bem simples. Quando nos surgem imagens em um sonho diurno, estas imagens não poderiam ter sua origem em nossa memória, que, por algum motivo, fora excitada de uma forma bastante específica, que desperta exatamente de uma ou outra imagem? E se os sonhos diurnos forem apenas a reprodução de estados gravados em nossas memórias, evocados a partir de estímulos que já vivenciamos outrora, com alguma similaridade? Neste caso, os “sonhos” seriam apenas memórias das quais não possuímos recordação, e seria possível, de certa forma, rastrear a partir de que excitação ou estímulo cada imagem fora “representada”, pois nesse caso, as imagens seriam espécies de “reapresentações” de algo que haveria sido experimentado em momento anterior.

3.4 Da inseparabilidade entre “representação” e associação

Na continuidade do texto, Freud (1891/2003) utiliza o modelo fisiológico de transmissão de estimulação cortical para demonstrar que não há diferença tópica nos locais de ocorrência entre a sensação que ocasiona uma representação e sua imediata associação. Simplificadamente, postula uma “continuidade” entre as “representações” e sua imediata e circunscrita “associação”:

Poder-se-á portanto distinguir no correspondente fisiológico da sensação a parte de “sensação” e a parte de “associação”? Evidentemente que não, “sensação” e “associação” são dois nomes com que designamos duas diferentes perspectivas do mesmo processo. Sabemos, no entanto, que ambos os nomes são abstraídos de um processo unitário e indivisível. Não podemos ter uma sensação sem logo associá-la; embora procuremos separar as duas actividades conceptualmente, elas dependem na realidade de um único processo que, iniciando-se a partir de uma área cortical, se difunde por todo o córtex. A localização do correspondente fisiológico é portanto a mesma para representação e associação, e já que *localização*

de uma representação não significa mais que localização do seu correspondente, temos de evitar colocar a representação num ponto do córtex encefálico e a associação num outro ponto. Mas ambas procedem de um mesmo ponto e nunca se encontram em repouso. (p. 32)

Deve-se considerar a grande importância deste trecho, pois Freud aponta que fisiologicamente não há distinção entre “sensação” e sua necessariamente imediata “associação”. O estímulo sensorial que percorre as células nervosas e gera modificações, acarreta “paralelamente” “do outro lado” uma representação. A tentativa de localizar a representação na terminação na célula nervosa logo encontra esta complicação adicional: a associação se dá em súbita sequência à “sensação”. Isto, na visão de Freud, torna impossível a separação entre sensação e associação, uma vez que, do ponto de vista fisiológico, o processo que ocasionaria ambas as coisas seria o mesmo. Poderíamos extrapolar o mesmo raciocínio para a psicologia e assumir que, embora conceitualmente pensemos a representação como algo elementar, talvez também não caiba pensar que a associação é um processo separado e posterior à sua ocorrência. “Representação” e “associação” também são fenômenos psicológicos sobre os quais talvez valha assumir que não há divisão. Quando há o evento de uma representação, ela é logo associada, e é difícil de se conceber uma representação psicológica isolada, privada das conexões que naturalmente se fazem pelo processo que convencionalmente chamamos de “associação”.

Esta nossa hipótese se vale da analogia com o modelo fisiológico descrito. Não haveria nenhuma distinção, a não ser conceitual, que separa o fenômeno da “sensação” do de “associação”. Para realizar tais interpretações e extrapolações, assumimos como “sensação” o mesmo que “representação”, pois Freud substituiu “sensação” por “representação” no trecho citado, e relacionou-os ao “correspondente fisiológico da sensação”. Acreditamos que a mudança entre os termos “sensação” e “representação” deva-se a uma possível intenção de Freud de ressaltar um componente ou aspecto da representação específico, seu traço mais sensorial, algo sensível que evoca uma imagem mental representativa em um primeiro momento. Tão logo tivéssemos uma sensação mental, haveria logo o surgimento de uma representação, e esses fenômenos rapidamente se interligariam pelo processo de associação.

Vale lembrar que a intenção de Freud parece bem simples neste ponto: indicar seu parecer de que não haveria centros corticais distintos responsáveis pelo “representar” e pelo “associar”, dado que o processo fisiológico correspondente a essas ocorrências psicológicas seria “unitário e indivisível”. Também é curioso notar que Freud de certa forma demonstra sua preocupação em descrever os fenômenos mentais através da linguagem psicológica. Ao conferir

o título de “abstração” aos conceitos psicológicos, Freud parece evidenciar que pensa as questões a partir de um ponto de vista médico, para o qual a psicologia seria apenas um “recurso necessário”. Há um trecho pouco acima em que fala que o conhecimento da psicologia, no que diz respeito às “representações” está mais adiantado do que o conhecimento biológico sobre as mesmas.

Apenas com o intuito de encerrar este ponto da discussão, lançamos uma citação de Freud que resume essa concepção:

Rejeitamos portanto a hipótese de que o aparelho da linguagem consista em centros distintos, separados por regiões corticais isentas de funções e além disso que as representações (imagens mnésicas) que servem para a linguagem estejam acumuladas em determinadas áreas corticais denomináveis centros, ao passo que à sua associação procederiam exclusivamente as brancas massas fibrosas subcorticais. (p. 37)

Almejamos destacar aqui o que Freud, em uma discussão eminentemente médica, aproximou o “aparelho da linguagem”, as “representações” e a “associação das representações”. É muito interesse notar o quanto o autor já estava às voltas, mesmo que de um ponto de vista próprio das ciências naturais, daquilo que estaria no bojo de sua pesquisa e formulações sobre as “psiconeuroses” poucos anos depois. As descobertas clínicas ensejadas nos “Estudos sobre a Histeria” (Breuer e Freud, 1893-1895a/2006), para o qual dedicamos um capítulo à parte, envolviam diretamente o uso da linguagem para “ab-reagir” afetos “estrangulados” de representações reprimidas. E a forma como Freud buscava tais representações contava centralmente com a condição de associação que os pacientes demonstravam. Através da associação, rastreava-se uma representação “inconsciente” na memória dos pacientes, e quando esta era encontrada, poderia haver uma ab-reação através do próprio processo de pensamento e de associação às representações acessíveis e também através da comunicação dos pacientes sobre as mesmas por meio da linguagem.

Para nós, ao nos reportarmos aos sonhos diurnos, percebemos já, desde aqui, um pouco do destino que a psicanálise poderia dispor aos mesmos. Seria através da associação ocasionada a partir da emergência das imagens no devaneio que se poderia buscar um “sentido” ou origem para o que quer que os sonhos diurnos busquem representar. A criação de linguagem a partir destas figuras e de suas associações também pode ofertar um destino menos “neurótico” aos sonhos diurnos, possibilitando uma espécie de “escape” para uma energia, que, de outra forma, estaria fadada a continuar se manifestando através dos devaneios, a variar pelo caso, de outros mecanismos psíquicos.

3.5 Uma visão de “linguagem” para Freud

O primeiro excerto desta seção demonstra um tipo de raciocínio que será decisivo para a pesquisa psicanalítica. O normal é aferido a partir do patológico que, através de suas fragmentações, indicaria o fuso das estruturas saudáveis. Observa-se no texto a seguinte passagem (Freud, 1891/2003):

Pretendemos agora ver que hipóteses nos servem para a explicação das perturbações da linguagem com base numa tal estrutura do aparelho da linguagem; por outras palavras, o que é que nos ensina o estudo das perturbações da linguagem em torno da função desta aparelho. A este propósito pretendemos separar o mais possível o aspecto psicológico do anatômico, do objeto em exame. (p. 42).

Encontra-se, em seguida, o começo de uma série de considerações notáveis:

Para a psicologia, a unidade da função de linguagem é a “palavra”, uma complexa representação que se apresenta composta de elementos acústicos, visuais e cinestésicos. Devemos à patologia o conhecimento desta composição: ela indica-nos de facto que no caso de lesões orgânicas do aparelho da linguagem se verifica uma desmontagem do discurso segundo esta composição. (p. 42)

Remarquemos o principal: a “palavra” é unidade da função da linguagem e é uma representação. Esta representação é composta e agrega elementos acústicos, visuais e cinestésicos. Freud, a partir daqui, dá início a uma decomposição da “representação” em elementos ainda mais básicos. Vale lembrar que pouco acima no texto o autor havia estipulado um carácter “elementar” da representação para a psicologia.

Prossegue e detalha a composição da “representação de palavra”:

Geralmente são mencionadas quatro componentes da representação da palavra: a “imagem acústica”, a “imagem visual da letra”, a “imagem motora da linguagem” e a “imagem motora do escrever”. Esta composição resulta mais complexa se nos pomos dentro do verosímil processo associativo no decurso de cada uma das atividades da linguagem. (p. 42)

Nas próximas três páginas, Freud detalha o entrecruzamento das “atividades da linguagem” no desenvolvimento da capacidade linguística na criança. A título de exemplo, começa por detalhar que a criança aprende a falar quando associa uma “representação acústica” de uma palavra à uma “sensação ao nível de inervação da palavra” (p. 43). Afirma que, assim, adquire-se uma “representação motora da linguagem”, o que diríamos ser uma espécie de via facilitada na memória que torna mais fácil a inervação motora posterior da mesma palavra.

Prossegue e detalha como no aprendizado de uma língua, busca-se ajustar a inervação motora da fala, percebendo-se o som que esta gera, a outras representações acústicas da língua que se busca a conquistar. Mais simplesmente, buscamos ajustar e corrigir o que balbuciamos ao formato correto acústico de uma palavra que escutamos de antemão. Freud (1891/2003) explica a aquisição do soletrar e da habilidade de leitura. Diz, por exemplo:

Mal são pronunciadas, a partir da imagem acústica destas novas representações de palavras descobrimos que quer as imagens motoras das palavras quer as imagens acústicas assim obtidas nos são conhecidas já de há tempos e são idênticas às usadas no falar. A estas imagens da linguagem adquiridas no soletrar associamos portanto a denotação própria dos primeiros sons das palavras. (p. 44)

Resumidamente, detalha a aquisição de uma linguagem e sua compreensão, a possibilidade da fala articulada, o desenvolvimento da capacidade de ler e, por fim, o da capacidade de escrever.

Importa-nos esta passagem pois, ao criar hipóteses sobre a aquisição da linguagem para a criança, assim como do intrincado processo de associação entre imagens acústicas, motoras, de escrita e leitura que ocorrem para que possamos nos comunicar através de palavras, Freud nos mostra a forma como criamos nossa linguagem cotidiana. Mostra que a associação não se realiza apenas por meio de “representações” mais complexas. Antes disso, ela se faz a partir de imagens acústicas, motoras, visuais bem mais simples. Entendo que isto elucida muito bem a forma como nosso associar se dá de forma geral, talvez realizado a partir de elementos muito mais simples do que supomos. É possível que o método de interpretação dos sonhos de Freud (1900/2006), focado nos detalhes, teve como um de seus primeiros berços este texto de 1891, já que o método de Freud usa dos elementos mais básicos do sonho para alcançar seu “sentido” maior, velado e misterioso. E indo além, desta ideia para os sonho diurnos, deveria a sua interpretação também partir de elementos sensoriais mais simples?

3.6 A “palavra” e suas relações com os objetos

Abordamos neste ponto a notável investigação de Freud sobre as “palavras”:

A palavra é portanto uma complexa representação que consiste nas imagens mencionadas ou, por outros termos, à palavra corresponde um intrincado processo associativo em que vêm a entrar os elementos já mencionados, de proveniência visual, acústica e cinestésica. (p. 46)

A esta ideia, acrescenta o seguinte esquema que ocupa um lugar fundamental na reflexão desenvolvida em “Afasias” (Freud, 1891/2003):

Figura 1: Esquema psicológico da representação da palavra (p. 46)

Este esquema é esclarecido logo abaixo da figura:

A representação da palavra apresenta-se como um complexo fechado de representações ao passo que a representação objectual se apresenta como um complexo aberto. A representação da palavra está ligada à representação objectual a partir não de todas as suas componentes mas apenas da imagem acústica. Entre as várias associações objectuais são as visivas que representam o objecto; assim, analogamente, a imagem acústica representa a palavra. Não são aqui desenhadas as ligações da imagem acústica da palavra com associações objectuais diferentes das visivas. (p. 46)

Encontra-se aqui uma das passagens mais relevantes do texto. Primeiramente, Freud discerne entre tipos de representação: uma de objeto e uma de palavra. Até este ponto, o autor vinha trabalhando exclusivamente a representação de palavra, decompondo-a. Neste trabalho, ela já havia mencionado expressões como “imagem da letra”, “imagem da palavra inteira”,

“imagem acústica”, “imagem motora”, mas, de certa forma, estas se referiam a espécies de esquemas, normalmente utilizados no desempenho das funções da linguagem.

Neste trecho, no entanto, a representação-objectual é descrita em sua principal, dentre todas suas características, ser visual. O componente visual-imagético da representação-objectual seria mais relevante do que os outros componentes desta representação (acústicos, cinestésicos). Já a representação de palavra estaria mais fortemente atrelada ao seu componente acústico. Seria também através deste componente acústico que a representação de palavra se ligaria à representação de objeto.

Ainda há expresso o destaque para o fato de as representações da palavra se apresentam como um “complexo fechado”. É relativamente simples compreender isto, uma palavra, essencialmente é falada quase sempre da mesma forma, é escrita quase sempre da mesma forma, e lida quase sempre da mesma forma. Seus aspectos formais visuais, acústicos e “cinestésicos” não sofrem importantes variações, até mesmo porque isto impediria seu reconhecimento normal como uma palavra específica. Já as representações-objectuais também possuem diferentes componentes em sua estrutura: visuais, tácteis, acústicos, olfativos, palatáveis etc. O limite real para sua composição seria dado apenas pelos órgãos do sentido. No entanto, uma série relativamente infinita de novas representações (ou sensações advindas da percepção pelos sentidos) poderia se agregar à representação do objeto original, modificando sua caracterização. Estas possibilidades fazem com que as representações de objeto sejam complexos sempre abertos, pois são sempre sujeitas à associação com novas representações, advindas da experiência. Com o prosseguimento do raciocínio de Freud, encontramos o seguinte trecho:

Mas a palavra adquire a sua denotação pela ligação com a “representação-objectual”, pelo menos se nos limitarmos à consideração dos substantivos. Por outro lado, a representação objectual é por sua vez um complexo associativo das mais diversas representações visuais, acústicas, tácteis, cinestésicas, etc.” (pp. 46-47)

Seguimos no texto para nos deparar com outro trecho de grande relevância:

Da filosofia aprendemos que a representação objectual não compreende senão isto, e que a aparência de uma “coisa” – de cujas diferentes “propriedades” falam aquelas impressões sensoriais – surge apenas na medida em que no leque das impressões sensoriais obtidas por um objecto incluímos também a possibilidade de uma longa sucessão de novas impressões na mesma cadeia associativa [J. S. Mill]. Em suma, a representação objectual aparece-nos como uma representação não-fechada e dificilmente susceptível de fecho, ao passo que a representação da palavra nos parece como algo fechado embora susceptível de ampliação. (p. 47)

O tributo explícito de Freud a Stuart Mill, bem como a referência em nota de rodapé aos livros “System of Logic²” e “An examination of Sir William Hamilton’s Philosophy”³ permitiram notar a enorme influência do filósofo sobre Freud, dada a relevância ímpar do conceito de associação em toda a clínica e teoria erigida pelo autor.

Com a retomada acerca da impossibilidade de separação entre “sensação” e associação” na fisiologia, e que extrapolamos para a psicologia como uma impossibilidade quase da mesma ordem de conceber a representação isolada do processo de associação que se dá a partir da mesma, adicionamos outra ideia. A representação de objeto está constantemente se associando a outras representações, de forma que passam a constituir um complexo virtualmente sempre em expansão. Isto se dá pelo simples fato de que a uma representação de objeto frequentemente se somam novas características. Já a representação da palavra parece se estruturar de forma menos prontamente modificável, possuindo uma estrutura mais estável, pois suas características (som, capacidade motora de fala, escrita) são mais invariáveis.

Freud concebe em seguida, a possibilidade de dois tipos de afasias com base nesta premissa: uma verbal, cujo comprometimento se dá nas relações entre os componentes da representação da palavra, e uma espécie de afasia simbólica, onde o que é perturbado é a própria associação entre a representação da palavra e a representação do objeto. A metapsicologia freudiana posterior faz uso majorado desta concepção da separação entre a representação de coisa e a representação da palavra correspondente. No texto “O inconsciente” (1915b/2006), por exemplo, Freud postula que a separação entre a representação de objeto e sua respectiva representação de palavra é a condição para que um conteúdo permaneça no registro inconsciente da psique.

Vê-se adiante outro trecho, em “Afiasias” (Freud, 1891/2003) que reforça a importância majoritária do componente visual, para a representação de objeto:

A constatação de que perturbações devidas aos elementos ópticos das representações objectuais podem exercer um tal influxo na função da linguagem explica-se pelo facto de as imagens visuais serem as componentes mais relevantes e importantes das nossas representações objectuais. (p. 49)

---

² MILL, J.S., (1974b). Sistema da lógica dedutiva e indutiva. In: Os Pensadores. (J. Coelho trad., v.34) São Paulo: Abril Cultural (Trabalho original publicado em 1843)

³ MILL, J.S. (1979). An examination of Sir William Hamilton’s Philosophy. Toronto: University of Toronto Press. (Trabalho original publicado em 1866)

O seguinte esquema explica a manifestação dos centros da linguagem para Freud. Detalha as associações entre os diferentes campos corticais responsáveis pelos elementos perceptivos que, integradamente, compõem a linguagem:

Figura 2: Esquema anatômico do campo associativo da linguagem (p. 51)

A esta imagem, seguem-se os seguintes esclarecimentos:

Os campos corticais do nervo acústico, do nervo óptico, do braço e da musculatura da linguagem são esquematizados com círculos; as vias associativas que vão destes campos para o interior do campo da linguagem são representados por feixes de raios. Onde estes se vão cruzar com os feixes que aqui se apresentam cortados pela sua fonte, surge um <<centro>> para o respectivo elemento associativo. As ligações bilaterais do campo acústico não estão traçadas quer para não complicar a figura quer porque não é clara a relação entre campo do ouvido e centro acústico da linguagem. Decompor também espacialmente as ligações com o campo óptico em dois feixes permite deduzir que os movimentos dos olhos estão empenhados de modo particular na associação da leitura. (Freud, 1891/2003, p. 51)

Com relação ao importante papel das representações acústicas para o aparelho da linguagem, Freud aponta que “Cada estímulo <<voluntário>> dos centros da linguagem passa, porém, pela região das representações acústicas e consiste numa sua excitação a partir das associações objectuais” (p. 52). E complementa: “Uma vez que todas as outras associações verbais se ligam à imagem acústica, uma lesão mais ou menos extensa da região da linguagem nas proximidades do campo acústico tem como consequência, quer a interrupção entre as associações de palavras quer a perturbação na associação de palavras com as associações objectuais” (pp. 52-53).

Mais abaixo, surge um interessante trecho. Este descreve a influência da perda das representações do elemento óptico para a linguagem, com a manutenção de representações objectuais advindas de outros componentes dos sentidos:

Podemos apenas presumir que a mais importante direção para a associação simbólica seja a dirigida para o campo cortical óptico, já que entre as associações objectuais são geralmente as imagens mnésicas ópticas que desempenham o papel principal. Se estas associações são impossíveis, o campo da linguagem pode receber ainda estímulos do resto do córtex, isto é, das associações tácteis, gustativas, etc.; geralmente pode ainda ser estimulado a falar. Assim se explica, portanto, que o falar espontâneo não seja eliminado, por acentuada que seja a afasia assimbólico-verbal, mas apenas manifeste a característica do empobrecimento do discurso nas partes com denotação restrita. Substantivos e adjetivos são pronunciados na maioria dos casos sob um estímulo óptico. Sob o estímulo das outras associações objectuais, que intervêm provavelmente em outras áreas do campo acústico, o campo da linguagem produz precisamente uma linguagem mutilada ou então transmite ao longo da via motora da linguagem todos os estímulos nela possíveis que não requeiram uma mais estreita associação objectual, como as partículas, as sílabas (no tartamudear). (Freud, 1891/2003, p.53)

Neste trecho, é afirmada a grande importância do elemento visual das representações de objeto e sua associação para um falar espontâneo rico, pleno de substantivos e adjetivos. A capacidade de caracterização “sofisticada” dos objetos depende da associação entre representações de objeto, a qual se faz principalmente através de seus elementos visuais-ópticos. Impossibilitado o acesso a este componente óptico das representações de objeto, a linguagem se restringiria e empobreceria, pois disporia apenas das representações advindas dos outros sentidos (táteis, olfativas etc.). Nestes casos, a linguagem espontânea produzida seria “mutilada” ou favoreceria o uso simplório de “partículas e sílabas”. Em suma, a linguagem espontânea depende largamente da possibilidade de associação entre as representações-objetos, que se fazem essencialmente através de seus componentes ópticos.

Quando nos submetemos a uma análise, sabemos da grande dificuldade de se “nomear” o que se sente ou percebe dentro de si. O fato apontado por Freud da relevância do elemento visual para a caracterização e adjetivação dos nossos objetos gera uma compreensão adicional desta capacidade de se nomear aquilo que ainda não dispõe de nome, ou ainda, de caracterizar os lugares em nós que ainda nos parecem muito estranhos e inéditos. Esta capacidade se faz fiada, em grande parte, pelos elementos visuais que se apresentam nos objetos. A partir disto, torna-se mais fácil a compreensão de como a associação se faz após a percepção, e como caracterizamos algo que nos parece novo. Procedemos à associação em busca de representações que possuam alguma semelhança (principalmente visual) com o que experimentamos ou presenciamos em nossa memória e, a partir de outras representações e dos elementos visuais que já conhecemos e para os quais já dispomos de representações de palavra, podemos caracterizar algo novo. E, enfim, dar nome a algo que não conhecemos seria essencialmente colocá-lo em relação a algo que já existe em nós, e para qual já dispomos de palavras.

Quando Freud alega que o elemento visual das representações de objeto é a “mais importante direção para a associação simbólica”, o autor nos fornece uma importantíssima pista

para a compreensão de como se realiza a maior parte das associações de objeto em nossa psique. O elemento visual das representações é o eixo que garante que as representações de objeto estejam sempre “abertas” a transformações, dado que a partir de um elemento imagético muitos outros similares podem se agregar. A enorme importância do elemento visual para a associação de representações de objeto nos fornece um valioso substrato teórico para compreender nossos sonhos diurnos. Em sua maior parte visuais, as imagens que se apresentem em nossos sonhos diurnos logo se associam a outras imagens e, a par das informações de Freud, podemos seguramente apostar que a forma como essas associações se faz deve ser majoritariamente visual. Isto não significa que os outros elementos sensoriais (acústicos, táteis, olfativos, gustativos) não permitam e orientem associações de representações de objeto, mas nos ajuda a refletir acerca da razão pela qual nosso mundo interior é tão repleto de imagens. Essencialmente, a monografia freudiana sobre as afasias nos ensina sobre as representações, sobre sua composição, sobre sua iminente associação e sobre o fato de o elemento visual ser tão caro a essas associações. Também mostra a fundamental importância entre as “representações de palavras” (ou poderíamos chamar simplesmente de “palavras”) e sua relação com o mundo dos objetos, que internamente em nós se apresenta como “representações de objeto”.

Embora o texto seja escrito de um ponto de vista eminentemente médico e biológico, é um texto fundamental e rico para a psicologia, e principalmente para os estudiosos de psicanálise que buscam compreender as diversas teorias de Freud que fazem uso das ideias de “representação”, de imagem, de associação e das relações entre as palavras e os objetos em nosso psiquismo. O texto não oferta diretamente nenhuma contribuição para nossa investigação dos sonhos diurnos através das teorias de Freud, mas nos presenteia com um banquete de considerações fundamentais sobre fenômenos e processos tão básicos em nosso psiquismo, como é o caso da representação e da associação, possibilitando, desta forma, um questionamento mais potente e coerente acerca do fenômeno complexo dos sonhos diurnos no psiquismo.

4. CONSIDERAÇÕES SOBRE “ESTUDOS SOBRE A HISTERIA”

4.1 Por que escolher os “Estudos sobre a Histeria”?

“Os estudos sobre a Histeria” (Breuer e Freud, 1893-1895/2006) constituem um dos grandes vértices de nossa pesquisa. Nosso interesse pelo mesmo se justifica de antemão pelo rico retrato da história do desenvolvimento das ideias de Freud, em suas facetas teóricas e no desenvolvimento de sua técnica clínica, presentes em abundância no volume. Para James Strachey, editor da edição inglesa, “Os *Estudos sobre a Histeria* costumam ser considerados como o ponto de partida da psicanálise” (Strachey, 1969, p. 19), e nós não discordamos desta asserção. Contudo, o texto é amplo e abrangente, e não travamos exatamente uma busca por um conhecimento da psicopatologia, da dinâmica ou da natureza da histeria.

Nosso interesse é diverso e se faz presente através da crença de que é possível apontar, a partir dos próprios escritos, realizados em momentos distintos, uma mudança na postura clínica de Freud. É esta mudança, ocasionada por uma série de dificuldades oriundas dos tratamentos, que parece permitir que ele se aproxime de ideias e estabeleça conceitos que seriam fundamentais às suas obras futuras. Desejamos também remarcar o que interpretamos como uma diferença fundamental entre a postura de Breuer e Freud no que diz respeito à consideração à capacidade de fantasiar, de imaginar e de “se perder em sonhos”, interesses fundamentais de nossa pesquisa. Breuer situa a tendência à fantasia no seio das disposições que levam ao adoecimento histérico, enquanto Freud parece fazer uso exatamente da mesma faculdade psíquica com o intuito de cura do referido quadro patológico.

Essencialmente, almejamos mostrar que Freud migrou das técnicas de hipnotismo e sugestão aplicadas largamente na época para o tratamento da histeria, aprendidas, entre outros, junto aos mestres Charcot e Breuer, para uma nova variação, o “método catártico”. Essa nova maneira de tratar a histeria nos concerne estreitamente, pois cremos que ajuda Freud a desenvolver um dispositivo clínico que privilegia e faz uso exacerbado de imagens mentais que surgem aos pacientes. Na “caça” por material inconsciente, Freud parece se aproveitar da

emergência espontânea desses que despontava em seus pacientes a partir de condutas e orientações simples, como fechar os olhos, deitar-se e de concentrar-se. O método do hipnotismo, tão caro e arrojado inicialmente à exploração do que estava para além da consciência dos pacientes, foi gradualmente substituído por um método mais “simples”, abrangente e de fácil aplicação, que exigia apenas o “relaxamento do paciente”, um método que contava essencialmente com a associação dos pacientes. Visamos assim a demonstrar a passagem, a mudança e evolução da postura clínica de Freud, bem como suas profundas repercussões teóricas, perceptíveis no avanço dos escritos presentes no mesmo volume, que foram confeccionados com um lapso de dois anos, 1893 e 1895.

A respeito deste novo método, nosso maior interesse é mostrar que ele faz uso de um determinado estado de espírito que se assemelha demasiadamente ao estado em que embarcamos quando nos permitimos deixar levar por um devaneio, por nossos sonhos diurnos. Trata-se de um estado anímico em que a introspecção é fundamental, e no qual temos de permitir o surgimento de um material psíquico do qual não possuímos controle e cujo conteúdo pode contrariar nossos atos de vontade. Como parte de nosso empenho em angariar subsídios teóricos para uma aproximação da teoria dos sonhos diurnos em Freud, acompanharemos o autor em sua construção do que viria a ser o método psicanalítico, bem como as ideias que subjazem no mesmo.

4.2 Reflexões a partir das notas preliminares do editor inglês James Strachey

Utilizamos para nossa leitura de “Estudos sobre a Histeria” a edição Standard brasileira publicada pela editora Imago. Embora traduções melhores do texto de Freud estejam previstas, com a proposta de serem realizadas diretamente do alemão original para o português, a edição Standard das obras de Freud constitui umas das poucas opções para o leitor de língua portuguesa. Ela porta, contudo, as valiosas notas do editor da edição Standard Inglesa, James Strachey, que em suas contribuições iniciais aos “Estudos”, confeccionou um trabalho que

muito nos norteou em nossa seleção de material e também na compreensão do significado desta obra particular no todo das publicações de Freud.

Logo no primeiro parágrafo de introdução, Strachey (1969) revela em nota de rodapé que “...grande parte do material contido a seguir provém da biografia de Freud escrita por Ernst Jones.” (p. 14). Temos assim condições de verificar e aprofundar as observações do editor inglês a partir da importante bibliografia escrita pelo outro autor.

Na sequência, Strachey nos informa:

Os estudos de Freud sob orientação tinham-se concentrado em grande parte, na histeria, e quando Freud voltou a Viena em 1886 e ali se fixou para estabelecer uma clínica de doenças nervosas, a histeria forneceu uma grande proporção de sua clientela. De início, ele se baseou nos métodos de tratamento então correntemente recomendados, como a hidroterapia, a eletroterapia, massagens e a cura pelo repouso, de Weir Mitchell. Mas quando esses métodos se revelaram insatisfatórios, seus pensamentos se voltaram para outra área.

Embora nos relatos de casos presentes nos “Estudos”, Freud mencione estes tipos de tratamento a que suas pacientes eram submetidas entre as suas “sessões” com o mesmo, a biografia de Jones (Strachey, 1969, p.14) deixa mais evidente a aproximação de Freud às formas de terapia normalmente destinadas ao tratamento de pacientes histéricos.

Strachey cita uma carta de Freud, escrita a seu amigo Fliess, datada de 28 de dezembro de 1887, em que confessa: “atirei-me à hipnose e logrei toda espécie de sucessos pequeninos, mas dignos de nota” (Masson, 1895/2006, p. 15). O editor inglês relembra outra declaração do autor, datada de 1925, 30 anos depois, em que revisita o período em questão: “desde o início, vali-me da hipnose de outra maneira, independentemente da sugestão hipnótica.” (Freud, 1925/2006, p. 15). Tratava-se do método catártico, desenvolvido na obra que estamos examinando.

O editor da edição inglesa fortuitamente cria uma súmula do que nela nos parece mais fundamental. Destacando a genialidade do último ao criar possivelmente o “primeiro instrumento para o exame científico da mente”, aponta justamente os “obstáculos” clínicos encontrados no tratamento dos histéricos, e sua respectiva superação, como espécies de pedras-fundamentais para o saber psicanalítico:

Raras vezes se aprecia suficientemente o fato de que a mais importante das realizações de Freud talvez tenha sido sua invenção do primeiro instrumento para o exame científico da mente humana. Um dos principais atrativos do presente volume é que ele nos permite rastrear os primeiros passos do desenvolvimento deste instrumento. O que ele nos relata não é simplesmente a história da superação de uma série de obstáculos; é a história da descoberta de uma série de obstáculos a serem superados. (Strachey, 1969, p.20)

Strachey nos esclarece, na sequência (p.20-21), referir-se como obstáculos a amnésia típica dos histéricos, a dificuldade de lançar generalizadamente todos os pacientes em um estado de hipnose profunda, aquilo que Freud denotou nesta obra como “resistência ao tratamento” e, por último, o que se formula no final do livro como “transferência à figura do médico”. A amnésia dos pacientes histéricos tornou evidente a não totalidade da vida psíquica em seu registro consciente e acessível à memória, o que forçaria a consideração da existência de uma mente inconsciente para além da mente manifesta. A esta mente inconsciente, então, caberia o desenvolvimento de um instrumento e de dispositivos de pesquisa novos e apropriados:

Tornou-se assim patente, desde o início, que o problema não era meramente a investigação dos processos mentais conscientes, para a qual bastariam os métodos corriqueiros de indagação empregados na vida cotidiana. Se havia processos mentais inconscientes, era claramente necessário algum instrumento especial. O instrumento óbvio para esse fim era a sugestão hipnótica - a sugestão hipnótica utilizada não para finalidades diretamente terapêuticas, mas para persuadir o paciente a produzir material proveniente da região inconsciente da mente. (Strachey, 1969, p.20)

Parece ter sido justamente neste ponto que Freud pôde dar sua maior contribuição. Ao esbarrar-se na grande dificuldade de fazer com que alguns pacientes atingissem o nível de hipnose necessário para a realização do tratamento, mudou o dispositivo que vinha sendo adotado para a exploração, mudança e cura das mazelas inconscientes.

Com Anna O., apenas um ligeiro uso desse instrumento (sugestão hipnótica) se afigurou necessário. Ela produzia torrentes de material vindo de seu “inconsciente”, e tudo o que Breuer tinha de fazer era ficar sentado e ouvi-las sem interrompê-la. Mas isso não era tão fácil quanto parece, e o caso clínico da Sra. Emmy revela em muitos pontos como foi difícil para Freud adaptar-se a esse novo uso da sugestão hipnótica e ouvir tudo o que a paciente tinha a dizer, sem qualquer tentativa de interferir ou de levá-la a encurtar o relato. Nem todos os pacientes histéricos além disso eram tão dóceis quanto Anna O.; a hipnose profunda em que ela caía, aparentemente por sua própria vontade, não era tão prontamente alcançada com qualquer um. (Strachey, 1969, pp. 20-21)

A partir da dificuldade que encontrava com suas próprias pacientes, Freud ousou e modificou o método correntemente empregado de sugestão hipnótica. A este respeito, escreve Strachey(1969):

Conta-nos Freud que estava longe de ser adepto do hipnotismo. Neste livro, ele nos fornece vários relatos de como contornava essa dificuldade, de como pouco a pouco foi abandonando suas tentativas de provocar a hipnose e se contentava em levar os pacientes a um estado de “concentração”, com uso ocasional da pressão na testa. (p. 21)

Detalharemos adiante, a partir da escrita do próprio Freud, a forma como o autor migrou para a técnica da pressão. Importa-nos mais, no entanto, o que se chamou de “estado de concentração”. É a descrição deste fenômeno que julgamos aparentada com o estado de sonho diurno que constitui nosso objeto maior de investigação. Veremos como o estado concentrado se faz a partir do surgimento de uma série de imagens mentais involuntárias, assim que a mente se relaxa e desprende dos conteúdos manifestos normais. Freud aparentemente faz uso da

habilidade de sonhar durante o dia como uma forma de exame clínico. Ele parece desde o início creditar o material que surge do “estado concentrado” como uma espécie de “pista” no registro inconsciente da mente, que poderia reconduzir os pacientes às representações traumáticas originais, cuja repressão teria feito irromper sua histeria. Jaz aqui nosso profundo interesse por esta publicação. Em torno do desenvolvimento clínico que levou ao emprego do “estado concentrado” como um dispositivo ou condição de tratamento para a histeria, focamos nossa atenção. Freud parece então se distanciar muito de Breuer, que situou a tendência de Anna O. a fantasiar como um dos principais fatores predisponentes à sua histeria. A visão do fundador da psicanálise, ao invés de “temer” o material inconsciente e sua manifestação, transportou-se para o seio de um novo método de pesquisa e tratamento para a patologia.

Strachey torna bastante clara a extensão que o gradual abandono da sugestão hipnótica alcançaria nas produções de Freud: “Mas foi o abandono do hipnotismo que ampliou ainda mais sua compreensão dos processos mentais. Esse abandono revelou a presença de mais um obstáculo, a ‘resistência’ dos pacientes ao tratamento, sua relutância em cooperarem na própria cura.” (p. 21).

E o editor prossegue:

Nos anos que se seguiram aos “Estudos”, Freud abandonou cada vez mais a técnica da sugestão deliberada e passou cada vez mais a confiar no fluxo de “associações livres” do paciente. Estava aberto o caminho para a análise dos sonhos. Essa análise permitiu-lhe, em primeiro lugar, obter uma compreensão do funcionamento do “processo primário” na mente e das formas pelas quais ele influenciava os produtos de nossos pensamentos mais acessíveis, e assim Freud adquiriu um novo recurso técnico – o da “interpretação”. Mas a análise dos sonhos possibilitou, em segundo lugar, sua própria autoanálise e suas consequentes descobertas da sexualidade infantil e do complexo de Édipo. Todas essas questões, porém, salvo por alguns leves indícios, ainda estavam por surgir. No entanto, nas últimas páginas deste volume, Freud já se havia defrontado com outro obstáculo no caminho do pesquisador – a “transferência”. Já tivera um vislumbre de sua impressionante natureza, e talvez já tivesse começado a reconhecer que ela iria revelar-se não só um obstáculo como também mais um instrumento fundamental da técnica psicanalítica. (p.21)

Como vemos, os “Estudos” figuram como uma peça central no desenrolar das ideias de Freud. Aparentemente, as descobertas do período, enredadas a partir dos “obstáculos” e dos entraves encontrados na terapia da histeria, parecem encabeçar toda uma série de movimentos que se concatenaram e deram corpo e sentido para a complexa teoria que Freud viria a tecer. Este período e estas publicações privilegiadas possuem esse caráter, talvez não de maior importância, mas sem dúvida de denotar a origem e o entrelaçamento primordial de tantas das estranhas ideias que o saber psicanalítico viria a formular. É como se a partir da junção de pequenas peças de um difícil quebra cabeça, vários setores do mesmo comessem a tomar forma, todos a partir de pequenas peças para as quais se encontraram os pares. Repentinamente

o quebra-cabeça se transformaria e as peças solitárias começariam a se encaixar num todo e, quanto mais esse movimento se realizasse, maior o sentido e a coesão do coletivo. A passagem da hipnose para a “confiança no fluxo de associações-livres” constitui, na opinião deste autor, o marco inaugural do método psicanalítico, o backbone que traz coesão e sentido ao todo, por mais plural e manifesto que este possa ser e surgir. O método interpretativo, a teoria da sexualidade, o emprego da transferência na clínica, todos parecem derivados, possibilitados a partir da pesquisa e utilização da associação-livre, que trouxe, afinal, todo o material de onde o pensamento de Freud pôde extrair informações e formular teorias que fornecessem sentido ao que era encontrado.

Ademais, e para finalizar essa etapa introdutória aos “Estudos”, também temos de mencionar a outra questão a que nos propomos tratar a partir deste volume. Trata-se das “divergências” entre os autores Freud e Breuer, principalmente naquilo que diz respeito às especulações acerca da etiologia da histeria, e aos desenvolvimentos clínicos e teóricos subsequentes que Freud levou a cabo. Mas este trabalho é dificultado, em parte, porque:

embora a Comunicação Preliminar seja a única parte do livro de autoria explicitamente conjunta, não é fácil determinar com certeza de quem é a responsabilidade pela origem dos vários elementos componentes do trabalho como um todo.... Sem dúvida, podemos com segurança atribuir a Freud os desenvolvimentos técnicos posteriores, bem como os conceitos teóricos vitais de resistência, defesa e recalçamento que decorreram deles. (Strachey, 1969, p.24).

Strachey (1969), entretanto, afirma que “não há nenhuma dúvida de que Breuer deu origem à noção dos ‘estados hipnóides’,... e parece que tenha sido responsável pelos termos ‘catarse’ e ‘ab-reação.’. Por fim, Strachey (1969) arremata... “Todavia, muitas das conclusões teóricas dos “Estudos” devem ter sido produto de discussões entre os dois autores durante seus anos de colaboração” (p. 25).

Nosso intuito maior, é apenas remarcar o destino diferenciado que Freud concedeu às imagens mentais que surgiam nos pacientes, através de seu método investigativo, primeiramente apoiado nas teorias de hipnose e sugestão catártica e, posteriormente aproximando-se de seu próprio método de “confiar” nas “associações-livres”.

Visamos a mostrar apenas como Breuer marcadamente localizou no coração da *etiologia* da histeria a tendência em se embarcar a “estados hipnóides”, nos quais os pacientes se deixavam levar ao sabor de sua imaginação e sentimentos derivados deste estado, enquanto Freud parece ter feito um uso *terapêutico* da mesma tendência justamente através da criação de um dispositivo clínico de “associação” e escuta diferenciado, que ajudou a suplantear a

necessidade de hipnose no tratamento da histeria. Aproximaremos o dispositivo clínico de “associação”, cujas origens podem ser rastreadas até esta publicação, de nossa ideia de sonho diurno para esboçar uma reflexão ao final do capítulo.

Prosseguiremos, enfim, à análise da obra, pautados pelos dois eixos de nossa investigação: analisar a passagem de Freud dos métodos de hipnotismo correntes à sua época ao que se aproximava do método de “associação-livre” e reportar a diferença fundamental clínica e teórica esboçada entre Freud e Breuer.

4.3 Investigação de uma divergência teórica entre Breuer e Freud: os “estados hipnóides”

No presente subcapítulo focaremos a consideração realizada por Freud e Breuer nos “Estudos” que dizem respeito à hipótese de uma dupla etiologia às quais os casos de histeria estudados poderiam ser atribuídos. A etiologia relacionada aos “estados hipnóides” foi detalhada no capítulo teórico de Breuer, enquanto a etiologia de “defesa” foi tematizada por Freud em seu capítulo teórico que finaliza a obra. Mostraremos também a aceitação de Freud à tese dos “estados hipnóides”, através das menções do autor sobre ideia nas discussões dos casos, bem como na “Comunicação Preliminar”, assinada conjuntamente. Não se trata de tentar estabelecer quem era o autor de cada hipótese ou a menor ou maior aceitação de cada tese por cada autor. Mostraremos a consideração e aceitação pela dupla etiologia presente. Aqui mostraremos apenas os surgimentos da ideia da etiologia fundada nos “estados hipnóides”, tanto por Breuer quanto por Freud.

Iniciaremos com nossa seleção de excertos que mostram a etiologia da histeria sendo pensada a partir da formulação de “estados hipnóides”. Na “Comunicação Preliminar” (Breuer e Freud, 1895/2006, p.44) os autores examinam “processos de desgaste” que acometem as lembranças “não mais afetivamente atuantes na psique normal” (p. 44). Mencionam algumas formas através das quais tal desgaste se daria.

Primeiramente, pela reação apropriada a um estímulo, compreendendo por reação “toda a classe de reflexos voluntários e involuntários – das lágrimas aos atos de vingança – nos quais, como a experiência nos mostra, os afetos são descarregados. Quando essa reação ocorre em grau suficiente, grande parte do afeto desaparece como resultado” (p.44). Secundariamente, sugerem o desgaste de uma representação por meio da associação da mesma a outras ideias: “Uma lembrança do trauma, mesmo que não tenha sido ab-reagida, penetra no grande complexo de associações, entra em confronto com outras experiências que possam contradizê-la, e está sujeita à retificação por outras representações.” (p.44). Por fim, mencionam o desgaste natural resultado da “obliteração” geral das impressões, o evanescimento das lembranças a que chamamos “esquecimento” e que desgasta as representações não mais afetivamente atuantes” (p.45).

A par dos processos de desgaste normal a que nossas “representações” se submetem, os autores passam a questionar o motivo pelo qual os afetos e lembranças dos traumas histérico constituem uma exceção em sua relação com todos os processos de desgaste natural, conservando sua intensidade e nitidez. Fornecem dois grupos de condições que explicariam a conservação das representações históricas e seus afetos afiliados:

No primeiro grupo acham-se os casos em que os pacientes não reagiram a um trauma psíquico porque a natureza do trauma não comportava reação, como no caso da perda obviamente irreparável de um ente querido, ou porque as circunstâncias sociais impossibilitavam uma reação, ou porque se tratava de coisas que o paciente desejava esquecer, e portanto, recalcar intencionalmente do pensamento consciente, inibindo-as e suprimindo-as. São precisamente as coisas aflitivas dessa natureza que, sob hipnose, constatamos serem a base dos fenômenos histéricos. (p.46)

Finalmente, encontramos a primeira menção aos estados hipnóides que nos interessam, no segundo grupo de condições:

O segundo grupo de condições é determinado, não pelo conteúdo das lembranças, mas pelos estados psíquicos em que o paciente recebeu as experiências em questão, pois encontramos sob hipnose, dentre as causas dos sintomas histéricos, representações que em si mesma não são importantes, mas cuja persistência se deve ao fato de que se originaram durante a prevalência de afetos gravemente paralisantes, tais como o susto, ou durante estados psíquicos positivamente anormais, como o estado crepuscular semi-hipnótico dos devaneios, a auto-hipnose, etc. Em tais casos é a natureza dos estados que torna impossível uma reação ao acontecimento. (p.46)

Por fim, consideram que:

É claro que ambas as espécies de condições podem estar presentes ao mesmo tempo e isso, de fato, ocorre com frequência. É o que acontece quando um trauma que é atuante por si mesmo ocorre enquanto predomina um afeto gravemente paralisante, ou durante um estado de alteração da consciência. Mas também parece ser verdade que em muitas pessoas um trauma psíquico produz um desses estados anormais, o que por sua vez, torna a reação impossível. (p. 46)

Guardemos essas considerações interessantes: seria um estado psíquico “positivamente anormal” que gera as condições para o desenvolvimento de uma histeria. Sugere-se que estes “estados hipnóides” poderiam ser ocasionados inclusive por conta de afetos “gravemente paralisantes”, mas também poderiam ser auto-infligidos a partir do que chamaram de “auto-hipnose”. Abrimos a questão: o que seria uma auto-hipnose? Discutiremos posteriormente.

Na sequência da “Comunicação Preliminar”, os autores dedicam uma pequena sessão inteira à discussão dos “estados hipnóides”:

Mencionamos as condições que, como demonstra nossa experiência, são responsáveis pelo desenvolvimento de fenômenos histéricos provenientes de traumas psíquicos.... Quanto mais nos ocupamos destes fenômenos, mais nos convencemos de que a divisão da consciência, que é tão marcante nos casos clássicos conhecidos como sob a forma de “double conscience”, acha-se presente em grau rudimentar em toda histeria, e que a tendência a tal dissociação, e com ela o surgimento dos estados anormais da consciência (que reuniremos sob a designação de “hipnóides”), constitui o fenômeno básico dessa neurose. (p.47)

Freud e Breuer postulam que o fenômeno básico da histeria é composto da divisão da consciência e que, a partir desta, os estados hipnóides também compõe a base do fenômeno histérico. É uma poderosa afirmação, pois mostra a importância que os autores atribuíam a esses dois fatores na causação da histeria. Ademais, temos de ressaltar, desde já, a origem da nomenclatura “estado hipnóide”, que tem sua origem neste ponto do texto. O sufixo de origem grega “oide”, na língua portuguesa, designa o sentido de “a semelhança de algo”, “semelhante a”, e isto nos faz perceber a especulação insipiente que havia por trás das formulações de Freud e Breuer com relação à etiologia da histeria, ao apostarem que este estado era tão determinante. Um “estado hipnoide” é “um estado que se assemelha a um estado hipnótico”, mas que, objetivamente, poderia ter pouco a ver com “hipnose”. O trecho permite entender o que foi chamado de “hipnoide” e que, de fato, era a descrição primeira desses estados: eram “estados anormais de consciência”. A expectativa da importância desses estados deve ter feito com que os autores se ocupassem dos mesmos, buscando explicá-los, inclusive, por meio da luz da “hipnose”, tão larga e centralmente utilizada nos métodos terapêuticos da época.

Os autores prosseguem seu raciocínio, justificando a razão pela qual aproximaram dos “estados anormais da consciência” os estados despertados através de hipnose:

Gostaríamos de contrabalançar a conhecida tese de que a hipnose é uma histeria artificial com uma outra – a de que a base sine qua non da histeria é a existência dos estados hipnóides. Esses estados hipnóides partilham uns com os outros e com a hipnose, por mais que difiram sob outros aspectos, uma característica comum: as representações que nele surgem são muito intensas, mas estão isoladas da comunicação com o restante do conteúdo da consciência. Podem ocorrer associações entre estados estados hipnóides, e seu conteúdo representativo pode, dessa forma, atingir um grau mais ou menos elevado de organização psíquica. Além disso, deve-se supor que a natureza desses estados a extensão em que ficam isolados dos

demais processos da consciência variam do mesmo modo que ocorre na hipnose, que vai desde uma leve sonolência até o sonambulismo, de uma lembrança completa até a amnésia total. (p.47-48)

Neste excerto, os autores revelam que a aproximação dos “estados anormais da consciência” aos estados hipnóticos se daria a partir da semelhança do isolamento psíquico de grupos de representações psíquicas com o resto do conteúdo da consciência que parecem surgir a partir da hipnose. Seria um grupo de representações que só surge quando tal “estado hipnoide” é ativado, possuindo até mesmo uma “organização” própria, uma estrutura independente dos outros grupos psíquicos relacionados à consciência. O acesso a esse “grupo de representações” só se daria quando atingido tal estado “hipnoide”, e isto poderia se dar por meio de estados sonolentos, sonambulismos, com “lembranças completas” ou até mesmo “amnésia total” das entradas no estado hipnoide. Sublinham novamente a opinião da importância ímpar destes estados para a etiologia da histeria.

As asserções que se seguem esclarecem e distinguem a forma como os “estados hipnóides” podem vir a se instalar nos indivíduos:

Quando os estados hipnóides dessa natureza já se acham presentes antes da instalação da doença manifesta, eles fornecem o terreno em que o afeto planta a lembrança patogênica com suas consequentes manifestações somáticas. Isso corresponde à histeria disposicional. Verificamos, todavia, que um trauma grave ou uma supressão trabalhosa (como a de um afeto sexual, por exemplo) podem ocasionar uma divisão expulsiva de grupos de representações mesmo em pessoas que, sob outros aspectos, não estão afetadas; e esse seria o mecanismo da histeria psiquicamente adquirida. Entre os extremos dessas duas formas devemos presumir a existência de uma série de casos dentro dos quais a tendência à dissociação do indivíduo e a magnitude afetiva do trauma variam numa proporção inversa. (p.48)

Notamos aqui, ao falarmos em “supressão trabalhosa de afeto sexual”, talvez a marca da teorização de Freud. No entanto, ambos os autores assinam este capítulo, e é explícito o quanto situam a “tendência à dissociação”, no sentido de disposição a “embarcar” em estados hipnóides no seio da etiologia da histeria. Em suma, a histeria seria causada devido à uma carga afetiva recebida por uma psique que se encontra “presa” a um destes estados hipnóides, o que inviabilizaria os processos de desgaste normais de afetos que mencionamos acima. O interesse pelo estado hipnoide e seu potencial etiológico é tanto que, também como já dissemos, acreditam até que os próprios afetos, traumáticos e intensos, poderiam forçar o sujeito a entrar em um destes estados. Há uma inversão aqui: a instalação do estado se daria depois do evento do afeto, e não anteriormente, como havia sido postulado. Um afeto de choque, por exemplo, poderia lançar o indivíduo em um destes estados e, partir disto, o estado em si seria responsável por inviabilizar a rota normal de desgaste e descarga da intensidade afetiva, o que culminaria na histeria.

Por fim, encontramos uma aproximação entre os estados hipnóides, em todo seu potencial etiológico, e a vida psíquica das pessoas normais. Acrescentam os autores:

Nada temos de novo a dizer sobre a questão da origem desses estados hipnóides disposicionais. Ao que parece, eles freqüentemente emergem dos devaneios que são tão comuns até mesmo nas pessoas sadias e aos quais os trabalhos de costura e ocupações semelhantes tornam as mulheres particularmente propensas. Por que é que as “associações patológicas” surgidas nesses estados são tão estáveis, e por que é que exercem uma influência tão maior sobre os processos somáticos do que costumam fazer as representações, são perguntas que coincidem com o problema geral da eficácia das sugestões hipnóticas. Nossas observações não trazem nenhuma nova contribuição para esse assunto, mas lançam luz sobre a contradição entre a máxima “a histeria é uma psicose” e o fato de que, entre os histéricos, podem-se encontrar pessoas da mais lúcida inteligência, da maior força de vontade, do melhor caráter e da mais alta capacidade crítica. Essa caracterização é válida em relação a seus pensamentos em estado de vigília, mas, em seus estados hipnóides, elas são insanas, como somos todos nos sonhos. Todavia, enquanto nossas psicoses oníricas não exercem nenhum efeito sobre nosso estado de vigília, os produtos dos estados hipnóides intrometem-se na vigília sob a forma de sintomas histéricos. (p.48)

Os autores tecem aqui uma consideração que nos chamou muito a atenção há bastante tempo. Em nossa leitura e interpretação, pensamos que neste trecho fica evidente a aproximação entre os “estados hipnóides” (em todo seu potencial etiológico) e outras atividades cotidianas não circunscritas aos histéricos, neuróticos ou pessoas com qualquer tendência mais notável à dissociação psíquica, como é o caso da atividade de costura, que popularmente se diz que envolve uma espécie de “transe”. É bastante interessante o fato de aproximarem os estados hipnóides também dos estados de sonho, o que é fundamental para nossa pesquisa. Assim, vemos que além dessa aproximação dos estados hipnóides às atividades de “costura e ocupações semelhantes”, há a aproximação ao sono e aos sonhos dos mesmos estados, mas não somente. O principal neste excerto nos parece o avizinhamento declarado de todos esses estados ao estado de psicose. Breuer e Freud atribuem aqui ao estado hipnoide uma grande aproximação e semelhança à psicose, sua forma de operar e seus conteúdos. Chegam mesmo a relevar o caráter moral elevado dos pacientes quando em vigília e atribuir às mesmas pessoas nada menos que a “insanidade” quando embarcadas num estado hipnoide. Aliviam esta colocação afirmando que também somos todos insanos nos sonhos.

Com base no que expusemos, devemos revelar nossa hipótese de que ambos incorrem no que poderíamos chamar de “condenação” dos estados hipnóides e, com base no último excerto, essa condenação pode se estender às atividades próximas ou afiliadas, como foi dito da costura, do sonho etc. Isto importa à esta pesquisa, pois buscaremos mostrar uma postura essencialmente diversa de Freud, no mesmo livro, no que diz respeito aos estados hipnóides. Acreditamos que Freud conseguiu tirar proveito exatamente da “tendência a dissociação” com seu método de “associação”, uma vez que explorava esses cantos menos “cândidos” da mente em busca do material patogênico que acreditava causar a histeria. O estado hipnoide para Freud

seria então parte de um instrumento de investigação, cuja finalidade seria a própria cura do padecimento histérico. Tentaremos demonstrar isso adiante, em nosso próximo subcapítulo.

Por hora, vamos mostrar essa “condenação” dos estados hipnoides na consideração final de Breuer ao caso de Anna O (Breuer e Freud, 1895/2006):

O interesse do presente caso me parece residir, acima de tudo, na extrema clareza e inteligibilidade de sua patogênese.

Havia nessa moça, enquanto ainda gozava de perfeita saúde, duas características psíquicas que atuaram como causas da predisposição para sua subsequente doença histérica:

Sua vida familiar monótona e a ausência de ocupação intelectual adequada deixavam-na com um excedente não utilizado de vivacidade e energia mentais, tendo esse excedente encontrado uma saída na atividade constante de sua imaginação.

Isso a levou ao hábito dos devaneios (seu teatro-particular), que lançou as bases para uma dissociação de sua personalidade mental. Não obstante, uma dissociação desse grau ainda se acha nos limites da normalidade. Os devaneios e as reflexões durante ocupações mais ou menos mecânicas não implicam, em si mesmos, uma divisão patológica da consciência visto que, ao serem interrompidos – quando, por exemplo, alguém dirige a palavra à pessoa – a unidade normal da consciência é restaurada; não implicam tampouco a existência de amnésia. No caso de Anna O., porém, esse hábito preparou o terreno em que o afeto de angústia e pavor pôde estabelecer-se na forma que descrevi, tão logo esse afeto transformou ou devaneios habituais da paciente numa ausência alucinatória.... O mecanismo pelo qual esta segunda afecção veio a existir mostrou-se em inteira consonância com a teoria da histeria traumática de Charcot – um ligeiro trauma ocorrido durante um estado de hipnose. (p.76)

Considerações muito similares são tecidas por Breuer em seu capítulo teórico:

Essa moça, cheia de vitalidade intelectual, levava uma vida extremamente monótona no ambiente de sua família de mentalidade puritana. Embelezava sua vida de um modo que provavelmente a influenciou de maneira decisiva em direção à doença, entregando-se a devaneios sistemáticos que descrevia como seu “teatro particular”. Enquanto todos imaginavam que ela estava prestando atenção, ela se imaginava vivendo contos de fada; mas estava sempre alerta quando lhe dirigiam a palavra, de modo que ninguém se dava conta de seu estado. (p.58)

A partir do trecho, apenas reforçaremos o que dissemos logo acima. Neste caso específico, o “hábito dos devaneios” figura como o fator que “lançou as bases para uma dissociação de sua personalidade mental”. Neste capítulo, Breuer provém a informação de que outros tipos de atividade podem levar a tal estado de devaneio: ocupações mais ou menos mecânicas. Não faz muita diferença, mas torna patente a afirmação de que é possível se perceber uma espécie de “cautela refratária” a ser voltada ao “hábito de devaneio”. Embora Breuer deixe claro que não é toda atividade de devaneio que leva a uma dissociação mental patológica, tampouco assera sobre qual é a atividade de devaneio, ou seu respectivo grau, que poderia adoecer a psique. O autor se limita a afirmar que o hábito do “teatro particular” “preparou o terreno” para o adoecimento histérico. O devanear estaria no centro da etiologia apresentada.

Breuer fornece alguns detalhes adicionais a respeito dos estados hipnoides em seu capítulo teórico:

Antes de mais nada, é claro, devem-se enumerar entre os estados hipnóides as auto-hipnoses verdadeiras, que só se distinguem das hipnoses artificiais pelo fato de se originarem de modo espontâneo.... Em virtude da natureza de quase onírica de seu conteúdo, muitas vezes merecem o nome de “delirium histericum”. (Breuer e Freud, 1895/2006, p. 236)

Novamente, o autor aproxima o estado hipnoide do estado dos sonhos, assim como do estado de “delírio”. Em um trecho que desejamos destacar, o autor realiza uma distinção entre tipos de trabalho mental, assertando sobre o fato de nem todos os estados mentais originam auto-hipnoses:

Uma grande variedade de estados conduz à “ausência da mente”, mas apenas alguns deles predis põem à auto-hipnose ou logo passam para ela. Sem dúvida, um investigador profundamente absorto num problema fica anestesiado até certo ponto, não formando qualquer percepção consciente de grandes grupos de sensações; e o mesmo se aplica a qualquer um que esteja usando ativamente sua imaginação criadora. Mas em tais estados, um intenso trabalho intelectual é executado e a excitação liberada.... Nos estados de distração e devaneio, por outro lado, a excitação... cai abaixo de seu nível lúcido de vigília. Esses estados bordejam a sonolência e se convertem em sono. Se, durante tal estado de absorção e enquanto o fluxo de representações é inibido, um grupo de representações de tonalidade afetiva estiver em ação, criará um alto nível de excitação... que não será consumida pelo trabalho mental e ficará à disposição do funcionamento anormal, como a conversão. (pp.237-238)

Este último segmento detalha de forma mais profunda o que Breuer e Freud estão chamando de “estado hipnoide”, bem como ajuda a entender melhor a questão da etiologia da histeria a partir dos estados de devaneio. A absorção mental em si não seria um problema, conquanto houvesse algum trabalho psíquico de criação, associação, que possibilitasse o escoamento da energia mental. O estado pernicioso, ou melhor, o ponto em que os estados absortos hipnoides seriam perigosos seria marcado pela falta de atividade psíquica que possibilitasse a descarga de energia mental, algo que beirasse propriamente o sono, segundo Breuer. Neste ponto, devido ao baixo nível de excitação mental, o processo associativo seria prejudicado, interrompido, e caso houvesse um “grupo de representações” fortemente carregada de afetos, estes não seriam passíveis de descarga pelas vias normais, o que ocasionaria a conversão histérica. A dificuldade presente, conforme já indicamos, seria delimitar um ponto exato a partir do qual o estado de absorção se tornaria um perigoso “estado hipnoide”, dada as variações mentais individuais e outros fatores, como uma predisposição natural à histeria (capacidade de conversão).

O último trecho que citaremos nesta seção faz as honras para o próximo segmento de nosso texto. Nele, Breuer remarca a questão da etiologia da histeria associada à dissociação mental. Todavia, introduz uma diferença notável no raciocínio etiológico introduzida por Freud:

A nosso ver, a importância desses estados que se assemelham à hipnose – “os estados hipnóides” – reside além disso e principalmente na amnésia que os acompanha e em seu poder de provocarem a divisão da mente.... Ainda atribuímos essa importância aos estados hipnóides. Mas devo acrescentar uma ressalva substancial à nossa tese. A conversão – a produção ideogênica de fenômenos somáticos – também pode

ocorrer independentemente dos estados hipnóides. Freud encontrou na amnésia deliberada de defesa uma segunda fonte independente dos estados hipnóides, para a formação de complexos representativos que são excluídos do contato associativo. Mas ao aceitar essa ressalva, ainda sou de opinião que os estados hipnóides são a causa e a condição necessária de muitas, na realidade da maioria, das histerias grandes e complexas. (pp. 235-236)

A palavra de ordem no pensamento freudiano talvez seja, portanto, “defesa”. A partir desta ideia organizaremos nosso próximo subcapítulo.

4.4 A etiologia da histeria para Freud

Não buscamos neste segmento de nosso trabalho afirmar maior ou menor autoria de Freud sobre as ideias inaugurais as quais lançou mão para descrever e compreender a etiologia da histeria. Ele assinou as teses da “Comunicação Preliminar” junto com Breuer e, mesmo em seus capítulos individuais, usava a ideia de “estados hipnóides” como condição predisponente à histeria. Vemos isso, por exemplo, no caso de “Katharina”, onde faz a seguinte nota à uma fala da moça: “Traduzido na terminologia de nossa ‘Comunicação Preliminar’, isso significa: ‘O próprio afeto criou um estado hipnóide cujos produtos foram então isolados da ligação associativa com a consciência do ego’” (p.154). Outra breve menção à ideia surge em nota de rodapé no caso da Sra. Elisabeth: “O processo é diferente na histeria hipnóide, onde o conteúdo do grupo psíquico separado jamais teria estado presente na consciência do ego” (p.189).

Prosseguiremos nosso trabalho agora para demonstrar uma passagem do método clínico de Freud, da sugestão hipnótica, para uma forma embrionária da “associação-livre”. Mostraremos como o relaxamento dos pacientes, com um pouco de foco e atenção, permitia a Freud rastrear suas representações inconscientes patogênicas. Sua postura em relação ao estado relaxado, quase hipnótico que instruía a seus pacientes, parece-nos muito diversa da posição crítica e cautelosa de Breuer em relação aos “estados hipnóides”.

4.4.1 Freud e o método da sugestão hipnótica

Nosso primeiro destaque é uma anotação de Freud, que consta logo no início da descrição do caso da Sra. Emmy Von N.:

Era histérica e podia ser posta com a maior facilidade num estado de sonambulismo; ao tomar ciência disso, resolvi fazer uso da técnica de investigação sob hipnose, de Breuer, que eu viera a conhecer pelo relato que ele me fizera do bem-sucedido tratamento de sua primeira paciente. Essa foi minha primeira tentativa de lidar com aquele método terapêutico. (Breuer e Freud, 1895/2006, p. 82)

No relatos desse caso podemos destacar também a busca enérgica que Freud empreendia na busca pelas representações patogênicas, através da sugestão hipnótica, cuja finalidade era exatamente prover material psíquico “inconsciente”, de difícil acesso ou rememoração, por partes dos pacientes. Escreveu o autor:

Apelei para seu bom-senso e lhe disse que ela realmente deveria acreditar mais em mim do que na moça tola de quem ouvira aquelas histórias horripilantes sobre a maneira como se trabalha nos hospícios. Como notei que ela às vezes ainda gaguejava ao narrar-me essas outras coisas, perguntei-lhe mais uma vez de onde provinha a gagueira. Nenhuma resposta – “A senhora não sabe?” – “Não” – “Por que não?” – “Por que não?” – “Porque não posso saber!”. Essa declaração me parece ser a prova do êxito de minha sugestão, mas ela expressou o desejo de que a despertasse da hipnose, e assim fiz. (Breuer e Freud, 1895/2006, p. 82)

Visamos remarcar apenas que Freud, neste caso, fazia aberto uso da técnica de sugestão hipnótica.

Em nota de rodapé, nas últimas páginas de descrição do mesmo caso, Freud é crítico consigo: “Estou ciente de que nenhum analista hoje pode ler este caso clínico sem um sorriso de piedade. Mas deve-se ter em mente que esse foi o primeiro caso em que empreguei o método catártico em larga escala” (p.132).

Sabemos que nesta época inicial em que Freud usou da “técnica de investigação sob hipnose”, que atribui a Breuer (p. 15), ele “vinha constantemente empregando a hipnose na forma convencional – para dar sugestões terapêuticas diretas” (Strachey, 1969). O editor inglês ainda nos informa, acerca deste período, em que:

Mais ou menos na mesma época, de fato, seu interesse pela sugestão hipnótica era acentuado o bastante para levá-lo a traduzir um dos livros de Bernheim em 1888 e outro em 1892, bem como a fazer uma visita de algumas semanas às clínicas de Liébeault e Bernheim em Nancy, no verão de 1889. A intensidade com que ele estava utilizando a sugestão terapêutica no caso da Sra. Emmy é indicada de maneira bem nítida no seu relato cotidiano das duas ou três primeiras semanas do tratamento, reproduzido por ele a partir das “anotações que fiz todas as noites”. (pp. 15-16)

A adoção de Freud do método catártico é revelada também no relato da Srta. Elisabeth Von R., datado de 1892, no qual Freud revela o caráter inicial de sua adoção dos métodos utilizados por seus mestres:

Quando se inicia um tratamento catártico dessa natureza, a primeira pergunta que se faz é se a própria paciente tem consciência da origem e da causa precipitante da sua doença. Em caso afirmativo, não se faz necessária nenhuma técnica especial para permitir-lhe reproduzir a história da sua doença. O interesse que o médico demonstra por ela, a compreensão que lhe permite sentir e as esperanças de recuperação que lhe dá, tudo isso faz com que a paciente se decida a revelar seu segredo. (p.164)

Neste parágrafo, apesar de Freud ainda admitir operar orientado pelo método catártico, ao afirmar que “nenhuma técnica especial” era necessária para permitir a reprodução da história da paciente, torna-se possível observar que, desde aqui, o médico parecia interessado na possibilidade de trabalhar sem o auxílio do instrumento da hipnose. Freud parece atribuir a “facilidade” do tratamento a algo próprio da paciente, à sua relação com o médico, à sua aflição pela própria doença. No trecho a seguir, fornece mais detalhes acerca da forma como operava sem a utilização da hipnose:

A história que a Srta. Elisabeth me relatou de sua doença foi cansativa, composta de muitas experiências penosas diferentes. Enquanto fazia o relato, ela não ficava sob hipnose, mas eu a fazia deitar-se e conservar os olhos fechados, embora não me opusesse a que os abrisse ocasionalmente, mudasse de posição, se sentasse e assim por diante. Quando ela ficava mais profundamente emocionada do que de costume com uma parte da história, parecia cair num estado mais ou menos semelhante à hipnose. Ficava então imóvel e mantinha os olhos bem fechados. (Breuer e Freud, 1895/2006, p.164)

Freud primava por manter seus pacientes em um estado de absorção. A paciente era orientada a permanecer deitada, de olhos fechados, como que para ajudá-la a se focar em sua própria busca interna. Seria interessante poder contar com mais detalhes sobre a razão pela qual Freud acreditava que a paciente espontaneamente parecia cair em um estado hipnóide ao sentir emoções mais intensas.

4.4.2 As dificuldades inerentes ao uso da hipnose no método catártico

Tendo mostrado brevemente a adoção da técnica de sugestão hipnótica para obtenção de material “inconsciente” de suas pacientes, partiremos a demonstrar os obstáculos com que Freud esbarrou em suas adoções da técnica referida.

No caso de Miss Lucy R., Freud retrata a dificuldade que encontrou para hipnotizar a paciente em questão e nos fornece parte de sua história de aprendizado da técnica de hipnotismo com Liébeault e Bernheim, abrindo, em seguida uma discussão acerca do problema abrangente da dificuldade de adoção da hipnose de forma generalizada para tratamento da histeria, justamente devido à resistência de muitos pacientes a este método:

Miss Lucy R. não entrou em estado de sonambulismo quando tentei hipnotizá-la. Assim, abri mão do hipnotismo e conduzi toda sua análise enquanto ela se encontrava num estado que, a rigor, talvez tenha diferido muito pouco de um estado normal. (Breuer e Freud, 1895/2006, p.135)

Neste caso, a exemplo do caso da Srta. Elisabeth Von R., novamente atestamos a inclinação de Freud de buscar realizar um tratamento de histeria que prescindisse da utilização de hipnose. No caso citado acima, Freud ainda reforça a ideia de que o estado mental da paciente era muito pouco diferente de um “estado normal”.

Abre então parte de sua experiência com Liébeault e Bernheim, a quem refere como “arte” a capacidade de pôr em hipnose a maior parte dos pacientes. Fala então, em seguida, da própria dificuldade em atingir tal êxito ao hipnotizar as pacientes:

Terei que falar com mais detalhe sobre esse aspecto de meu procedimento técnico. Quando, em 1889, visitei as clínicas de Nancy, ouvi o Dr. Liébeault, o doyen (decano) do hipnotismo, dizer: “Se ao menos tivéssemos meios de pôr todos os pacientes em estado de sonambulismo, a terapia hipnótica seria a mais poderosa de todas.”. Na clínica de Bernheim chegava quase a parecer que essa arte realmente existia e que era possível aprendê-la com Bernheim. Mas logo que tentei praticá-la com meus próprios pacientes, descobri que pelo menos meus poderes estavam sujeitos a graves limitações e que, quando o sonambulismo não era provocado num paciente nas três primeiras tentativas, eu não tinha nenhum meio de induzi-lo. A percentagem de casos acessíveis ao sonambulismo era muito menor, em minha experiência, do que a relatada por Bernheim. (pp.135-136)

Para este trecho gostaríamos de arriscar um pouco mais em nossa interpretação. Acreditamos em um tom irônico de Freud ao retratar a visão clínica de seus respeitados mestres. Ao chamar o mestre de decano, ao retratar a intenção (falida) e o desejo deste de que todos fossem suscetíveis à hipnose, e que ele quase acreditara que a arte de hipnotizar com maestria existia, Freud parece tornar aparente sua descrença no alcance do método de hipnose. Ao se referir à capacidade de hipnotizar como um “poder” que estava sujeito a “graves limitações”, novamente Freud parece atacar a ideia e a crença na possibilidade de se fazer uso irrestrito da hipnose nas terapias. Assim, indiretamente, acaba tentando provar a necessidade de criação de um método terapêutico alternativo que desse conta desta “lacuna” de pacientes não-hipnotizáveis. O que veremos, a bem da verdade, é que este parece ser o caso, já que Freud parece partidário da ideia de que a hipnose poderia ser descartada integralmente em prol de uma técnica mais simples e mais acessível.

Reproduziremos os trechos a seguir, em sua maior parte, por sua importância histórica de demonstrar o abandono de Freud da técnica de hipnose, bem como da adoção de um novo método diferenciado. Vejamos:

Vi-me, por conseguinte, defrontado com a opção de abandonar o método catártico na maioria dos casos que lhe seriam apropriados ou aventurar-me à experiência de empregar esse método sem o sonambulismo, quando a influência hipnótica fosse leve ou mesmo quando sua existência fosse duvidosa. Parecia-me indiferente qual o grau de hipnose – de acordo com uma ou outra das escalas propostas para medi-las – que era alcançado nesse estado sonambúlico, pois, como sabemos, de qualquer modo cada uma das várias formas assumidas pela sugestionabilidade independe das outras, e a obtenção da catalepsia, de movimentos automáticos e assim por diante não funciona nem favorecendo, nem prejudicando aquilo que eu precisaria para minhas finalidades, ou seja, que o despertar das lembranças esquecidas fosse facilitado.... Estou certo de que muitos outros médicos que praticam a psicoterapia sabem sair dessas dificuldades de formas mais hábil do que eu. Se assim for, hão de poder adotar algum outro método que não o meu. (p.136)

Fica patente o distanciamento adotado por Freud em relação ao método de hipnose. Quando reconhece que seu alvo principal era o “despertar” das lembranças esquecidas, e que os diversos graus de hipnose não se prestavam a esse objetivo, o autor justifica a sua descrença pessoal com relação ao potencial do método em questão. Também indica a direção da forma do novo método que viria a adotar, um que prescindisse do “sonambulismo”, especialmente quando os pacientes não parecessem exatamente suscetíveis a cair nestes estados. Na continuação, explicita como suplantou o método hipnótico:

Quando, portanto, minha primeira tentativa não me conduzia nem ao sonambulismo nem a um grau de hipnose que acarretasse modificações físicas marcantes, eu abandonava de modo ostensivo a hipnose e pedia apenas “concentração”; e ordenava ao paciente que se deitasse e deliberadamente fechasse os olhos como meio de “alcançar” essa concentração. É possível, que dessa forma, eu obtivesse com apenas um ligeiro esforço o mais profundo grau de hipnose possível de ser alcançado naquele caso particular. (p. 136)

Freud parece pragmático ao afirmar que, aos pacientes resistentes à hipnose, caberia apenas buscar o maior grau possível de hipnose para tais casos. Aponta que para estes pacientes a instrução era simplesmente “concentração”, um estado mental característico do método que viria a adotar francamente, posteriormente. A simples concentração deveria prover os mesmos resultados que a hipnose, para pacientes menos propensos aos estados de sonambulismo.

O autor então apresenta uma grande preocupação ao abandonar a hipnose no método catártico. Temia que, sem esse recurso, o acesso às lembranças patogênicas, grupos de “representações dissociadas da psique, não fosse plenamente acessível como quando sob hipnose:

Mas, ao abrir mão do sonambulismo, talvez me estivesse privando de uma pré-condição sem a qual o método catártico não parecia utilizável, pois esse método era claramente baseado na possibilidade de os pacientes, em seu estado alterado de consciência, terem acesso às lembranças e serem capazes de identificar ligações que não pareciam estar presentes em seu estado de consciência normal. Se a extensão

sonambúlica da memória estivesse ausente, também não haveria nenhuma possibilidade de estabelecer quaisquer causas determinantes que o paciente pudesse apresentar ao médico como algo desconhecido para ele (o paciente): e está claro que são precisamente as lembranças patogênicas que... se acham “ausentes da lembrança dos pacientes quando em estado psíquico normal, ou só se fazem de forma bastante sumária”. (p.136-137)

Na sequência, Freud se refere à origem de uma técnica que informa ter usado amplamente, com grande confiabilidade – a técnica da pressão – e atribui sua autoria a Bernheim:

Poupei-me desse novo embaraço ao me lembrar de que eu próprio vira Bernheim dar provas de que as lembranças dos acontecimentos ocorridos durante o sonambulismo são apenas aparentemente esquecidas no estado de vigília, e podem ser revividas por meio de uma ordem delicada e de uma pressão com a mão, destinada a indicar um estado diferente da consciência. (p.137)

Dá mostras, então, de como se apropriou e valorizou a referida técnica da pressão:

Essa surpreendente e instrutiva experiência me serviu de modelo. Resolvi partir do pressuposto de que meus pacientes sabiam tudo o que tinha qualquer significado patogênico e que se tratava apenas de uma questão de obrigá-los a comunicá-los. Assim, quando alcançava um ponto em que, depois de formular ao paciente uma pergunta como “Há quanto tempo tem este sintoma?” ou “Qual foi sua origem?”, recebia como resposta “Realmente não sei”, eu prosseguia da seguinte maneira. Colocava a mão na testa do paciente ou lhe tomava a cabeça entre as mãos e dizia: “Você pensará nisso sob a pressão da minha mão. No momento em que eu relaxar a pressão, verá algo à sua frente, ou algo aparecerá em sua cabeça. Agarreo. Será o que estamos procurando. – E então, o que foi que viu ou o que lhe ocorreu? (p.137)

Presenciamos aqui um relato que parece espelhar a essência do método de sugestão hipnótica. A sugestão era empregada para forçar a emergência de material por parte do paciente, pressioná-lo para que fornecesse as lembranças “esquecidas”. A técnica da pressão representa a forma como a sugestão foi utilizada por Freud e Breuer. É muito interessante também notar que o desenvolvimento desta técnica parte da pressuposição de que os pacientes, de uma forma ou outra, possuíam acesso a seu rol de material patogênico, que “sabiam”, mesmo que indiretamente, o que é que estava sendo perseguido na terapia. Não havia nada que provasse factualmente essa suposição, mas a sua adoção trouxe resultados muito favoráveis ao desenvolvimento da técnica clínica de Freud. A sugestão parecia consistir um “blefe”, uma aposta “mentirosa” dos terapeutas, com um intuito e justificativa prática: extrair do paciente aquilo que se necessitasse. O êxito de tal método parecia garantir sua legitimidade.

A partir desta ideia de “blefe”, presente na pressuposição de que os histéricos sabiam de “tudo que tivesse qualquer significado patogênico”, Freud declara as conclusões a que pôde chegar a partir da adoção da técnica sugestiva de pressão:

Nas primeiras ocasiões em que usei este método, eu próprio me surpreendi ao constatar que ele me proporcionava precisamente os resultados de que eu necessitava. E posso afirmar com segurança que quase nunca me deixou em dificuldade desde então. Sempre apontou o caminho que a análise deveria seguir e me permitiu conduzir cada uma dessas análises até o fim sem o emprego do sonambulismo. Afinal fiquei tão confiante que, quando os pacientes respondiam “não vejo nada” ou “nada me ocorreu”,

podia descartar essa afirmação como uma impossibilidade e assegurar-lhes que por certo haviam ficados conscientes do que se desejava, mas se recusavam a acreditar que fosse aquilo e o rejeitavam. Dizia-lhes que estava pronto a repetir o método quantas vezes desejassem e que eles veriam a mesma coisa todas as vezes. Invariavelmente, eu tinha razão. Os pacientes ainda não tinham aprendido a relaxar sua faculdade crítica. Haviam rejeitado a lembrança que surgira ou a idéia que lhes tinha ocorrido, sob a alegação de que não servia e era uma interrupção irrelevante. E depois que a relatavam a mim, ela sempre revelava ser aquilo que se desejava. Às vezes, quando após três ou quatro pressões eu tinha por fim extraído a informação, o paciente replicava: “Aliás, eu de fato já sabia disto desde a primeira vez, mas era justamente o que eu não queria dizer”, ou então, “Eu tinha esperança de que não fosse isso”. (pp.138 e 139)

Assim, ao duvidar do esquecimento de seus pacientes – afinal, falar em esquecimento já pressupõe que algo fora esquecido ou expulso da consciência – apostar e pressupor que o que era relevante para a patologia podia ser rememorado, Freud reforçou sua opinião de que de fato era possível se alcançar tal material, até mesmo nos casos mais difíceis. Fundamentou grande parte de sua clínica e teoria futuras precisamente a partir da aceitação de que é possível “acessar” esse material refratário.

Por fim, dá uma dica da origem de sua teoria de “resistência”, que viria a estar articulada intimamente com a ideia de defesa, bem como com a maior parte das concepções vindouras, afirmando:

Era trabalhosa essa questão de ampliar o que se supunha ser uma consciência limitada – muito mais trabalhosa, pelo menos, do que uma investigação durante o sonambulismo. Não obstante, tornou-se independente do sonambulismo e me proporcionou uma compreensão dos motivos que muitas vezes determinam o “esquecimento” das lembranças. Posso afirmar que esse esquecimento é muitas vezes intencional e desejado, e seu êxito nunca é mais do que aparente. (p.139)

E para concluir essa etapa do texto, finaliza:

Aqui, só de passagem posso tocar nesse tema. A conclusão que extraí de todas essas observações foi que as experiências que desempenharam um papel patogênico importante, junto com todos os seus concomitantes secundários, são retidas com exatidão na memória do paciente, mesmo quando parecem ter sido esquecidas – quando ele é incapaz de lembrá-las. (p.140)

Necessitamos abrir uma importante discussão, que aproxima as considerações destacadas do aspecto que consideramos fundamental para a ordem de fenômeno subjetivo a que chamamos “sonho diurno”. Diz respeito, precisamente, a esta pressuposição - que se tornou hipótese - de que existe uma memória exata e retida sobre fatos patogênicos fundamentais na vida dos histéricos.

A partir da investigação, dentro e fora da análise sobre o conteúdo de meus próprios sonhos diurnos, pude concluir que a matéria de seu conteúdo estava sempre associada a algum tema de minha análise e sofrimento, ou ainda, parecia antecipar (ou introduzir) os temas e ideias que viriam me ocupar por dias a fio. Assim como Freud supôs a existência de uma memória fundamental sobre fatos significativos e constituintes para a psique, aproveitamos dessa

suposição para lançar a hipótese preliminar, a ser verificada em momentos futuros, de que os sonhos diurnos estão associados a essas memórias. Ou melhor, funcionam praticamente como representantes dessas memórias fundamentais e afetivamente relevantes, as quais sofreram transformações psíquicas, distorções, em processos talvez muito similares aos processos de elaboração onírica descritos por Freud em “A interpretação dos sonhos”. Acreditamos que um mecanismo de “figuração” é o principal mecanismo pela confecção dos conteúdos dos sonhos diurnos, conferindo-lhes seu caráter tão peculiar. Retornaremos à essas hipóteses básicas em nosso capítulo “Considerações Finais”.

4.4.3. “Resistência” e “defesa”

Das contribuições próprias de Freud aos “Estudos”, devemos ressaltar também a formulação da ideia de resistência. O conceito foi pensando a partir das dificuldades de se lançar os pacientes em hipnose e de outras dificuldades que faziam parecer que o analista deveria exercer uma “força” opositora a tal “força de resistência” para possibilitar a rememoração de conteúdos “esquecidos” na histeria. Há um grande valor nos textos dos “Estudos”, pois eles mostram claramente a articulação e a dependência entre as várias noções desenvolvidas para explicar o fenômeno histérico. Temos assim que a dissociação mental é pensada como prova da existência de um “inconsciente” e, à exploração desse inconsciente, destinava-se o método de sugestão hipnótica. Já a dificuldade de se hipnotizar os pacientes, que inviabilizava por vezes a técnica da sugestão, foi pensada a partir de uma noção de “resistência” que, como veremos, será pensada de forma a dar conta não somente das dificuldades de hipnotizar, mas do próprio movimento de afastamento, “intencional” ou não, de conteúdos de natureza penosa e aflitiva da psique consciente do paciente.

Assim, trataremos do surgimento e origem da noção de “resistência”. Na primeira ocorrência do uso desse termo, Freud discutira uma dificuldade no caso da Srta. Elisabeth Von R. Conta-nos que durante toda a análise da paciente usara a técnica da pressão de mão: “um método... que seria impraticável sem a plena cooperação e atenção voluntária da paciente”

(Breuer e Freud, 1895/2006, p. 177). Freud expõe que se surpreendia com o êxito na obtenção de material por parte da paciente mas em alguns casos atribuía as dificuldades recorrente a impedimentos “de cuja natureza eu não desconfiava na época” (p. 177). A técnica de pressão nem sempre funcionava e, até determinado ponto do tratamento, Freud considerou que tais falhas se reportavam a dificuldades pontuais. Notou, contudo, que quando a técnica falhava, frequentemente Elisabeth estava “alegre e sem dor”, e que a paciente, embora afirmasse não lhe ocorrer nada após a “pressão na testa”, franzia a testa e demonstrava certa tensão imediatamente após Freud pedir-lhe que lhe dissesse o que enxergava mentalmente. Isto de certa forma “traíu” a paciente, tornou evidente que algum processo mental estava, de fato, em curso (p.177)

Adotou, então, a “pressuposição” de que sua técnica nunca falhava, e expressou enfaticamente à paciente sua opinião de que algo estava a se desenrolar em nela, e repetia a técnica da pressão várias vezes, insistindo que “alguma ideia ocorria à Elisabeth ou alguma imagem surgia diante de seus olhos, mas ela nem sempre estava preparada para comunicá-las a mim e tentava reprimir mais uma vez o que fora evocado” (p. 177). Freud nos explicita em detalhe a forma como procedia:

Consegui pensar em dois motivos para esse encobrimento. Ou ela estava criticando a idéia, o que não tinha nenhum direito de fazer, com o pretexto de que não era suficientemente importante ou de que era uma resposta irrelevante à pergunta que lhe fora formulada, ou estava hesitando em exibí-la por achá-la muito desagradável de contar. Passei a agir, portanto, como se estivesse inteiramente convencido da confiabilidade de minha técnica. Não aceitava mais sua declaração de que nada lhe havia ocorrido e assegurava a ela que algo deveria ter acontecido. Talvez, dizia eu, ela não tivesse prestado bastante atenção, e nesse caso eu teria prazer em repetir a pressão. Ou talvez ela achasse que sua idéia não era a idéia certa. Isso, dizia-lhe eu, não era problema dela; sua obrigação era a de ser inteiramente objetiva e dizer o que lhe viesse à cabeça, quer fosse apropriado, quer não. Por fim, eu declarava saber muito bem algo que lhe havia ocorrido e que ela o estava ocultando de mim, mas que jamais se livraria de suas dores enquanto escondesse qualquer coisa. (Breuer e Freud, 1895/2006, pp. 177-178)

Observamos no referido trecho que a pressão que Freud realizava não estava apenas em sua mão! A insistência do autor, bem como o tom praticamente de ameaça que expressava ao dizer que “não se livraria de suas dores enquanto escondesse qualquer coisa”, e sua suposta “convicção” de que algo definitivamente havia ocorrido à paciente, caracterizavam a *sugestão* que o autor impingia aos pacientes, de acordo com o que já havíamos comentado anteriormente. A inovação do presente caso segue conforme expôs na sequência:

Muitas vezes acontecia de só depois de eu pressionar-lhe a cabeça por três vezes é que ela me dava uma informação. Mas ela mesmo observava depois: “Poderia ter-lhe dito isso na primeira vez.” – “e por que não disse?” – “Pensei que não fosse o que era preciso”, ou “Pensei que pudesse evitá-lo, mas ficava voltando todas as vezes”. No curso desse difícil trabalho, comecei a atribuir maior importância à resistência oferecida pela paciente na reprodução de suas lembranças e a compilar cuidadosamente as ocasiões em que era particularmente acentuada. (p.178)

Segundo Strachey (1969), em nota de rodapé, “Esta é a primeira menção ao importante fato clínico da resistência” (p.178). Em suma, Freud já nos indica a direção de seus pensamentos. Atribui a “resistência” a uma crítica do paciente em relação à ideia, ou uma incapacidade de reconhecer que aquela ideia era o que se buscava, o que também poderia ser enquadrado sobre a ideia de “crítica”.

Na discussão teórica final de Freud (Breuer e Freud, 1895/2006), é retomada a mesma discussão, voltando-se à dificuldade em se acessar determinadas memórias obscuras, principalmente quando havia dificuldade em se hipnotizar os pacientes:

Quando... eu perguntava a meus pacientes se se recordavam do que tinha originalmente ocasionado a o sintoma em questão, em alguns casos eles diziam não saber nada a esse respeito, em outros, traziam à baila algo que descreviam como uma lembrança obscura e não conseguiam prosseguir. Quando... eu me tornava insistente, quando lhes assegurava que eles efetivamente sabiam, algo de fato lhes ocorria, e nos outros a lembrança avançava mais um pouco (pp. 282-283)

E então, passa a postular sobre o novo método que empregou para atender os pacientes mais resistentes, “dizia aos pacientes que se deitassem e fechassem deliberadamente os olhos a fim de se “concentrarem” – o que tinha pelo menos alguma semelhança com a hipnose. Verifiquei então que, sem nenhuma hipnose, surgiam novas lembranças que recuavam ainda mais no passado e que provavelmente se relacionavam com o nosso tema” (p.283). Freud parece crer no sucesso de seu novo método de acesso ao inconsciente. Sem o uso de hipnose, mas com uma “concentração” que se de certa forma mimetizava aquele estado, pareceu-lhe ser possível prosseguir na busca pelas representações patogênicas de pacientes, que de outra maneira, seriam impossíveis de atingir. Diz ainda que, com a ajuda da técnica da pressão, seria “possível dizer, para explicar a eficácia desse artifício, que ele corresponde a uma hipnose momentaneamente intensificada”, mas o mecanismo da hipnose me é tão enigmático que eu preferiria não utilizá-lo como explicação” (p.285).

Enfim, cria um primeiro “modelo” para explicar sua concepção de uma “resistência” que se opunha ao trabalho catártico:

Experiências como essas fizeram-me pensar que seria de fato possível trazer à luz, por mera insistência, os grupos patogênicos de representações que, afinal de contas, por certo estavam presentes. E visto que essa insistência exigia esforços de minha parte, e assim sugeria a ideia de que eu tinha de superar uma resistência, a situação conduziu-me de imediato à teoria de que por meio de meu trabalho psíquico, eu tinha de superar uma força psíquica nos pacientes que se opunha a que as representações patogênicas se tornassem, conscientes (fossem lembradas). Uma nova compreensão pareceu abrir-se ante meus olhos quando me ocorreu que esta sem dúvida deveria ser a mesma força psíquica que desempenhara um papel na geração do sintoma histérico e que, na época, impedira que a representação patogênica se tornasse consciente (Breuer e Freud, 1895/2006, p.283)

Este trecho é uma das principais contribuições do livro, em nosso ponto de vista. Mostra a forma como Freud formulou a concepção de defesa, a partir inicialmente do “esquecimento histérico”, que aparentemente nunca era bem-sucedido, dado que as memórias poderiam ser resgatadas a partir de técnicas de sugestão (como a da hipnose, da pressão com a mão). No entanto, além disso, mostra que Freud logo aproximou o fenômeno do esquecimento histérico a uma força que pensava ser central na constituição da histeria, uma espécie de força repressora. O autor assumiu se tratar, em ambos os casos, da mesma força psíquica. Temos então uma série de considerações adicionais de Freud:

Que espécie de força poder-se-ia supor que estivesse em ação ali, e que motivo poderia tê-la posta em ação? Pude formar com facilidade uma opinião sobre isso, pois já dispunha de algumas análises concluídas em que viera a conhecer exemplos de representações que eram patogênicas e que tinham sido esquecidas e expulsas da consciência. A partir destes exemplos, reconheci uma característica universal de tais representações: eram todas de natureza aflitiva, capazes de despertar afetos de vergonha de autocensura e de dor psíquica, além do sentimento de estar sendo prejudicado; eram todas de uma espécie que a pessoa preferiria não ter experimentado, que preferia esquecer. De tudo isso emergiu, como que de forma automática, a idéia de defesa. (p. 283)

O autor então formula, a partir dos casos presentes, um modelo de ideia de defesa que lhe seria muito útil. Vale apenas lembrar que no texto de “As neuropsicoses de defesa” (1894/), uma ideia parecida já havia sido lançada. Freud, em “Estudos”, continua sua formulação:

Quando eu me esforçava por dirigir a atenção do paciente para ele (o traço de memória patogênico) apercebia-me, sob a forma de resistência, da mesma força que se mostrara como repulsão quando o sintoma fora gerado. Ora, se eu pudesse fazer com que parecesse provável que a representação se tornara patogênica precisamente em função de sua expulsão e de seu recalçamento, a cadeia pareceria completa.

Assim, uma força psíquica, uma aversão por parte do ego, teria originariamente impelido a representação patogênica para fora da associação e agora se oporia a seu retorno à memória. O “não saber” do paciente histérico seria, de fato, um “não querer saber” – um não querer que poderia, em maior ou menor medida, ser consciente. (Breuer e Freud, 1895/2006, p.284)

A par da teoria de defesa levantada a partir dos casos, Freud fornecerá uma ideia, a nosso ver, absolutamente fundamental. Trata-se da ideia de uma “compulsão à associação” que reflete a tendência natural que a psique tem de associar seus conteúdos. Vejamos:

A tarefa do terapeuta, portanto, está em superar, através do seu trabalho psíquico, essa resistência à associação. Ele o faz, em primeiro lugar, “insistindo”, usando a compulsão psíquica para dirigir a atenção dos pacientes para os traços representativos que está buscando. Seus esforços, contudo, não se esgotam aí, mas, como demonstrarei, assumem outras formas no decorrer da análise e recorrem a outras forças psíquicas para assistir-lhes. (p. 284)

Deste trecho visamos destacar a importância conferida à associação para a cura da histeria. O médico faria uso da “compulsão à associação” que, em última instância, é o fator psíquico que garante que é possível rastrear as representações patogênicas. Sem tal compulsão, poderíamos pensar que o processo de repressão e esquecimento poderia ser completamente bem-sucedido na defesa e, de certa forma que, por esta via, as histerias seriam incuráveis.

Finalmente, destacaremos um trecho em que Freud examina o método da pressão, levando em conta suas considerações sobre o esquecimento histórico, sobre a necessidade de atuação do médico “contra” a força de resistência e também sobre a natureza da defesa, que visa a proteger o paciente de sentimentos aflitivos. Em suma, um resumo do que tentamos mostrar até aqui. Acompanhemos:

A conclusão que tiro do fato de que o que estou procurando sempre aparece sob a pressão da minha mão é a seguinte: a representação patogênica aparentemente está sempre “à mão” e pode ser alcançada por associações facilmente acessíveis. É uma simples questão de retirar um obstáculo do caminho. Este obstáculo parece, mais uma vez, ser a vontade do sujeito, e diferentes pessoas podem aprender, com diferentes graus de facilidade, a se liberar de seu pensamento intencional e a adotar uma atitude de observação inteiramente objetiva de processos psíquicos que nelas se verificam. (Breuer e Freud, 1895/2006, p. 285)

4.5 Considerações parciais

A par da longa discussão que desenvolvemos, em que buscamos mostrar alguns dos desenvolvimentos técnicos e conceituais que Freud levou a cabo em sua experiência com a histeria, salientaremos alguns dos pontos essenciais à nossa pesquisa.

Primeiramente, destacamos a etiologia favorecida por Breuer para explicar os sintomas histéricos. Centramos na ideia de estados hipnoides os nossos esforços de explicação e observamos como Breuer pareceu “patologizar”, em certa medida, a tendência ao devaneio e à fantasia, tomando-a como um risco a uma queda em um estado hipnoide, considerado condição etiológica sine qua non para o padecimento histórico.

Na etapa posterior de nosso trabalho, buscamos retratar como Freud adotou as técnicas de sugestão hipnótica no método catártico, mas como, a partir de diversos obstáculos e dificuldades, foi abandonando a hipnose e desenvolveu artifícios que possibilitavam um acesso à memória patogênica inconsciente. Vimos como esse método passou a se fiar pela “concentração” e pela associação simples das representações, pensadas a partir da concepção fundamental de uma “compulsão à associação”.

A ideia de que a lembrança consciente está “sempre à mão”, bem como a ideia de que a associação permite um acesso a grupos de representações inconscientes, cuja ação causa a defesa que providencia os sintomas, vai nos ajudar a esboçar uma reflexão sobre a forma como podemos utilizar e pensar os sonhos diurnos. Pedimos a paciência do leitor até o último capítulo, no qual providenciaremos uma discussão articulando nossos levantamentos parciais, realizados em cada capítulo.

5. PECULIARIDADES DA CONCEPÇÃO DE “FIGURAÇÃO” EM “A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS”

“A Interpretação dos Sonhos” (Freud, 1900/2013) é um livro extremamente abrangente, cujos temas e considerações poderiam fornecer subsídios para várias pesquisas. Considerada a obra-prima do autor, e o berço inaugural da Psicanálise como uma disciplina, com um método e objetos próprios de investigação bem definidos, para nosso interesse será necessário que procedamos a partir de recortes, e nos limitemos a discutir algumas poucas das tantas fecundas considerações que Freud teceu nesta obra.

Inicialmente, abordaremos as hipóteses apresentadas por Freud sobre o que chamou de “sonho diurno” (*tagtraum*), mirando uma caracterização aportada no referencial psicanalítico sobre esses sonhos. Procederemos então à discussão de alguns grifos nossos pontuais do livro, de forma mais livre, e a levantar ideias pertinentes ao nosso trabalho. Por fim, tematizaremos a “consideração pela figurabilidade”, abordada no sexto capítulo da obra-prima de Freud.

5.1 “Sonho diurno” em Laplanche e Pontalis

A partida do presente capítulo dá-se apoiada no verbete “sonho diurno”, descrito no “Dicionário de Psicanálise” (Laplanche e Pontalis, 1967/2012).

Os autores desta obra nos fornecem, logo no título do verbete, a palavra “devaneio” entre parênteses (p.492-493). A descoberta deste fato foi bastante interessante na época em que estava tentando constituir o objeto desta pesquisa, pois já havia de certa forma intuído que “sonhar acordado” era uma atividade que possuía um lastro comum com o ato de “devanear”. Observamos também que a palavra alemã traduzida por “sonho diurno” é *tagtraum*, que na

tradução francesa vem como *rêve diurne*, em inglês *day-dream*, em espanhol *sueño diurno*, e em italiano *sogno diurno*.

Laplanche e Pontalis nos remetem ao texto “A Interpretação dos sonhos” (1900/2013), mas antes de prosseguirmos, gostaríamos apenas de remarcar uma constatação dos autores:

Para Freud, os sonhos diurnos, expressão que para ele, em ‘A interpretação dos sonhos’, é sinônima de fantasia (*Phantasie*) ou de fantasia diurna (*Tagesphantasie*), nem sempre são conscientes: “há uma quantidade considerável de fantasias inconscientes, e que devem permanecer inconscientes em virtude do seu conteúdo e da sua origem no material recalcado. (Laplanche e Pontalis, 1967/2012, p. 493)

Assim, temos que a expressão “fantasia” também serve de sinônimo para sonho diurno. A par destas considerações, temos no eixo sonho-diurno / devaneio / fantasia a trilha para realizar a primeira parte de nosso levantamento no livro dos sonhos.

5.2 A consideração freudiana pelos sonhos diurnos em “A Interpretação dos Sonhos”

Situamos no sexto capítulo de “A Interpretação dos sonhos” (Freud, 1900/2013) a seção destinada ao debate acerca da “elaboração secundária”, como uma das forças configuradoras dos sonhos, a primeira ocorrência de uma menção aos sonhos diurnos que desejamos remarcar:

Há um caso em que o trabalho de construir uma fachada para o sonho, por assim dizer, lhe é poupado em grande parte pelo fato de tal estrutura já ser encontrada pronta no material dos pensamentos oníricos, onde espera por utilização. Costumo chamar de *fantasia* o elemento dos pensamentos oníricos que tenho em vista; talvez evite mal-entendidos se identificar logo o *sonho diurno* com seu análogo na vida de vigília. O papel desse elemento ainda não foi reconhecido e revelado exhaustivamente pelos psiquiatras... O estudo das psiconeuroses levou à descoberta surpreendente de que essas fantasias ou sonhos diurnos são estágios preliminares mais imediatos dos sintomas histéricos – pelo menos, de toda uma série deles; tais sintomas não dependem das lembranças mesmas, e sim das fantasias construídas com base nelas. (p. 517)

Neste primeiro trecho, Freud, ao aproximar o “sonho diurno” das “fantasias”, expõe a relação que supõe existir entre ambos. O sonho diurno não se equivale a fantasia, pois é “análogo na vida de vigília”. Assim, na vigília, haveria a ocorrência dos sonhos diurnos, cujo enredo e ligações de sentido frequentemente seriam editadas pela “elaboração secundária”. Já no nível dos sonhos que temos ao adormecer, o mesmo tipo de trabalho de “elaboração secundária” se aplicaria à fantasia. O autor fornece maiores esclarecimentos logo em sequência.

Contudo, antes de prosseguirmos, gostaríamos de frisar que Freud parece aqui repetir a mesma hipótese etiológica em que trabalhamos no capítulo anterior, destinado aos “Estudos sobre a Histeria”: os sonhos diurnos seriam tomados como “estágios preliminares” dos sintomas histéricos, como fatores de risco para a etiologia da histeria. Centralizamos a autoria desta hipótese etiológica a Breuer, mas aqui, Freud também não parece contestá-la.

Na sequência da leitura encontra-se:

Tomamos conhecimento dessas formações graças ao surgimento frequente de fantasias diurnas conscientes; porém, assim como há tais fantasias conscientes, também há um número abundante de fantasias inconscientes que precisam permanecer como tais devido ao seu conteúdo e por provirem de material recalcado. Um maior aprofundamento nas características dessas fantasias diurnas nos ensina com que acerto coube a essas formações o mesmo nome de nossas produções de pensamentos noturnas: o nome de *sonhos*. Elas compartilham com os sonhos noturnos uma parte essencial de suas qualidades; sua investigação, na verdade, teria podido nos abrir o melhor e mais curto acesso à compreensão dos sonhos noturnos. (p. 518)

Em nossa expectativa de coletar subsídios teóricos para uma reflexão acerca dos “nossos” “sonhos diurnos”, Freud inverte a ordem das coisas, e expõe que o estudo dos sonhos diurnos teria facilitado ao “melhor e mais curto acesso à compreensão dos sonhos noturnos”. A teoria do autor, neste ponto, é que, além dos sonhos diurnos, fenômenos subjetivos apreensíveis no estado de vigília, seria possível a consideração adicional de “fantasias inconscientes”, que por conta da natureza “censurável” de seu material, deveria permanecer neste registro. De volta ao texto, Freud realiza uma aproximação entre os “sonhos diurnos” e “noturnos”, apontando-lhes os fatores que garantiriam sua similaridade a ponto de justificarem o mesmo nome de “sonho”:

Como os sonhos, elas são realizações de desejo; como os sonhos, se baseiam em boa medida nas impressões de experiências infantis; como os sonhos, gozam de certa redução da censura para suas criações. Quando pesquisamos sua estrutura, compreendemos como o motivo do desejo que toma parte na sua produção misturou, reordenou e juntou num novo todo o material do qual são construídas. Quanto às lembranças infantis a que remontam, encontram-se mais ou menos na mesma relação de muitos palácios barrocos de Roma com as ruínas antigas cujas pedras lavradas e colunas forneceram o material para todo o prédio de formas modernas. (p. 518)

Este trecho permite, por si só, uma tomada e consideração a partir das considerações de Freud sobre os sonhos diurnos. Sinteticamente, o autor provém muitas informações e suas hipóteses sobre os sonhos diurnos a partir de aspectos de sua teoria dos sonhos “noturnos”. Este trecho é, para nós, da maior importância, pois aponta para um método que permite a compreensão do conteúdo enigmático dos sonhos diurnos. Ao tomar o sonho como realização de desejo, Freud permite considerar uma relação entre os sonhos diurnos e o registro inconsciente da memória; torna possível explicar parte de sua natureza a partir de conceitos como o de “defesa”. Ao indicar que se baseiam em “boa parte das impressões infantis”, permite

uma compreensão de parte da natureza de seu conteúdo, ainda provendo uma representação metafórica ao citar os palácios barrocos de Roma. Por fim, ao dizer que sua produção “misturou, reordenou e juntou” num novo todo o material da qual são construídas, indica que os sonhos se submetem às mesmas forças configuradoras do trabalho de sonho.

Na sequência do texto, Freud prossegue em sua hipótese e aproxima a ideia de “elaboração secundária” aos sonhos diurnos:

Na “elaboração secundária que atribuímos ao nosso quarto fator formador de sonhos na relação com o conteúdo onírico, encontramos a mesma atividade que, na criação de sonhos diurnos, pode se manifestar sem ser inibida por outras influências. Poderíamos dizer simplesmente que nosso quarto fator procura criar *algo como um sonho diurno* a partir do material que lhe é oferecido. Porém, quando tal sonho diurno já se encontra formado na trama dos pensamentos oníricos, esse fator do trabalho de sonho preferirá se apoderar dele e agir no sentido de que entre no conteúdo onírico. Há sonhos que consistem apenas na repetição de uma fantasia diurna que talvez tenha permanecido inconsciente... (p. 518)

Haveria assim, uma associação forte entre a “elaboração secundária” e a formação dos sonhos diurnos. Isto quer dizer, no ensejo do texto, que as relações entre os conteúdos do sonho, sua aparente lógica e razoabilidade, seu encadeamento e enredo com uma grande dose de inteligibilidade, se deveriam ao trabalho da elaboração secundária. Este tipo de organização entre as ideias dos sonhos seria típico no caso dos sonhos diurnos, em que, de acordo com o trecho acima, não seria “inibida”. Freud se utiliza desta ideia do patente trabalho da elaboração secundária no “sonho diurno” para aventar a hipótese do mesmo trabalho, mais ou menos bem-finalizado e efetuado, nos sonhos noturnos, que nem sempre possuem um caráter tão razoável, apreensível e pouco estranho como Freud alega ser característica dos “sonhos diurnos”. Assim, prosseguimos:

Em razão da complexidade das condições que o sonho precisa satisfazer por ocasião de seu surgimento, ocorre com mais frequência que a fantasia encontrada pronta forme apenas um fragmento do sonho ou que apenas um fragmento dela penetre no conteúdo onírico. De maneira geral, a fantasia é tratada como qualquer outro componente do material latente, porém com frequência ainda é reconhecível como um todo no sonho. Em meus sonhos muitas vezes aparecem partes que se destacam dos demais por causarem uma impressão diferente. Elas me parecem fluidas, mais coerentes e ao mesmo tempo mais fugazes do que outras partes do mesmo sonho. Sei que são fantasias inconscientes que entraram na trama do sonho, mas nunca consegui fixar uma delas. Aliás, como todos os outros componentes dos pensamentos oníricos, essas fantasias são comprimidas, condensadas, sobrepostas umas às outras etc.; porém, há transições que vão do caso em que elas podem formar quase inalteradas o conteúdo onírico, ou pelo menos a fachada do sonho, até o caso oposto em que são representadas no conteúdo onírico apenas por um de seus elementos ou por uma remota alusão a um deles. Ao que parece, também para o destino das fantasias no pensamento onírico é determinante quais vantagens elas podem oferecer frente às pretensões da censura e da coação à condensação. (Freud, 1900/2013, p. 519)

A relação entre os sonhos noturnos e seu conteúdo e as fantasias fica evidente no trecho, as fantasias poderiam ser utilizadas de forma fragmentada ou integral, tendo participações variáveis no todo do “sonho noturno”. Os fatores limitantes e seletivos à presença dessas

fantasias seriam os mesmos cuja pressão ordena e fabrica o material dos sonhos. Freud lista, dois destes fatores, a censura e a “coação à condensação”, como exemplo no próprio trecho.

O pensamento de que existe uma relação imediata entre os sonhos “noturnos” e “diurnos” rende consequências importantes para nosso trabalho. Os sonhos diurnos podem, literalmente, participar e figurar entre os conteúdos dos sonhos noturnos. São obviamente suscetíveis a todo tipo de distorção e trabalho de sonho que os modifica, sem constituir uma exceção para o trabalho do sonho. No entanto, esta ligação entre os diferentes tipos de sonho é importante, pois ensina uma relevante peculiaridade dos sonhos diurnos. Por estes sofrerem maior “pressão” da elaboração secundária, seus conteúdos emanam uma sensação ao sonhador de maior ordenação, lógica e inteligibilidade. Não despertariam sensações de estranhamento devido à incoerência que pode ser tão típica nos sonhos. A noção de fantasia reporta a essa condição de criação de um enredo entre os conteúdos dos sonhos, de ligações entre seus sentidos, uma espécie de relação bem estruturada, para a qual houve de fato uma “elaboração secundária”, um segundo ato de trabalho onírico que organiza os fatos, as ideias, os sentidos e que, de outra forma, poderiam surgir em toda potencialidade caótica que os sonhos podem demonstrar.

Encontramos uma pequena prova do que acabamos de falar no texto “Sobre os Sonhos” (Freud, 1901/2006):

Os sonhos que passaram por este tipo de elaboração por parte de uma atividade psíquica completamente análoga ao pensamento de vigília podem ser descritos como “bem-construídos”. No caso de outros sonhos, essa atividade falhou por completo; não se fez sequer uma tentativa de ordenar ou interpretar o material, e como, depois de acordar, sentimo-nos identificados com essa última parte do trabalho do sonho, formamos o juízo de que o sonho foi “irremediavelmente confuso”. Do ponto de vista da análise, contudo, um sonho que se assemelhe a um amontoamento desordenada de fragmentos desconexos é tão valioso quanto outro cuidadosamente burilado e provido de uma superfície. No primeiro caso, inclusive, é-nos poupado o trabalho de demolir o que foi superposto ao conteúdo onírico. (p. 684)

Se do ponto de vista da análise, a “boa inteligibilidade” do sonho não exerce diferença fundamental na busca pelos pensamentos inconscientes que o geraram, extraímos deste trecho a ideia de que os sonhos diurnos se ordenam, em função da elaboração secundária, como o próprio pensamento de vigília se ordena. Seria uma espécie de sonho com um ordenamento típico da vida de vigília. Damos suporte, assim, à nossa asserção no começo de nosso trabalho, onde dissemos haver uma espécie de hibridismo entre a vigília e o sonho nos “sonhos diurnos”.

Por fim, para encerrar esta seção neste capítulo, apontamos o seguinte trecho:

Seria um equívoco, porém, supor que que essas fachadas de sonho não passam de elaborações errôneas e um tanto arbitrarias do conteúdo do sonho pela instância consciente de nossa vida anímica. Na produção

da fachada do sonho empregam-se, não raro, fantasias de desejo presentes nos pensamentos sob forma pré-construída, e que têm o mesmo caráter dos apropriadamente chamados “sonhos diurnos”, que nos são familiares na vida de vigília. As fantasias de desejo reveladas pela análise nos sonhos noturnos com frequência se revelam repetições ou versões modificadas de cenas da infância; por isso, em alguns casos, a fachada do sonho revela diretamente o núcleo real do sonho, distorcido pela mescla com outro material. (p. 684)

Neste trecho, reporta-se outra das peculiaridades da relação entre os “sonhos diurnos”, na forma de fantasias, e os sonhos normais. As fantasias frequentemente são utilizadas pelo trabalho do sonho na constituição da fachada do sonho. E, além disso, podem até mesmo representar o “real núcleo do sonho”, o que retrata a dimensão da importância psíquica que o conteúdo dos “sonhos diurnos” podem comportar.

5.3 Sobre um estado de atenção especial necessário para a auto-observação

Freud tece brevemente uma consideração pela forma como instruiu seus pacientes a lhe comunicar o conteúdo dos seus sonhos, diminuindo sua autocrítica e focando sua energia na auto-observação. Encontramos as seguintes passagens no segundo capítulo de “A interpretação dos Sonhos” (Freud, 1900/2013), quando se refere aos atendimentos que realizou e quando passou a escutar os sonhos de seus pacientes:

Os pacientes que obriguei a me comunicarem as ideias e pensamentos que lhes ocorriam a propósito de um determinado tema me narraram seus sonhos e assim me ensinaram que estes podem ser inseridos no encadeamento psíquico a ser seguido retrospectivamente na memória a partir de uma ideia patológica. Era natural tratar o próprio sonho como um sintoma e aplicar-lhe o método de interpretação elaborado para os sintomas.

Para tanto, é necessária uma certa preparação psíquica do paciente. Esforçamo-nos por obter duas coisas dele: um aumento de atenção para suas percepções psíquicas e a suspensão da crítica com que costuma examinar os pensamentos que lhe ocorre. Para a finalidade de se auto-observar com a atenção concentrada, é proveitoso que ele assuma uma posição de repouso e feche os olhos; é preciso impor-lhe expressamente a renúncia à crítica dos pensamentos observados. Nós lhe dizemos, portanto, que o êxito da psicanálise depende de ele levar tudo em conta e comunicar o que lhe vai pela mente, sem se deixar levar a reprimir ideias porque lhe parecem sem importância ou desligadas do tema ou ainda absurdas. Ele deve se comportar de maneira inteiramente imparcial em relação a suas ideias; pois, caso não consiga encontrar a solução que busca para o sonho, a ideia obsessiva etc., a responsável por isso será justamente a crítica. (p.122)

O trecho acima lembra, grosso modo, a forma como Freud mostrou conduzir seus casos clínicos em “Estudos sobre a Histeria” (Breuer e Freud, 1893-1895/2006). No entanto, no relato

feito neste trecho de “A interpretação dos sonhos” (1900/2013), notam-se algumas diferenças marcantes, ao menos, no relato da postura clínica de Freud. O tom aqui parece bastante menos sugestivo. O termo utilizado para descrever a atitude do médico em relação ao paciente é “esforço”. O médico se esforçaria para obter o estado mental adequado do seu paciente. A ideia do relaxamento, dos olhos fechados e da atenção às representações psíquicas parece permanecer. A única imposição do médico diz respeito à renúncia crítica que o paciente deve levar a cabo na exposição do seu mundo interno. Existe uma orientação ao paciente para que mantenha uma postura absolutamente “imparcial em relação às suas ideias” pois, caso não encontrasse a solução para suas formações psíquicas, como sonhos e ideais obsessivos, o responsável seria a crítica. Vale lembrar que, nos “Estudos sobre a histeria” (Breuer e Freud, 1893-1895/2006), a ameaça do médico parecia muito mais severa. A não-contribuição do paciente, a “resistência”, que se buscava superar por meio de técnicas como a da pressão da mão, levaria a um malogro do próprio tratamento!

De toda forma, a suspensão da autocrítica e o aumento de sua atenção para as percepções psíquicas pareciam os grandes requisitos para a aplicação bem-sucedida do método de escuta psicanalítico. O autor prossegue:

Durante os trabalhos psicanalíticos, observei que a disposição psíquica do homem que reflete é muito diferente da do homem que observa seus processos psíquicos. Na reflexão, entra em cena uma ação psíquica a mais do que na mais atenta das auto-observações, como também demonstram a expressão tensa e a testa franzida da pessoa que reflete em oposição ao repouso mímico do auto-observador. Em ambos os casos deve haver uma concentração da atenção, mas a pessoa que reflete também exerce uma crítica devido à qual rejeita uma parte das ideias que lhe surgem depois de tê-las percebido; interrompe outras imediatamente, de modo que não segue os caminhos de pensamento que elas abririam; e, quanto a outras ainda, sabe se comportar de tal maneira que elas de forma alguma se tornam conscientes, ou seja, são reprimidas antes de sua percepção. O auto-observador, em compensação, apenas se esforça por reprimir a crítica; caso tenha êxito, vem à sua consciência um sem-número de ideias que de outro modo teriam permanecido inconcebíveis. Com a ajuda desse material novo obtido para a autopercepção, é possível fazer a interpretação tanto das ideias patológicas quanto das formações oníricas. (Freud, 1900/2013, p.122 e 123)

Este pequeno fragmento nos auxilia em um pensamento interessante sobre os “sonhos diurnos”. A reflexão implica em um movimento duplo de auto-observação e de crítica. A crítica neste caso impede que determinados conteúdos surjam à mente do paciente. Isto impediria, em última instância, a franca observação, dado que esta se fiaria apenas pelos conteúdos que passassem pelo crivo da censura. Os objetos a que a auto-observação poderia mirar se reduziriam em função da “seleção” de conteúdos. A auto-observação que fosse realizada sem os impedimentos de uma função crítica permitiram o surgimento de uma cadeia muito maior de ideias ao sujeito que se prestasse a realizá-la.

Ao apresentarmos nosso objeto de pesquisa, enunciarmos a hipótese de que uma observação das imagens que se desenrolasse nos sonhos diurnos permitiria ao sonhador a realização de uma espécie de auto-observação, e, posteriormente, também sugerimos que, ocasionalmente, seria possível inclusive uma auto-interpretação do sonhador. Neste trecho de “A interpretação dos sonhos” (1900/2013) encontramos um argumento que depõe fortemente contra esta possibilidade. A exposição de Freud aqui parece buscar retratar a dificuldade existente ao se tentar observar e refletir simultaneamente, dado que há uma interferência inibitória da crítica da reflexão sobre a observação. Não considero que isso inviabilize minha hipótese inicial de que os sonhos diurnos permitem uma auto-exploração, mas, sem dúvida, a ideia aqui presente argumenta contra as possibilidades de autoanálise:

Como vemos, trata-se de produzir um estado psíquico que tem em comum com o estado que precede o adormecer (e certamente também com o estado hipnótico) uma certa analogia na divisão da energia psíquica (da atenção móvel). Durante o adormecer, as “representações involuntárias” vêm ao primeiro plano pela redução de uma certa atividade voluntária (e com certeza também crítica) que deixamos agir sobre o fluxo de nossas representações; como motivo dessa redução costumamos alegar “cansaço”; as representações involuntárias que surgem se transformam em imagens acústicas e visuais. No estado que utilizamos para a análise dos sonhos e das ideias patológicas, renunciemos intencional e voluntariamente a essa atividade, e empregamos a energia psíquica poupada (ou parte dela) na observação atenta dos pensamentos involuntários que então surgem e que conservam seu caráter de representações (essa é a diferença em relação ao seu estado de adormecimento), Assim, *transformamos as representações “involuntárias” em “voluntárias”*.

Para muitas pessoas, não parece fácil adotar a atitude exigida em relação a ideias que parecem “emergir livremente” e renunciar à crítica de hábito praticada em relação a tais ideias. Os “pensamentos involuntários” costumam desencadear a mais violenta resistência, que pretende impedi-los de surgir. (p.123)

Este fragmento do texto encerra uma descrição verdadeiramente metapsicológica. Aborda a questão da atenção nos estados de sonolência, “no estado que utilizamos para a análise dos sonhos e das ideias patológicas” – o que acredito significar o estado de associação-livre e de relaxamento típico da situação analítica – e, ainda nos “estados hipnóticos”, assemelhando-as. Devido ao rebaixamento do nível de energia psíquica da “atenção móvel” durante algumas situações, tais como a sonolência, em situações como a hipnose, ou ainda no estado mental em que entramos em análise, que experiencialmente podem aparentar uma espécie de “cansaço”, o nível de atividade voluntária na psique também parece diminuir. Assim, surge a possibilidade de que algumas “representações involuntárias” surjam na psique em nosso fluxo de associações, sem nenhum exercício volitivo por parte do sujeito que as abriga, e estas “representações involuntárias” se configuram em imagens acústicas e visuais. Devido à suspensão temporária da atividade crítica, uma parcela maior da energia psíquica pode ser usada para a observação destas “representações involuntárias” na cadeia das associações livres. Ademais, por não se estar adormecido – estado em que, conforme Freud expõe em “A Interpretação dos Sonhos”

(1900/2013), os sonhos são experimentados pelo sonhador como alucinações perceptivas, como vivências análogas às reais, sem que haja discernimento deste fato – as imagens em questão conservam seu caráter de “representações” (e não de alucinações perceptivas, como nos sonhos “noturnos”), o que torna exequível a sua transformação de representações “involuntárias” para “voluntárias”. Esta transformação permite, quando a psique retoma seu funcionamento “normal”, a rememoração e manipulação das “novas” representações assimiladas às cadeias associativas. Este movimento permite, sem dúvidas, a emergência de conteúdos que, de, outra forma, permaneceriam inconscientes.

Apoio-me nestas asserções de Freud para embasar e legitimar um método de exploração dos sonhos diurnos. É exatamente esse rebaixamento da energia móvel psíquica, da atividade volitiva representativa, que parece ocorrer quando se consegue entrar em um estado de devaneio. Por se estar desperto, embora distraído de grande parte dos estímulos perceptivos e, por haver um rebaixamento da atividade crítica, é possível experimentar e travar contato com um grande número de representações “estranhas”, e aparentemente inéditas (vinculadas, provavelmente, à emergência justamente no plano do *Unheimlich*⁴). Após se integrar às figuras que surgem no estado de “sonho acordado”, estas podem ser inseridas na cadeia de associações junto aos grupos de representações facilmente evocáveis, o que indica, de certo modo, uma pequena conquista do sujeito sobre seu próprio inconsciente.

5.4 A consideração pela figurabilidade

Neste último subcapítulo, focaremos brevemente algumas considerações capitais do que Freud considera um dos quatro componentes do trabalho do sonho, a figuração.

Freud se refere, no começo de sua discussão, aos trabalhos oníricos de “condensação e deslocamento”, até que menciona um tipo especial de deslocamento:

Em geral, o deslocamento ocorre no sentido de que uma expressão incolor e abstrata do pensamento onírico seja trocada por uma expressão imagética e concreta. A vantagem é, assim, o propósito desta

---

⁴ Remeto o leitor à leitura do interessante texto de Freud (1919/2010), “O Inquietante”.

substituição saltam aos olhos. O imagético é *figurável* pelo sonho, admite ser inserido numa situação em que a expressão abstrata ofereceria à figuração onírica dificuldades semelhantes às aquelas que o editorial político de um jornal, por exemplo, ofereceria a sua ilustração. (p. 364)

A primeira característica do trabalho de figuração é, deste modo, sua função de conversão de uma expressão “abstrata do pensamento onírico” por uma “imagética e concreta”. A “figuração” de um pensamento onírico por imagens facilitaria a expressão de conteúdos. Vemos essa ideia exposta no texto logo na sequência:

Se o pensamento onírico, inútil em sua expressão abstrata, for convertido em uma linguagem imagética, fica mais fácil do que antes estabelecer entre essa nova expressão e o material onírico restante os contatos e as identidades de que o trabalho de sonho necessita e que cria quando não existem, pois em todas as línguas, em virtude de sua evolução, os termos concretos são mais ricos em conexões do que os abstratos. Podemos imaginar que durante a formação do sonho uma boa parte do trabalho intermediário, que procura reduzir os pensamentos oníricos individuais a uma expressão que seja a mais concisa e uniforme possível, aconteça dessa maneira, ou seja, pela conversão linguística apropriada de cada pensamento. (p.364)

A figuração opera, então, por uma “conversão linguística”, transformando a linguagem de manifestação de um pensamento onírico em uma base imagética e concreta. O ganho deste processo para o trabalho do sonho reside na possibilidade de efetuação de múltiplas conexões entre os pensamentos oníricos, que de outra forma, não se faria possível. O fato da potencialidade associativa dos termos concretos ser maior do que a dos termos abstratos explica outra vantagem que o trabalho psíquico de figuração providencia ao converter a linguagem dos pensamentos oníricos em imagens. Estes pensamentos, devido a seus diferentes graus de abstração, bem como pelas diferentes formas linguísticas em que se apresentam, nem sempre seriam passíveis de ser conjugado, sem uma transformação, pelo trabalho do sonho. A condição de figurabilidade garante precisamente que todos estes pensamentos oníricos diversos podem ser reduzidos a uma substância comum, “imagética e concreta”, a partir da qual o estabelecimento de ligações entre os conteúdos seria mais facilmente exequível. A figuração trabalharia, desta forma, a favor do trabalho de “condensação”, responsável por conglomerar sobre a mesma produção onírica uma multiplicidade de pensamentos oníricos.

Freud providencia, na sequência, uma elucidativa metáfora, que afirma que “Apesar desse aspecto multifacetado, é lícito afirmar que a figuração efetuada pelo trabalho do sonho, que, afinal, não pretende ser compreendida, não coloca ao tradutor dificuldades maiores do que, por exemplo, os antigos escritores de hieróglifos colocavam aos seus leitores” (p.365). O trabalho de compreensão de uma imagem, ou de um símbolo, tal qual um hieróglifo, se equivaleria ao trabalho de interpretação (tradução, como dito acima) do mesmo. A questão seria converter ou traduzir a imagem para seu sentido original. O trabalho da figuração seria

exatamente o oposto a esse, o de converter em imagem algo que possuía um sentido abstrato ou expresso em uma linguagem diversa.

Logo à frente no texto, Freud (1900/2013) fornece uma síntese sobre o que apontamos acima:

Com as explicações anteriores descobrimos finalmente um terceiro fator cuja participação na transformação dos pensamentos oníricos em conteúdo onírico não devemos subestimar: *a consideração pela figurabilidade no material psíquico peculiar do qual o sonho se serve*, ou seja, na maioria dos casos, a figurabilidade em imagens visuais. Entre as diferentes conexões secundárias com os pensamentos oníricos essenciais, será escolhida aquela que permitir uma figuração visual, e o trabalho do sonho não teme o esforço de primeiro transvasar o pensamento esquivo em outra forma linguística, por mais incomum que seja, desde que possibilite a figuração e dessa maneira dê um fim às dificuldades psicológicas da limitada atividade de pensamento. Porém, esse transvasamento do conteúdo de um pensamento em outra forma pode ao mesmo tempo se colocar a serviço do trabalho de condensação e criar relações com outro pensamento que de outra maneira não existiriam. E esse outro pensamento pode inclusive ter modificado anteriormente sua expressão original com a finalidade de ir ao encontro do primeiro. (p. 368)

A partir deste segmento, Freud avança a interessante hipótese de que na formação dos conteúdos dos sonhos, a partir dos pensamentos oníricos, o trabalho do sonho privilegia nas relações (“secundárias”) entre os pensamentos oníricos aquelas que permitem uma figuração visual. Este trabalho, que visa a reduzir as complexas relações abstratas entre os pensamentos oníricos e as imagens que possuam um lastro comum de sentido que se corresponda a todos os diversos pensamentos que a originaram, não se furta do dispêndio de “transvasar” a linguagem dos pensamentos oníricos e convertê-las para bases comuns de natureza imagética-figurativa. Este trabalho teria a essencial função de ajudar a superação, na ligação entre os pensamentos oníricos, dos limites dos pensamentos, pois permite ligar pensamentos em conteúdos oníricos, que sem o recurso figurativo, não seriam possíveis. Ao reduzir a multiplicidade abstrata e complexa de sentidos expressos nos pensamentos oníricos, tornando-as “figuras comuns”, há um acréscimo na potencialidade de manifestação de sentidos por parte do trabalho do sonho.

Quando lembramos de nosso objeto de pesquisa, vale perguntar em que medida os “sonhos diurnos” são produtos de atividade figurativa. Isto importa, pois significa afirmar a existência de toda sorte de sentidos abstratos e complexos por trás do que surge de forma tão espontânea, e sem esforço, quando nos deixamos levar por um sonho diurno. Ao tomar a “consideração pela figurabilidade” em conta, intensificamos o interesse com que enxergamos os sonhos diurnos, visto pouco sabermos da rica origem oculta (por via de um intenso, mas bem-disfarçado trabalho) dos pensamentos oníricos que residem em nosso inconsciente.

6. A QUESTÃO DA TRADUÇÃO DE *DARSTELLEN* POR “FIGURAÇÃO”

O nosso presente capítulo visa a problematizar a questão da tradução do termo alemão *Darstellbarkeit* empregado por Freud pela expressão portuguesa “figurabilidade” ou “representabilidade”. A tradicional edição brasileira Standard das Obras completas de Freud, publicada pela editora Imago, deriva da antiga tradução das “Obras Completas” de Freud, escritas em alemão. A edição Standard inglesa se encarregou de traduzir essas obras em alemão para o inglês e a nossa edição Standard é a tradução dessa última para o português. Conta, por sua parte, com uma tradução problemática, devido, entre outros fatores, à dupla tradução a que teve de se submeter. No entanto, é uma edição clássica largamente usada no Brasil e apenas mais recentemente tivemos acesso a algumas traduções diretas e bastante competentes dos trabalhos de Freud. Entre estes trabalhos atuais de tradução vale mencionarmos as edições traduzidas por Luiz Hanns para a editora Imago e, mais atualmente, por Paulo César de Souza para a Companhia das Letras. Esses autores problematizaram a tradução das obras de Freud para o português em publicações de suas autorias e se detêm em um trabalho bastante compreensivo de tradução das obras do autor. Atualmente, conta-se ainda com o problema da pequena quantidade de volumes já traduzidos por esses tradutores, sendo que a maioria da produção de Freud não se encontra disponível em novas e melhores traduções, o que leva à busca por textos em português com qualidade de tradução questionável, ou ao recurso de leitura de textos em publicações estrangeiras, que também apresentam seus problemas ao leitor brasileiro. Os textos mais antigos de Freud, contudo, não se beneficiaram ainda das traduções mais recentes para o português. Isso é um infortúnio para nosso trabalho, dado que trabalhamos justamente o período que encerra o primórdio das publicações psicológicas de Freud.

Ao leitor atento, então, cabe uma investigação cuidadosa da forma como foram traduzidas algumas das principais ideias de Freud, bem como alguns dos conceitos que sustentam sua teoria. Assim, para nos auxiliar a investigar alguns dos sentidos semânticos originais que Freud empregou em seus textos, apoiar-nos-emos principalmente no trabalho do de Luiz Hanns em seu “Dicionário Comentado do Alemão de Freud” (1996).

Focaremos essencialmente neste capítulo o termo traduzido por “figurabilidade”, do alemão *Darstellbarkeit*, que foi o foco de nossa investigação no capítulo anterior. Não visamos aqui a

uma pesquisa como fizemos nos três capítulos destinados à leitura teórica e ao destaque de trechos de Freud. Nosso método se modifica aqui essencialmente. Gostaríamos de realizar um levantamento linguístico e apontar o sentido que o termo traduzido por “figurabilidade” possuía no alemão original aproximando-o, em suas características, de nosso objeto: os sonhos diurnos. Almejamos também demarcar uma distinção fundamental entre o termo “figurar” e a expressão “representar”, bastante central em Freud. Realizaremos esta parte do trabalho a partir dos textos dos tradutores que apontamos.

6.1 “Figurabilidade” ou “representabilidade” em Laplanche e Pontalis

Neste primeiro segmento do capítulo, faremos uso do “Vocabulário da Psicanálise” de Laplanche e Pontalis (1982/2012) para sumarizar as principais ideias expressas pelo conceito de “figurabilidade” na obra de Freud.

No verbete destinado à “Figurabilidade”, encontramos o termo “representabilidade” (p.189) como equivalente. Os autores apontam a expressão “consideração da figurabilidade ou representabilidade” para sua explicação, como tradução do alemão “*Rücksicht auf Darstellbarkeit*”, e definem para o mesmo: “Exigência a que estão submetidos os pensamentos dos sonhos; eles sofrem uma seleção e uma transformação que os tornam aptos a serem representados em imagens, sobretudo visuais” (p.189).

Logo na sequência, explicam sua definição:

O sistema de expressão que constitui o sonho tem as suas leis próprias. Exige que todas as significações, até os pensamentos mais abstratos, exprimam-se por imagens. Os discursos, as palavras não são, segundo Freud, privilegiados a este respeito; figuram no sonho como elementos significativos, e não pelo sentido que têm na linguagem verbal. (Laplanche e Pontalis, 1982/2012, p.189)

Dessa explicação, que centraliza a figura no sonho e denota a possibilidade de uma expressão, inclusive abstrata, por meio de elementos essencialmente visuais, os autores apontam duas consequências: a primeira levaria à seleção “entre as diversas ramificações dos pensamentos essenciais do sonho, a que permite uma figuração visual” (p.189). Neste sentido, as articulações lógicas entre os pensamentos seriam eliminadas ou substituídas por formas de expressão visual. A segunda consequência seria a orientação dos deslocamentos do sonho para

substitutos figurados, Laplanche e Pontalis citam como exemplo o “deslize” do termo “aristocrata” para a ideia de “altamento colocado”, que poderia ser representada, afinal, por uma “alta torre” (p.189).

Os autores então fornecem uma explicação muito importante para a natureza do mecanismo subjacente à condição de figurabilidade, baseada na ideia de “regressão”:

Esta condição reguladora do trabalho do sonho tem a sua origem em definitivo na “regressão”, regressão simultaneamente tópica, formal e temporal. Sob este último aspecto, Freud insiste no papel polarizante, na elaboração das imagens dos sonhos, das cenas infantis de natureza essencialmente visual (p.189)

Da breve súmula fornecida pelos autores, torna-se possível para nós justificarmos o nosso interesse pelo conceito freudiano de “figurabilidade”. Trata-se de uma noção que (re)trata a possibilidade de uma expressão de sentidos psíquicos, inclusive dos inconscientes, menos acessíveis ao registro consciente da psique, por meio da “representabilidade”, ou seja, de uma transformação de conteúdos psíquicos variados, mais ou menos bem realizada, para uma linguagem de imagens. Quando pensamos no estado em que adentramos quando estamos “sonhando acordados”, a principal característica desses estados talvez seja justamente a grande profusão de imagens de caráter diverso e, muitas vezes, estranho. Se pensarmos que os sonhos diurnos possuem uma grande semelhança com os sonhos que temos ao adormecer, podemos atribuir à ideia de “figuração” os mecanismos envolvidos na elaboração das imagens que podemos contemplar. Ademais, o caráter estranho das imagens também pode se justificar a partir da ideia de regressão: a estranheza adviria justamente da distorção e representação “distorcida” e contemporânea de material infantil, essencialmente visual e de grande poder no inconsciente, que foi reprimido e “esquecido” na operação dos circuitos conscientes da psique. Este material infantil, com demarcado caráter visual, possuiria grande poder de atração, buscando constantemente ser (re)apresentado na psique consciente por meio de figuras mais contemporâneas e, como sabemos, distorcidas pelo trabalho do sonho.

6.2 As considerações de Luiz Hanns

Luiz Hanns, em seu “Dicionário Comentado do Alemão de Freud” (1996), faz uma investigação abrangente dos vocábulos adotados por Freud em suas obras. Sua pesquisa engloba a consideração, tanto pela semântica original que Freud parecia adotar em suas expressões, como também demonstra os sentidos históricos mais ou menos semelhantes das mesmas palavras no alemão comum.

Apresentaremos, inicialmente, a consideração generalizada que empreende, para depois adentrarmos o sentido específico do verbo alemão *darstellen* que interessa à nossa pesquisa. Esta consideração vem como se segue:

Coloquialmente *darstellen* é usado com diversos significados: “explicar”, “descrever”, “apresentar”, “expor”, “representar”, “mostrar”, “exibir”, “constituir”, “significar”, “caracterizar”. Sempre implica um duplo movimento de “dar uma forma captável” e “mostrar”.

É geralmente empregado por Freud no contexto dos sonhos para designar a capacidade de determinado conteúdo figurar na linguagem onírica, *Darstellbarkeit* (“figurabilidade” ou “representabilidade”).

O verbo *darstellen* e o substantivo *Darstellbarkeit* são habitualmente traduzidos por “representar” / “representabilidade” ou “figurar” / “figurabilidade”. O verbo *darstellen* algumas vezes é traduzido por “apresentar” e “constituir”. (Hanns, 1996, p. 376)

Tomemos de empréstimo esta ideia de que o verbo “figurar”, tradução de “*darstellen*”, expressa um movimento duplo: primeiro, o de dar forma a algo, exprimir algo de forma apreensível e inteligível; segundo, de “mostrar”, de expressar e comunicar a outrem o conteúdo para o qual se confeccionou uma forma. Veremos, logo a seguir, que o sentido de “figurar” em que buscamos demonstra exatamente a possibilidade de se converter algo da esfera subjetiva de um registro anteriormente inapreensível para uma via mais concreta, passível de ser comunicado, apresentado no tempo e espaço comuns ao outro. Hanns (1996) insiste nessa conotação dupla presente no verbo, como é possível se observar no trecho abaixo:

O termo *darstellen* envolve dois momentos: o de dar uma forma apreensível (de constituir de maneira apreensível) e o de mostrar. Esse primeiro momento, onde o termo assume o sentido de “constituir”, captura o instante em que ocorre a mediação entre aquilo que ainda se encontra em estado inapreensível e sua constituição em uma forma.... Uma característica intrínseca da *Darstellung* é a de colocar em linguagem apreensível; neste sentido ela se dirige a um “outro alguém”. (p.383)

Para reiterar, este autor informa que “A atividade de mediação realizada pelo verbo *darstellen* dirige-se a alguém, é um ‘imaginificar dirigindo-se ao outro’. Neste sentido é

empregado muitas vezes como sinônimo de verbos que expressam um esforço de explicitação: ‘explicar’, ‘descrever’, ‘expor’ etc.” (p.378). O tradutor prossegue:

Em português, os verbos “expressar” ou “exprimir” constituem um exemplo do tipo de mediação que o verbo *darstellen* realiza. Ao “expressar” ou “exprimir” algo, está-se colocando algo que ainda é singular, na dimensão comum da linguagem, dotando-o de condições para que possa ser representado na forma de sentimento ou ideia. Assim, por exemplo, podem-se “expressar” / “exprimir” (*darstellen*) as ideias e os sentimentos sob a forma de música, de gestos, de uma peça teatral ou de uma fórmula matemática – isto é, dar-lhes uma forma captável. Entretanto, tais palavras não contêm tão intensamente a conotação de “dirigir-se a outrem” (explicar, mostrar, expor), são termos que indicam uma atividade mais autônoma, que se expressa ou exprime por si, algo diverso da intencionalidade de uma explicação ou exposição. (p.381)

Necessitamos realizar dois comentários a respeito da última citação. Primeiramente, Hanns comunica seu parecer de que a expressão “figurar” (*darstellen*) se refere à capacidade de dar uma forma imaginativa, uma expressão à algo que antes pertencia ao âmbito “individual”. Este “dar uma forma captável” na ação de “figurar” é realizado através da inserção de algo na “dimensão comum da linguagem”. Mas necessitamos entender o que Hanns chama de “linguagem” neste ponto. O autor nos esclarece que entende que a “conversão” de um conteúdo figurado para a linguagem comum aos homens é o que possibilita que esse conteúdo seja vivenciado na forma de sentimento ou ideia. Essa consideração é fundamental, pois insinua que a produção de sentimentos e ideias na psique se dá por meio da passagem de algo anteriormente inefável para a linguagem comum, acessível a si mesmo e a todos.

O processo que torna para outrem acessível o que habita de forma inapreensível em nós se confunde com o mesmo processo que faz com esses conteúdos sem forma se convertam em nossos próprios sentimentos e ideias. Desta forma, em síntese, teríamos inicialmente um conteúdo “sem forma”, sem expressão, um sentido muito primitivo poderia vir a ser “figurado”. Essa figuração seria primeiramente responsável por dar uma forma “imagética”, por encorpar, por tornar captável algo que antes desse processo não era “captável”. Esse processo revelaria ao próprio sujeito algo sobre si, assim que o conteúdo fosse “figurado”, apresentando-se a este como um sentimento ou ideia. Ou seja, estamos tratando de algo que imaginamos ser algo que antecede os sentimentos e ideias, algo disforme, difuso, pois quando nos referimos a sentimentos e ideias estes já possuem uma forma definida, clara, estruturada e inteligível para nós. Ademais, a faceta dupla do processo de figurabilidade, além de constituir os próprios sentimentos e ideias, também tem a função de tornar acessível a outrem os mesmos conteúdos, de torná-los exprimíveis. Portanto, de forma única, a figurabilidade duplamente tornaria “apresentáveis” conteúdos e sentidos primitivos e disformes, conceder-lhes-ia forma: aos

próprios sujeitos cujas psiques figuram, e a outrem com quem partilhamos da “realidade objetiva comum”.

Sobre o sentido utilizado por Freud em sua teoria dos sonhos, Hanns (1996) esclarece:

O termo *Darstellbarkeit* é amíude traduzido por “figurabilidade” ou “representabilidade”, palavras que lhe são razoavelmente equivalentes. *Darstellbarkeit* designa algo que poderia ser traduzido por neologismos como “exprimibilidade em imagens” (capacidade de se exprimir em imagens).

A *Darstellbarkeit* de conteúdos ou pensamentos de sonho refere-se às condições objetivas ou às possibilidades de um conteúdo ser representável (ser colocado em linguagem e mostrado) – algo como uma “configurabilidade”. (p.381)

Aproximamo-nos, assim, da ideia de que a figurabilidade possibilita a capacidade psíquica de criar conteúdo imagético para representar seus sentidos mais profundos. Esta ideia nos é muito preciosa ao tentarmos associá-las aos “sonhos diurnos”, pensando que a profusão de imagens que surgem destes pode ser pensada como insumo de processos de figuração, responsáveis por destinar à psique consciente conteúdos, ideias e sentimentos com “forma”, passíveis de atos de linguagem e de comunicação a si próprio e a outrem. A figurabilidade estaria no seio dos processos que criam as ideias e os sentimentos a elas ligados, e como já diz o ditado “as ideias movem o mundo”, o que torna patente a importância do estudo da “figuração psíquica”.

Hanns nos oferece ainda um relevante esclarecimento a respeito do uso alemão de *Darstellung*, que se contrapõe, em certa medida, ao sentido do termo que interessa ao nosso presente trabalho, esclareceremos. Diz o tradutor:

Uma *Darstellung* para si próprio é incomum, pois o termo dirige-se a um “outro alguém”. Neste sentido a *Darstellung*, para representar internamente algo de forma apreensível, coloca o próprio sujeito como o “outro alguém interno” ao qual a *Darstellung* (“atividade de dar forma apreensível”) se dirige. (Hanns, 1996, p. 384)

Devemos admitir que é exatamente este tipo de *Darstellung* incomum que é a de nosso maior interesse. No âmbito de uma discussão acerca dos sonhos diurnos, e da possibilidade de sua utilização “clínica/terapêutica” por parte do próprio sonhador/analizando, a figuração que se torna evidente por meio das imagens que surgem involuntariamente na psique se destina inicial e especialmente, e visamos ressaltar essa ideia, ao sonhador. A captação de um conteúdo psíquico antes inapreensível em uma forma captável se destina originalmente ao próprio sonhador. É ele em primeiro plano que entrará em contato com o que sua psique elaborou e metabolizou.

No escopo de nossa pesquisa, é justamente a possibilidade de compreensão e interpretação de nossos próprios sonhos diurnos que fomenta o interesse por este trabalho. De forma alguma, contudo, desejamos pôr em questão o fato de que a mesma atividade figurativa que comporia as imagens dos sonhos diurnos para o sonhador também tornaria possível que este partilhasse com outrem seus sonhos. É a tal da duplicidade do termo em que Hanns insiste. Com muita justeza, inclusive, pois também nos interessa a exploração dos sonhos diurnos como material de análise, a ser partilhado com um analista. Apenas gostaríamos de remarcar que os sonhos diurnos, em sua maioria experimentados em momentos outros que não o das sessões normais de análise, são apresentados ao próprio sonhador, e é este que realiza um “primeiro contato” com os mesmos, podendo desde esse momento começar sua exploração e expedição “terapêutica” pelos mesmos.

É estranho afirmar, mas, quando se fala em figuração, é necessário que se compreenda que o conteúdo figurado é estranho até para o próprio sonhador cuja psique cuidou de elaborar as imagens em questão. É um estranho “presente” da psique para si próprio, e reforçamos a estranheza de se considerar uma psique que trabalha de certa forma independentemente do próprio “sonhador”. Mas é exatamente isto que a pesquisa de Freud sobre os sonhos nos mostrou: que a psique realiza um intenso trabalho de elaboração onírica, um trabalho em essência inconsciente. O mesmo muito provavelmente se dá para o caso dos sonhos diurnos. Após este “primeiro contato” do sonhador com seu sonho, claramente é desejável e benéfico que estes conteúdos “revelados” também possam ser discutidos à luz da presença dos respectivos analistas, que poderão, de outra maneira, no bojo do campo transferencial, tirar proveito de seu surgimento.

6.3 Figuração ou representação: diferenças fundamentais

Necessitamos agora esboçar a última discussão do presente capítulo e, para tanto, vamos verificar brevemente alguns sentidos em alemão para o termo *vorstellen*, normalmente traduzido em português por “representar”.

A palavra “representação” na obra de Freud é uma tradução que abriga sob si uma grande abrangência de termos em alemão. Confunde-se inclusive com a noção que discutíamos acima de “figurabilidade” que, como vimos, pode sem grandes prejuízos ser apelidada também de “representabilidade”. Hanns (1996) informa:

O substantivo *Vorstellung* não é termo de uso culto e vernacular, nem pertence ao jargão especializado da filosofia ou da psicologia. Trata-se de termo de uso coloquial, para designar a palavra “idéia” ou “concepção” (no sentido de “idéia visualizada” / “imagem”).

Vorstellung tem sido habitualmente traduzido por “representação”, “idéia”, “apresentação” e ocasionalmente por “imagem”, “concepção”.

A tradução por representação tem predominado, mas, devido à extensa polissemia da palavra portuguesa “representar”, confunde-se facilmente com os termos *darstellen*, *vertreten* e *repräsentieren*, cuja tradução também é “representar”, mas cujos significados em alemão são diversos de *vorstellen*. As outras alternativas de tradução (“idéia”, “apresentar”, “conceber” e “imaginar”) também têm significados específicos em português que nem sempre se recobrem com *vorstellen*. (p. 386)

É essencialmente o mesmo que diz algumas páginas antes: “*Darstellung* será contrastado com a palavra “representação”, que devido à sua ampla polissemia, tem sido empregada para traduzir diversos termos psicanalíticos, tais como *Vorstellung*, *Repräsentant*, *Repräsentanz*, *Vertretung* e *Darstellung*, causando alguma dificuldade de compreensão.” (p.379).

E por fim, conclui: “Trata-se, portanto, de um vocábulo de difícil tradução. A tais dificuldades de tradução se acrescenta ainda o fato de que *Vorstellung* tem empregos particulares na filosofia alemã e na psiquiatria do século XIX” (p. 386). Observamos, assim, a polissemia do termo em alemão, e também a polissemia do termo “representação” em português. Muito do que se busca traduzir por “representação” em português não corresponde aos sentidos de *Vorstellung* em alemão.

Essencialmente, o sentido de *Vorstellung* que importa a nosso trabalho é o de uma “representação” que é uma “re-apresentação” de um conteúdo no nível mental. Significa evocar mentalmente uma “imagem”, uma “representação” de um objeto, sentimento ou experiência prévia prontamente acessível a esta finalidade. Trata-se de reproduzir psiquicamente no nível consciente a imagem de uma memória ou conceito, algo que não necessita estar presente concretamente para que seja evocado no pensamento. Tratar-se-ia do correspondente psíquico imediato dos objetos e das experiências que foram estocadas na memória e que podem ser “revisitadas”, mentalmente, a qualquer instante. A expressão popular “imagine (algo)”, supõe

especificamente a capacidade de “representar”. A composição etimológica da palavra *vor-stell-ung* denotaria algo como “pôr, colocar algo diante de si” (Hanns, 1996, p.387).

Onde residiria então as diferenças fundamentais entre este “representar” e a elaborada atividade de “figurar”? Hanns fornece o subsídio inicial para a problematização da distinção, ao afirmar: “‘Representação’ tem origem etimológica bastante paralela a *darstellen* e recobre sentidos semelhantes: entretanto, em português, o termo possui maior número de sentidos. As conotações do termo alemão não se encontram de forma tão concentrada na palavra portuguesa” (p. 381).

A discussão que desejamos iniciar surge explicitamente, no entanto, em nota de rodapé no texto de Hanns (1996), que asserta:

Embora o termo *Vorstellung* (“idéia”, “representação”) não esteja em foco, cumpre uma observação... (que) poderia gerar a impressão de que *Darstellung* designa algo que sempre precede a *Vorstellung*.

Vorstellen também tem um forte apelo visual-plástico e uma contiguidade com a imaginação e a fantasia. Aponta para a atividade de “invocar”, “imaginar” e “combinar” algo que já habita a dimensão das coisas apreensíveis e representáveis e que pode ser descrito como reevocar imagens obtidas a partir de experiências anteriores e colocá-las em cena. Enquanto em *darstellen* se trata de “construir” ou produzir uma imagem, em *vorstellen* se trata de “re-produzir” uma imagem.

Normalmente não se emprega *darstellen* para atividade internas de representar algo para si mesmo (imaginar, visualizar). Ao se empregar *darstellen* para a atividade interna, está-se querendo dizer que o sujeito “constitui ou expressa algo para si mesmo”; entretanto, trata-se de um uso bastante incomum.

Na medida em que *darstellen* é a constituição originária e inicial da imagem e *vorstellen* pressupõe a evocação da idéia a partir de imagens já constituídas e disponíveis, poder-se-ia pensar que *darstellen* precede *vorstellen*, ou seja, que primeiro o sujeito terá que constituir/representar (*darstellen*, torná-la visualizável) a idéia, para depois então imaginar/representá-la (*sich vorstellen*, visualizar).

Contudo, além de metodologicamente nem sempre ser possível este tipo de distinção, no uso corrente não se emprega *darstellen* para visualizar internamente imagens, e sim para constituir e expressar algo em linguagem apreensível. Neste sentido, trata-se de dois termos diversos que não podem ser articulados automaticamente numa sequência. (p.385)

Conforme já explicamos anteriormente, apesar das ressalvas de Hanns sobre a atipicidade de se empregar o sentido de *darstellen* como atividade que constitui ou expressa algo do sujeito para si próprio, é exatamente esta a significação que mais interessa a nossa pesquisa conquanto levamos em conta o fato de que os sonhos diurnos são uma produção que se manifesta primeiramente para o próprio sonhador. Também já afirmamos que este fato não implica que a “constituição interna de imagens” não possa também ser transmissível e exprimível a outrem, em um segundo momento.

A questão aqui é demarcar que existe uma diferença profunda entre “representar” e “figurar”, dado que aparentemente somente no primeiro vocábulo fica patente a ideia de uma

criação ou “constituição” de um conteúdo psíquico. Necessitamos realizar uma distinção fundamental, pois o idioma alemão, ao oferecer vocábulos com sentidos tão diferentes para “representar” e “figurar” (*vorstellen* e *darstellen*), faz com que seja necessário se desmontar a polissemia expressa em “representar” e “representação”, palavras que em nosso idioma podem tomar um tom genérico, apesar de seus múltiplos sentidos.

Hanns (1996) sintetiza a este respeito:

Vorstellen significa buscar algo já representável na linguagem e trazê-lo para “dentro”, para a consciência, e visualizá-lo. Aquilo que é representado já está na forma representável ou assimilável. É diverso de *darstellen*, que significa um esforço para captar e dar forma (representar-constituir-figurar) a algo ainda sem forma. *Vorstellen* é apenas montar e apresentar para si ou para outrem, não envolve o trabalho de constituir. (p. 387)

Ora, estamos defrontados, amiúde, com dois tipos distintos de “imaginar”. Quando falamos em uma faculdade ou capacidade mental de “imaginação”, nem sempre este tipo de especificação se faz presente, e para uma compreensão psicológica e metapsicológica do tema é mais do que necessário que se faça considerar. Hanns nos instrui, a partir da exploração da semântica alemã, a reconhecer dois tipos distintos de imaginação, de representação de conteúdos mentais para nós mesmos.

A ideia de *vorstellen* parece mais simples, pois retrata a condição possível de visualizar internamente algo já representável, prontamente acessível, algo para o qual a constituição em uma forma captável e assimilável possivelmente já se dera em outro momento. O surgir mental por trás de um ato de *vorstellen* é um evocar de algo que, de certa forma, poderíamos dizer que “já se fazia presente”, já estava construído e se encontrava pronto para uma “apresentação” mental. Aqui, a imaginação seria essencialmente uma reprodução.

Já a ideia por trás de *darstellen* nos parece muito mais sofisticada, talvez por se tratar de uma ideia não tão presente em nossa língua portuguesa. Aqui a imaginação, ou ação imaginativa seria propriamente uma “imaginificação”, usando o neologismo proposto por Hanns. Essa imaginificação, esse exprimir por imagens, essa constituição de uma forma apreensível, faria uma espécie de ligação entre dois tipos de registros psíquicos muito diferentes. Um primeiro, no qual os sentidos habitariam nosso psiquismo de forma inapreensível, onde a inconsciência e a impossibilidade de se dotar tais “sentidos” de forma captável, ou mesmo de se adentrar em tal registro, constituem algumas das marcas mais patentes; o segundo, aproximado de nossas capacidades de comunicação e compreensão, na qual a apreensibilidade, a inteligibilidade, e a possibilidade de aproximação a formas de

linguagem torna possível que esses sentidos se apresentem tanto para nós mesmos, internamente, como também que se façam apresentáveis a outrem. A questão aqui é justamente esse processo de “constituição em forma”, de “imaginificação” de algo que anteriormente não possuía forma ou lastro que possibilitasse seu encerramento num corpo passível de ser mostrado, refletido, comunicado. A figuração é um processo de fabricação, de constituição em forma. Aqui a imaginação é essencialmente uma produção.

Como usaremos estas informações para refletir sobre os sonhos diurnos? Nossa hipótese é que os sonhos diurnos são um dos fenômenos psíquicos que melhor demonstram o trabalho psíquico de figuração. A estranheza das imagens que surgem quando nos deixamos levar por devaneios, deve-se ao fato de não controlarmos o que surge em nossas mentes. Se houvesse um controle mental por parte de nossa vontade, que dirigiria o surgimento das imagens, seria simples afirmar que o que ocorre se aproxima de uma “representação”. No entanto, os sonhos diurnos parecem demonstrar a natureza do trabalho psíquico subjacente ao trabalho de figuração. Aportados em toda a teoria dos sonhos e da neurose construídas por Freud, se pensarmos que os sonhos diurnos são uma manifestação “distorcida” de nosso inconsciente, encontramos material em abundância para analisarmos. Assim, os sonhos diurnos são, conjuntamente a outros fenômenos mentais, uma porta para os setores inconscientes de nossa psique.

O que nos interessa remarcar, de tudo que foi exposto, é justamente que é importante diferenciar os tipos de “imaginação”. O imaginar dirigido, consciente, lógico e lúcido normalmente se faz a partir de atos de “representação”. Esses atos possuem enorme importância e também são elementos centrais para a investigação clínica psicanalítica. Não obstante, nosso objetivo inicial também buscava chamar atenção para os atos de imaginação presentes nas mentes dos sujeitos distraídos, propensos a embarcarem e se perderem em seu próprio mundo de imaginação. Supomos que as pessoas que se deixam conduzir por seu fluxo de imagens mentais, que de fato entregam-se ao que surge espontaneamente diante de si, podem ter uma valiosa condição de pesquisa interna, dado que processos de figuração parecem ser muito frequentes em seu psiquismo. Assim, o sujeito distraído que se perde ocasionalmente em seu mundo interno, que vive ensimesmado e sem foco definido, poderia advogar contra todos que o acusam do “vício da distração”. Poderia bradar: “estou a me conhecer, possuo um acesso privilegiado e facilitado às infinitas profundezas em mim!”. Para além da brincadeira, é óbvio que nem toda distração é figuração, e nem podemos dizer que toda distração é benéfica. Apenas

desejamos dizer que pode valer a pena “perder” algum tempo distraído, a voar entre sonhos. Nunca se sabe o que o universo das imagens que nos habitam pode nos indicar ou ensinar sobre nós mesmos e sobre os mundos em que habitamos. A recompensa mínima para quem o faz é um conhecimento e domínio maior de seu próprio inconsciente. E, como sabemos, o inconsciente é amplo como uma galáxia, aponta para nosso passado, mas também orienta e direciona nosso futuro.

Considerações finais

Percorremos um longo percurso expositivo até este momento, e, por isso, solicito a gentileza e paciência do leitor para que me acompanhe nos últimos desenlaces deste trabalho. Partimos de um ponto inicial onde, por muito tempo, não sabíamos com o que estávamos lidando. A fugacidade do estado particular de devaneio e sua estranheza característica, tornaram lento o processo para que desenvolvesse e conquistasse uma espécie de “método primário” que permitiria, posteriormente, minhas visitas mais periódicas e frequentes ao estado de sonho diurno. Tudo se desenrolou, na história, como foi exposto. No início o estado distraído surgia quando eu lia os quadrinhos e relaxava; depois comecei a visitar este estado observando objetos como o chão; e somente por fim me dei conta de que o estado não necessitava de nenhum esforço especial de minha parte; justamente, era necessária uma redução de todos os esforços, de toda a ação volitiva de pensamento e controle mental.

Começamos uma pesquisa teórica que buscava, em um traçado histórico orientado pela história do conceito de “representação”, nas obras de Freud, respostas para as inquietações que me habitaram por anos. Não que estas tenham se arrefecido, mas a pesquisa se reorientou e progrediu quando nos aproximamos da noção de “figuração” em Freud. Não quis realizar uma pesquisa que tomasse como objeto exclusivamente a “figurabilidade”, pois, intuitivamente pressentia que não se tratava daquele meu verdadeiro foco.

O lampejo que tive, lendo em uma biblioteca, de qual era meu verdadeiro objeto de pesquisa, o “estado mental distraído”, foi a última grande reviravolta que a pesquisa sofreu. Aproximamos a ideia do conceito do senso comum, popularmente conhecida como “sonho diurno”. Esta expressão em inglês, *o daydream*, parece possuir um uso muito mais corriqueiro e popular nos países de língua inglesa do que estamos habituados a falar em “sonho diurno” em nosso idioma. Afirmo isso a partir de minha própria experiência, e somente através desta, após alguns anos ministrando aulas de inglês, e também como um falante do idioma português. Não costumo ouvir com nenhuma frequência discussões sobre “sonhos diurnos”, ou mesmo sobre “devaneios” ou ainda “fantasias”. Talvez se deva ao caráter filosófico destas palavras, mas o fato é que na língua inglesa, o termo *daydream* é uma palavra de uso popular, adotada frequentemente e sem maiores dificuldades.

Procedi, no curso do trabalho, a uma descrição do “sonho diurno”, desvinculada, em um primeiro momento, de qualquer referencial teórico, inclusive do psicanalítico. Buscávamos ali esclarecer não só para o leitor, mas para nós mesmos, algumas das principais características do que estávamos chamando de “sonho diurno”.

Esclareci, então, o método de pesquisa que adotaria para pesquisar os sonhos diurnos. Faria um levantamento teórico, dentro de um período da obra de Freud, buscando subsídios e fundamentações para uma reflexão sobre os sonhos diurnos. A partir deste momento, o aporte teórico da psicanálise passou a embasar todas as minhas considerações. Seguimos um percurso que analisava as obras de Freud: “A interpretação das Afasias” (1891/2003), a obra de Breuer e Freud (1893-1895/2006), os “Estudos sobre a Histeria” e, por fim a “A interpretação dos Sonhos” (1900/2013). Em nosso último capítulo, com a ajuda de Laplanche e Pontalis e de Luiz Hanns trabalhamos as questões de tradução da obra do Freud.

A obra a “Interpretação das Afasias” (1891/2003) nos forneceu algumas ideias fundamentais, as quais valem notar. Em primeiro lugar, nos indicou a questão já presente há mais de 120 anos, das dificuldades para uma “localização”, no sistema nervoso, de faculdades psíquicas, como a linguagem, e mais importante, como a “representação”. Em segundo lugar, mostrou a proximidade quase no limite, do ponto de vista fisiológico, e deste pudemos realizar uma extrapolação, para o ponto de vista psicológico, da proximidade e dependência entre “representação” e “associação”. Isto nos forneceu a ideia de que as atividades representativas na psique, e delas não excluimos os sonhos diurnos, se dão intimamente “amarradas” à atividade de “associação” destas mesmas representações. Qualquer reflexão sobre o sonho diurno, deveria tomar forma, a partir desta consideração, levando em conta a associação que se desse a partir das imagens vivenciadas no “devaneio”. Em terceiro lugar, mostrou a natureza eminentemente imagética das “representações de coisa”, enquanto dotou as “representações de palavra” de uma grande proximidade a seu fator acústico. Isto nos chamou a atenção pelo fato de os sonhos diurnos, em sua grande maioria, se darem a partir de uma sucessão de imagens visuais.

Então migrei para umas das obras de Freud que mais gosto e valorizo, os “Estudos sobre a Histeria” (Breuer e Freud, 1893-1895/2006). De minha leitura anterior, havia guardado um grande incômodo, relativo à existência de uma ideia que chamei de uma “patologização” da atividade de devaneio, representada tão bem na hipótese etiológica que Breuer formula a respeito dos “teatros particulares” de Anna O. Vimos que Freud parecia apoiar-se na mesma

hipótese, em alguma medida, inclusive citando um parecer próximo a esse em “A interpretação dos sonhos” (1900/2013), justamente em um trecho que demos destaque sobre os “sonhos diurnos”. Os “Estudos sobre a Histeria” (1893-1895/2006) apontavam também para uma discussão etiológica central acerca dos “estados hipnóides”. Por considerarmos que o estado de “sonho diurno” partilha diversas características com estes estados, demos bastante atenção a este aspecto. Contudo, enquanto a posição de Breuer e de Freud, em parte, como de outros grandes nomes da neurologia e medicina da época era de que os estados hipnóides eram a condição *sine qua non* da histeria, nós apostamos na direção contrária, ao considerarmos nossos sonhos diurnos. Encaramos estes a partir de seu potencial terapêutico, na medida em que sua experiência e exploração pode fornecer material precioso de análise para a compreensão e o desmantelamento de padecimentos neuróticos. Por permitir um acesso diferenciado às “representações involuntárias”, e permitir sua integração ao fluxo das associações conscientes, cremos que o sonho diurno pode ser utilizado como um poderoso instrumento de contato, e de certa forma, de integração dos grupos inconscientes da memória.

Também buscamos demonstrar, ainda em nossa discussão dos “Estudos sobre a Histeria”, com certo zelo, que Freud pareceu migrar para uma postura de maior “confiança” na associação-livre, abandonando gradualmente as técnicas de sugestão hipnóticas, tão comuns ao método catártico de tratamento da histeria. Ao exigir que seus pacientes apenas “relaxassem”, que “fechassem os olhos” e focassem em descrever, sem censura, o que quer que lhes viesse à mente, vimos neste procedimento quase uma utilização clínica do estado em que caímos quando estamos sonhando acordados. Assim, marcamos uma diferença fundamental entre Breuer e Freud, ao indicar que aquele enxergava na tendência ao devaneio uma grave condição etiológica, ao passo que Freud pareceu fazer uma apropriação clínica e terapêutica das mesmas tendências, inclusive orientando seus pacientes para que adentrassem aos estados de “relaxamento”, “semi-hipnóides”, na busca por material patogênico reprimido.

Avançamos alguns anos para alcançarmos a “Interpretação dos sonhos”, obra-prima inaugural da psicanálise. Devido ao imenso número de considerações e reflexões ricas, presentes na obra, realizamos um recorte triplo para abordar questões de nosso interesse. Primeiramente, abordamos a teorização própria que Freud faz ao que chamou de “sonho diurno” (*tagtraum*), e acompanhamos a forma como Freud o aproximou das fantasias, conscientes e inconscientes. Conferimos também a estreita relação postulada entre o trabalho da “elaboração secundária” e sua proximidade dos sonhos diurnos, implicando que os sonhos diurnos, por assim dizer, possuem uma inteligibilidade, uma organização e uma lógica em seus sentidos

privilegiados, justamente devido à atuação deste “trabalho de sonho”. A esta organização, Freud atribui o nome de fantasia, pois ela é como uma espécie de enredo, que liga e dá sentido entre os múltiplos e, muitas vezes, incoerentes e contraditórios pensamentos oníricos. Notamos também, a partir das ideias de Freud, a forma como o autor aproximou os sonhos “diurnos” dos “noturnos”, indicando que os últimos podem fazer uso, em maior ou menor medida, com mais ou menos distorções, fusões e reordenamentos derivados do “trabalho de sonho”, dos primeiros. Os sonhos diurnos, com toda a sua “organização” típica da elaboração secundária, muitas vezes constam entre os conteúdos oníricos dos sonhos.

Vimos ainda no escopo de “A Interpretação dos sonhos” (1900/2013), uma caracterização e descrição dos sonhos diurnos, por parte de Freud, aproximando-os aos “sonhos noturnos”. Assim, atribuiu aos “sonhos diurnos” um caráter de “realização de desejo”; apontou a origem de seu material como oriunda, em larga medida, das experiências infantis; atribuiu à sua formação os mesmos tipos de “trabalho de sonho” que os “sonhos noturnos” estariam submetidos (“mistura, reordenação, junção”, conforme as palavras de Freud, em um trecho que citamos). Assim, a partir de sua própria teoria dos “sonhos noturnos”, Freud providenciou diversos eixos que permitem uma avaliação orientada pelo referencial da psicanálise dos sonhos diurnos. Este tipo de fundamentação teórica deve nos permitir avanços posteriores em nossas pesquisas sobre os “sonhos diurnos”.

Retratamos, por fim na “Intepretação dos Sonhos”, a questão da “consideração pela figurabilidade”, por encontrar, neste tipo de trabalho de sonho, uma suma importância para a compreensão da natureza do conteúdo dos sonhos diurnos. O trabalho de figuração “transvasa” diversas linguagens presentes nos pensamentos oníricos, com variáveis graus de abstração, para uma base “imagética” visual e concreta; o que permite, por um lado, que ligações entre os pensamentos inconscientes que não poderiam se manifestar nos sonhos possam surgir na forma de imagens e, por outro, auxilia no trabalho de “condensação dos sonhos”. Notamos a asserção de Freud que afirma que em todas as linguagens, devido à sua evolução, os conteúdos concretos, mais primitivos e antigos são mais facilmente associáveis do que os conteúdos abstratos. Assim, a figuração é este trabalho que garante que os pensamentos dos sonhos, por mais sofisticados e inexprimíveis que pudessem ser em sua abstração, possam ser convertidos a uma forma mais primitiva de linguagem, uma forma que faz uso, essencialmente das imagens e de sua grande capacidade de associação e transmissão de sentidos. Se considerarmos os sonhos diurnos como formações submetidas ao “trabalho de sonho” em seus vários fatores, passaremos a valorizá-lo, por compreender que por trás de sua “simples fachada” toda sorte de conteúdo e pensamento

inconsciente pode se fazer presente. A interpretação dos sonhos diurnos, ganharia, a meu ver, assim, uma relevância clínica, que poderia ser considerada em alguma medida similar à destinada aos “sonhos noturnos”.

Por fim, analisamos as interessantes e muito profícuas questões de tradução de algumas expressões alemãs utilizadas por Freud. A profundidade de Luiz Hanns (1996) nos guiou rumo a interessantes considerações. Destacamos aqui nesta etapa final de nosso trabalho, a diferença demarcada entre “representação” (*Vorstellung*) e “figuração” (*Darstellung*). Fomos informados de que a primeira se porta essencialmente a uma “reprodução” de “algo prontamente acessível” na psique, de algo facilmente evocável a partir de experiências prévias guardadas na memória. Já a segunda se porta à “produção” de algo novo, de um conteúdo que não figurava na psique. Figurar significa “dar forma apreensível” a algo que antes não dispunha dessa forma para se manifestar, mas concomitantemente “mostrar” a outrem – e a si próprio, como discutimos. Este movimento duplo, expresso pela *Darstellung*, indica algo extremamente estranho e curioso. Ao “imaginificarmos” algo por meio de um ato de *darstellen*, damos forma a algo, e fazemos com que esta “forma” se torne passível de apresentação, duplamente para si mesmo e para outrem. O movimento que configura algo para si, é o mesmo que lança a possibilidade de apresentá-lo a outrem! Penso que a compreensão do processo de “figuração” é de grande importância para a compreensão dos sonhos diurnos, pois como já vimos, reporta a forma como se constituem esses sonhos, bem como para onde apontam e de onde surgem.

Enfim, esperamos ter cumprido com a nossa tarefa maior, levantar uma reflexão baseada na obra de Freud, para dar um corpo e sentido a questões e inquietações pessoais que me acompanharam por tantos anos. Os sonhos diurnos sempre se apresentaram como uma espécie de subterfúgio para mim, mas além de me escudar das dificuldades inerentes à vida, foram de grande valia para minha análise e para minha busca por mim mesmo. A intenção da pesquisa era simples, e mirava conseguir de fato articular um campo de investigação para o objeto em questão, bem como aproximá-lo e relacioná-lo aos campos já existentes. Optamos pelo referencial da psicanálise para esta pesquisa por ela se apresentar como uma disciplina historicamente valente, sempre pronta a escavar e buscar o espírito humano, dentre as infinitas valias que este pode apresentar.

Terminamos, assim, o percurso deste trabalho, e agradecemos ao leitor pela companhia.

REFERÊNCIAS

Botella, C.; Botella, S. (2007) *La figurabilité psychique*. Paris: In Press.

Breuer, J.; Freud, S. (2006). *Estudos sobre a histeria*. Edição *Standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol II). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado entre 1893-1895).

Farlex (2014). The free dictionary by Farlex. Recuperado de: <http://www.thefreedictionary.com/>

Freud, S. (2013). *A interpretação dos sonhos, volume 1*. (R. Zwick, trad.). Porto Alegre: L&PM. (Trabalho original publicado entre 1900-1901).

Freud, S. (2013). *A interpretação dos sonhos, volume 2*. (R. Zwick, trad.). Porto Alegre: L&PM. (Trabalho original publicado entre 1900-1901).

Freud, S. (2011). *O eu e o id, “autobiografia” e outros textos*. (P. Souza, trad). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado entre 1923-1925).

Freud, S. (2010). *O inquietante. História de uma neurose infantil [“O homem dos sonhos”], além do princípio do prazer e outros textos*. (P. Souza, trad). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado entre 1917 e 1920).

Freud, S. (2010). Os instintos e seus destinos. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos*. (P. Souza, trad). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915a).

Freud, S. (2010). O inconsciente. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos*. (P. Souza, trad). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915b).

Freud, S. (2010). Complemento metapsicológico à teoria dos sonhos. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos*. (P. Souza, trad). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915c).

Freud, S. (2010). *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia [“O caso Schreber”], artigos sobre técnica e outros textos*. (P. Souza, trad). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado entre 1911-1913).

Freud, S. (2006). O Inconsciente. Edição *Standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado entre 1914-1916).

Freud, S. (2006). A interpretação dos sonhos. Edição *Standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol IV e V). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).

Freud, S. (2006). Sobre os sonhos. Edição *Standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol V). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1901).

Freud, S. (2006). As neuropsicoses de defesa. Edição *Standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol III). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1894).

Freud, S. (2003) *A interpretação das afasias*. (A. Pinto, trad.) Lisboa: Edições 70. Título original: “L’interpretazione delle Afasie. Uno Studio crítico.”. Tradução italiana da primeira versão de “Zur Auffassung der Aphasien. Eine Kritische Studie”. (Trabalho original publicado em 1891).

Gianotti, J. A. (1964) John Stuart Mill: o psicologismo e a fundamentação da lógica. Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, nº 269.

Hanns, L. (1996) *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.

Hoauiss, A.; Villar, M. S. (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva.

Laplanche, J.; Pontalis, I. (2012). *Vocabulário da Psicanálise*. (P. Tamen, trad, 5ª tiragem). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1967).

Leite, E. B. P. (2001). *A figura na clínica psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Loffredo, A. M. (2006). Parábolas freudianas: as narcísicas feridas e o arqueólogo. In: *Jornal de psicanálise* (pp. 309-322). São Paulo: SBPSP.

Loffredo, A. M. (2004). A noção de representação na metapsicologia freudiana. In F. Hermann; T. Lowenkron (Org.), *Pesquisando com o método psicanalítico* (pp. 289-308). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Loffredo, A. M. (1999). *Em busca do referente, às voltas com a polissemia dos sonhos: a questão em Freud, Stuart Mill e Lacan*. *Psicol. USP* (São Paulo, v.10, n.1.) Recuperado de: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641999000100009&lng=en&nrm=iso

Masson, J. (1986). *A correspondência completa de Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago.

Mill, J.S., (1974b). Sistema da lógica dedutiva e indutiva. In: *Os Pensadores*. (J. Coelho trad., v.34) São Paulo: Abril Cultural (Trabalho original publicado em 1843).

Mill, J.S. (1979) *An examination of Sir William Hamilton's Philosophy*. Toronto: University of Toronto Press. (Trabalho original publicado em 1866).

Monzani, L. R. (1989). Freud: o movimento de um pensamento. Campinas: Editora da Unicamp.

Portella, O. (1983). *Vocabulário Etimológico Básico do Acadêmico de Letras*. Recuperado de: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/letras/article/viewFile/19320/12605>

Rizzuto, A. M. (1990). "A proto-dictionary of psychoanalysis", in *The International Journal of Psychoanalysis* (vol 71, parte 2, pp. 261-270).

Strachey, J. (1996). Apêndice C. Palavras e coisas. In Freud S. (1914-1916), *A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos*, Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol XIV). Rio de Janeiro: Imago.

Strachey, J. (1996). Nota 6. In Freud S. (1914-1916), *A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos*, Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol XIV). Rio de Janeiro: Imago.

Thesaurus (2014). Thesaurus Dictionary. Recuperado de: www.thesaurus.com/